Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23334 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 27 SETEMBRO 90 70$00

Fim de tarde quente em Belém

Carlos Melancia nas mãos de Soares

O governador de Macau chega ao princípio da tarde a Lisboa. Vem oficialmente tratar de assuntos relacionados com o Grupo de Ligação Luso-Chinês, mas o grande tema é o «caso do fax». Por causa dele, mil olhos observarão os seus passos. Promete pronunciar-se, mas o mais provável é que o faça só depois de tomar conhecimento oficial dos resultados do inquérito da Procuradoria e de se encontrar com Mário Soares. Nas mãos do Presidente está a decisão: manter, demitir ou suspender Melancia. O PRD, duro na crítica a Belém, insiste nesta última fórmula. O PSD prefere não se imiscuir: trata-se de uma «questão de Estado», fazendo fé na justiça. Entretanto, o processo segue os seus trâmites. Após a notificação, os arguidos têm cinco dias para requerer a instrução. É mais um episódio do romance do «fax de Macau». Que já vai longo, mas não tem ainda desfecho marcado. O «DL» conta-o a par e passo, em Grande Angular. **Págs. 2, 3 e 4**

Soares recebe hoje Carlos Melancia: punição política à vista?

O Governador de Macau promete falar, mas não diz quando

A história do mais quente caso da *rentrée* vista à lupa

A Suíça ganhou a guerra

Do nosso enviado especial a Viena, Paulo David

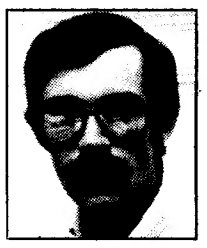
Indirectamente, a Suíça está à mesa das negociações europeias em curso. A sua experiência como confederação, aliada à manutenção de uma estrutura militar puramente defensiva, domínios em que a Comunidade Europeia ainda é incipiente, são pontos de referência. Por isso, quando se fala já num sistema de milícias com uma actuação de âmbito regional, na Europa do pós-Guerra Fria, isso significa, de algum modo, a adopção da receita suíça. Sendo assim, não é, pois, descabido afirmar que o pequeno país chamado Suíça ganhou a guerra, não obstante a sua tradicional neutralidade. **Pág. 10**

Estar vivo já é um luxo

Da nossa enviada especial à Jordânia, Gisela de Oliveira

Todos os dias chegam ao campo de Mercy, «terra de ninguém» entre a Jordânia e o Iraque, cerca de mil refugiados do Kuwait. A maior parte são oriundos do Bangladesh, Sri Lanka e Índia. É lá que os médicos portugueses da AMI se instalaram para os receber. Os que chegam perderam quase tudo, todas as riquezas acumuladas durante anos de trabalho no rico emirato. Mesmo assim estão felizes, apenas pelo facto de estarem vivos. Fugiram de uma situação que teima em persegui-los. Na Jordânia espera-se o conflito a todo o momento, com a população disposta a morrer por Saddam Hussein. **Pág. 9**

Um comissário por país



Do nosso correspondente em Bruxelas, José Rui Cunha

Os membros permanentes da CEE pensam seriamente na possibilidade de reduzir o número de comissários, de 17 para 12, o que significa que, a ser adoptada essa medida, cada país manterá apenas um representante em Bruxelas. Trata-se de uma questão que não é pacífica. No entanto, países como Portugal, que só têm um comissário, manifestam-se favoráveis a essa eventualidade. Os comissários, cujo mandato é de quatro anos, desempenham uma tarefa que não é fácil, na medida em que têm o dever de actuar com toda a independência, quer perante cada Governo, quer perante o Conselho. **Pág. 9**

Cabo Verde/Açores: insularidade (mal) comparada
❑ *Crónica de Mário Mesquita*
Págs. 14 a 16

Ruella Ramos na RTP
Pág. 11

Arnaldo de Matos acusa RTP de violação domiciliária
Pág. 5

Saddam ameaça diplomatas
Pág. 9

Alta Autoridade investiga empresas de «Time-Sharing»
Pág. 11

Hoje: Suplemento Literário

PORTE PAGO

Mais do que o PS, é Soares quem mais afectado sai

Crime, vingança pessoal, duas pitadas de Oriente para dar um ar exótico, ligações dos protagonistas ao mundo político. O «caso do fax» (já) manchou a imagem da soberania portuguesa em Macau

Todos os ingredientes para um bom romance

O «caso do fax de Macau» será, na sua essência, igual a tantos outros que escapam à vigilância da justiça. Uma empresa «aposta tudo» na vitória num concurso. Paga para que gente com influência junto do poder «facilite» o negócio. E exige o reembolso quando se vê preterida em favor de outra concorrente. Tudo ficaria, porventura, no mais reservado dos segredos, não fosse um dos homens que recebeu a «comissão» querer vingar-se de quem gorou a concretização do negócio, fazendo chegar à Comunicação Social um fax comprometedor.

Troquemos isto por miúdos. A empresa é a Weidleplan, alemã, representada em Portugal por Strecht Monteiro, filho de um «histórico» socialista que chegou a ocupar cargos de menor importância no PS. O objectivo é ganhar o concurso para consultoria ao Gabinete do Aeroporto de Macau (GAIM), uma pequena fatia de um dos grandes empreendimentos que Portugal quer deixar de «prenda» à China, quando o território mudar de soberania, ao dobrar do século.

Monteiro sabe bem quem pode dar uma «forçinha». Contacta Rui Mateus, fundador do PS e um dos sócios da Emáudio, que goza de boas relações com Carlos Melancia, o representante da soberania portuguesa em Macau. É uma vez mais o símbolo socialista na ribalta.

As ligações ao PS

A Emáudio, criada em Março de 1987, era uma espécie de parente próximo da Fundação de Relações Internacionais (FRI), instituição ligada ao PS, de que Mário Soares foi o primeiro presidente, sendo substituido por Mateus, aquando da eleição para Belém. Os sócios fundadores eram todos personalidades ligadas ao partido: Rui Mateus, João Tito de Morais, Menano do Amaral, Carlos Melancia, Bernardino Gomes, Raul Junqueiro, Almeida Santos e João Soares. Para a «nossa» história, só os quatro primeiros interessam, já que os restantes se afastaram «a tempo». O que não dilui, de modo nenhum, as conexões políticas.

Na euforia que varreu a Comunicação Social portuguesa há dois, três anos, a Emáudio desempenhou um papel central. Apresentava-se com grandes ambições em todos os *media* e brandia à descarada um trunfo chamado Robert Maxwell, o magnata britânico da Imprensa. Quis canais de televisão e rádio, jornais, revistas e um aparelho técnico completo para produção gráfica. Uma mão cheia de nada foi o resultado.

Por cá, a Emáudio «criou» uma estação de rádio (a «Canal 3»), que jamais emitiu, e um diário (o «Zero Horas»), que não chegou às bancas. Lançou o semanário «Notícias de Primeira Página» - após uma «guerra de alecrim e manjerona» com a RTP por causa do título - e a revista «Face». Dois projectos que tiveram morte precoce.

No Oriente, apostou na aquisição de 49 por cento das acções da TDM (Teledifusão de Macau). Maxwell, que chegara a ser recebido por Mário Soares, deslocou-se ao território com os seus sócios portugueses, em Outubro de 1987, para negociar com o Governador. Logo choveram insinuações de que Carlos Melancia estaria a negociar consigo próprio, pela sua ligação à Emáudio.

Esta parte «colateral» da história está por esclarecer em definitivo. Melancia, que tomou posse do cargo em Julho de 1987, alegou que se desvinculara da Emáudio nessa ocasião. Por carta, de controverso valor legal. Esta questão não teria qualquer interesse para o «caso do fax», não fosse a suspeita de que recebeu uma parte da verba de 50 mil contos de «luvas» aos homens da Emáudio como pagamento das acções da empresa alienadas.

Zangam-se os compadres...

Mas retomemos o fio da meada. Mateus aceita a proposta de Strecht Monteiro de «interceder» junto de Melancia, com quem (à data) mantinha excelentes relações. Fica combinado que a «prestação de serviços» - como a classificou, nas suas declarações à Procuradoria - renderia 606 milhões de marcos, os tais 50 mil contos. Para ele e para os seus sócios, Menano do Amaral e João Tito de Morais, que pouco tempo depois se afastaria da Emáudio.

Monteiro e Beier, um dos administradores da Weidleplan, deslocam-se por diversas vezes a Macau, para tratar do negócio. A empresa cumpre rigorosamente o compromisso - o dinheiro é enviado a Monteiro, que o faz chegar aos seus destinatários *(ver cronologia, nestas páginas)*.

Porém, os homens da Emáudio, em processo de «divórcio» com Melancia por causa da operação TDM, já não estão em condições de garantir a vitória da empresa alemã. Mal toma conhecimento do resultado do concurso, Richard Weidle, o sócio maioritário, perde a cabeça. Atira-se ao fax e exige de Carlos Melancia a devolução do dinheiro gasto, acrescentando juros e outras despesas, num total de cerca de 77 mil contos.

Durante quase quatro meses, não se sabe muito bem que evolução registou o «romance». Subitamente, porém, entra nas manchetes dos jornais, por iniciativa do próprio Rui Mateus, que faz chegar o fax ao «Independente».

As verdadeiras razões do gesto ficarão, porventura para sempre, por apurar. Vingança de Melancia, que inviabilizou o negócio da TDM? Ou do seu sócio Tito de Morais, com quem entretanto se incompatibilizou? Ou, ainda, do próprio PS, que sob a direcção de Jorge Sampaio lhe retirou todo o poder (militante desde a primeira hora, atingira o primeiro plano da política partidária como responsável pelas relações internacionais, pela mão de Mário Soares)?

Seja como fôr, as sequelas do caso prejudicaram, mais do que o Partido Socialista, o próprio Presidente da República, na sua qualidade de responsável político pelos assuntos de Macau. Amizades antigas não se riscam do mapa do pé para a mão e demissões «precoces» também não são hábito nesta terra. Sem dúvida, um osso duro de roer para Soares. Mais a mais com o PSD, na sombra, a vislumbrar uma boa oportunidade para desviar as atenções das suas próprias mazelas (o «caso Beleza», claro).

A guerra da Informação

Pela importância das personalidades envolvidas, a

Um escândalo que manchou a imagem da soberania portuguesa no Oriente

GRANDE ANGULAR

Rui Mateus: o homem-chave de todo o processo

Melancia: encontro decisivo em Belém

O Governador de Macau, cuja chegada a Lisboa está prevista para o princípio da tarde de hoje, deverá tomar uma posição pública sobre o «caso do fax» logo que tenha conhecimento oficial dos resultados do inquérito movido pela Procuradoria Geral da República.

Fonte próxima de Carlos Melancia disse ao «DL» que não está ainda decidida a forma de tornar público o seu posicionamento, contrariando informações segundo as quais se preparava um encontro com os jornalistas para amanhã. «Pode ser através de comunicado ou de conferência de Imprensa e ainda hoje», disse o nosso informador.

Melancia, que como o nosso jornal adiantou ontem deverá ser notificado pela PGR à chegada, será ainda hoje recebido pelo Presidente da República. A única informação oficial aponta para que a audiência se realize após o encontro regular de Soares com Cavaco, marcado para as 17 horas. Recorde-se que a possibilidade de Belém vir a «retirar o tapete» a Melancia, através da exoneração ou suspensão de funções, tem sido abordada com insistência na Comunicação Social.

O processo, segundo a Lusa, já se encontra sob a alçada do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP), onde será feita a instrução. Os arguidos dispõem de cinco dias úteis, a partir da data de notificação, para a requerer. Esta fase do processo, que deverá ocorrer no prazo de quatro meses, destina-se ao confronto de indícios incriminadores, podendo vir a concluir-se pelo arquivamento do processo, caso não sejam reunidas provas suficientes.

Imprensa macaense admite demissão

A mais recente evolução do caso provocou já diversas reacções. Os jornais macaenses não hesitam em associar à questão a partida do Governador para Lisboa. O «Ou Mun», geralmente conotado com as posições chinesas, lança a hipótese de demissão e destaca o «clima de anormalidade» que se apoderou da Administração nos últimos dias.

O «Va Kio» alinha pelo mesmo diapasão. Porém, reproduz declarações de personalidades influentes, que em geral atribuem à possível demissão um carácter «altamente prejudicial», caso não seja provada a existência de corrupção. Mais «suave» é o «Gazeta Macaense», para o qual Melancia «já foi julgado pelo tribunal da opinião pública». Segundo apurou o «DL», meios jurídicos próximos da Administração acham «ridícula» a possibilidade de Melancia vir a ser condenado, garantindo que os factos reunidos são insuficientes para o acusar.

O PSD e o PRD foram os únicos partidos que, em Lisboa, se pronunciaram sobre a situação. Para o secretário-geral social-democrata, trata-se de uma «questão de Estado», pelo que não é legítimo usá-la «para o arremesso político». Falcão e Cunha, que falava no intervalo de uma reunião da Comissão Política do partido, acrescentou que «o PSD acredita no poder judicial, como sempre acreditou».

O PRD, por ser turno, divulgou um comunicado em que afirma não aceitar «a passividade eventualmente cúmplice - ou a eventual cumplicidade visivelmente passiva do Presidente da República, que, teimosamente, mantém em funções o Governador de Macau, apesar de o mesmo ser arguido num processo de corrupção».

Os renovadores, que continuam empenhados em tratar a questão no plano parlamentar, consideram «inaceitável» o silêncio de Mário Soares, que na sua óptica deveria suspender de imediato Carlos Melancia.

As polémicas do Grupo de Ligação

O «Gazeta Macaense» de hoje adianta explicações para a alusão de Carlos Melancia, feita momentos antes da partida para Lisboa, a um «problema sério e grave» no Grupo de Ligação Luso-Chinês, que justificaria a sua deslocação. Segundo aquele jornal, o Governador entende que têm vindo a ser retiradas competências à administração macaense. Mais: considera que Portugal está a submeter-se à estratégia chinesa. Esta apreciação crítica resultará do facto terem sido constituidos núcleos de trabalho constituidos no seio do Grupo de Ligação, de que apenas fazem parte elementos chineses nomeados pelo Governo de Pequim e portugueses nomeados pelo Governo da República.

A Melancia, por outro lado, também não agradaram recentes declarações do ministro do Comércio e Turismo. De regresso de Tóquio, Faria de Oliveira, que não visitou Macau, terá declarado na sua escala em Hong-Kong que «a estratégia económica do Governador de Macau caiu por terra».

O representante português no Grupo de Ligação, Carlos Portela, afirmou entretanto à agência Lusa estar convencido de que no órgão «nada se passa que possa causar preocupação». Admitiu, tão só, «pequenos problemas, facilmente ultrapassáveis, no Grupo de Terras», resultantes de atrasos verificados na marcação de reuniões.

Redacção «DL»

história do fax de Macau assumiu, para lá das incidências legais, contornos de uma verdadeira «guerra da informação», com os diversos jornais a divulgarem sucessivamente novos elementos. Descontando episódios de intriga palaciana não confirmáveis, fiquem alguns exemplos.

O «Independente» lançou a «confusão» e, como é natural, «rentabilizou» noticiosamente o caso. O «Expresso» «descobriu» que o número de destino do fax fatal não era o da Gráfica-Luso Alemã. «O Jornal» foi o primeiro a falar do envolvimento de Rui Mateus. O «Público» aludiu a fotocópias do fax enviadas por Monteiro a «um elemento do Palácio de Belém, Almeida Santos e Mateus. O «DL» adiantou que parte dos 50 mil contos teriam chegado a Melancia, mas, alegadamente, a título de pagamento da sua quota na Emáudio. E de novo o «Independente» afirmou que os investigadores encontraram uma obra de arte no cofre bancário de Melancia, o que mais tarde veio a negar.

Pelo meio, algum «veneno» mútuo: o «Expresso» revelou a identidade da fonte do «Independente» (o próprio Rui Mateus) e «O Jornal» não se coibiu de reproduzir declarações de Strecht Monteiro, justificando o rol de mentiras ao semanário de Paulo Portas com o facto de «só dar entrevistas sérias a jornais sérios».

E em Macau? Como reagiu a Imprensa do território ao escândalo? Grande parte, limitou-se à transcrição do que por cá se ia publicando sobre a matéria, sem qualquer esforço de investigação. Ou «optou», levianamente, pela montagem de histórias, não recorrendo a uma só fonte. Foi o caso do «Macau Hoje», novo diário propriedade de um conhecido causídico declarado inimigo de Melancia. Desmentidos não se usam e a credibilidade do pequeno tablóide nem um processo judicial justificou, aos olhos dos atingidos.

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

O tempo da Justiça

Desde que, em Fevereiro, o «Independente» publicou a primeira notícia sobre o *fax* enviado pela Weidleplan a Carlos Melancia, que o chamado «caso do *fax* de Macau» não mais saiu das páginas dos jornais.

O Governador de Macau viria mesmo a queixar-se de estar a ser vítima de um «julgamento popular». E a insinuar, ameaçando mover um processo à Procuradoria Geral da República por violação do segredo de justiça, que o investigador, não demasiado seguro de conseguir levar a bom porto as suspeitas sobre a sua culpabilidade, estaria a tentar atingi-lo por intermédio dos jornais.

«Julgamento popular?»

É verdade que, como o lembra, na sua nota sobre o resultado do inquérito, a Procuradoria-Geral da República, «assiste aos arguidos a garantia constitucional de serem presumíveis inocentes até ao trânsito em julgado de eventual sentença condenatória». Mas se não é menos verdade que o cidadão Carlos Melancia tem o direito, comum a todos os outros, de ver o seu bom nome prezado e a sua presumível inocência respeitada até prova em contrário, já o Governador de Macau tem, por força do cargo, a obrigação de manter-se acima de toda a suspeita - e, quando atingida por esta, de vir a terreiro prestar contas públicas da sua actuação.

Por maior simpatia que nos possa merecer que o cidadão Carlos Melancia (ou a cidadã Leonor Beleza), alvo de uma acusação que considera falsa, exija, até prova em contrário, o reconhecimento da sua inocência, não nos pode merecer a mesma compreensão que o Governador de Macau (ou a Ministra da Saúde) invoque o segredo de justiça para evitar esclarecer a opinião pública sobre uma acusação que, por pender sobre quem pende, a todos naturalmente diz respeito. Sobretudo quando, sobre a mesma, se verificaram já, em declarações a jornais, versões no mínimo contraditórias.

Convicto de que nada tinha feito de errado e não devia, portanto, demitir-se por algo que considerava uma calúnia, queria Carlos Melancia continuar como Governador de Macau? Pois que o fizesse - mas viesse a público esclarecer, claramente, os fios que ligavam a Weidleplan, a Companhia do Aeroporto de Macau e o Governador do Território, e este aos sócios da Emaudio. Percebe-se mal que, para os arguidos também, o segredo de justiça, que deve calar investigadores e advogados, funcione como mordaça. Sobretudo - e mesmo sabendo que, como diz o povo, «pela boca morre o peixe» - se se consideram inocentes.

Face às conclusões - ignoradas ainda pela opinião pública - do investigador, irá agora, como hoje adiantam vários jornais, o Presidente da República demitir o Governador de Macau? Pode ser que sim - mas, se o fizer, fá-lo, no meu entender a que as convenções mandam chame modesto, na altura errada. Carlos Melancia deveria ter posto o cargo à disposição, e ser eventualmente suspenso de funções, em Fevereiro; deveria ter sido demitido à primeira contradição do seu discurso sobre o caso. Não o fez; não o foi. Neste momento, ele é apenas, se Paulo Portas tiver razão, acusado num processo que terminou apenas a sua primeira fase, e terá ainda que ser presente a um juíz. Ser suspenso? Talvez, embora tarde. Demitido? Mas não será melhor, **agora**, deixar que seja um Tribunal, e não só o Ministério Público, a julgá-lo?

Diana Andringa

Diz-se que «quem espera, sempre alcança». Neste caso, não fica provado. De tanto se esperar, perdeu o Governador, perdeu o Presidente da República, perdemos todos - que a má imagem das instituições de um país não alegra nenhum dos seus cidadãos ... nem sequer esses cidadãos sempre ao dis-pôr como alvos, que são os jornalistas.

GRANDE ANGULAR

O «caso do fax» dia a dia

1988
Dezembro

20- O Governo de Macau inicia o oficialmente designado «processo de consulta» para consultadoria ao Gabinete do Aeroporto Internacional de Macau (GAIM). A Aeroports de Paris apresenta uma proposta de 15,9 milhões de patacas e a Weidleplan de 32,7 milhões.

1989
Janeiro

- A Weidleplan envia a Strecht Monteiro os 606 mil marcos (cerca de 50 mil contos) destinados a Rui Mateus, Menano do Amaral e João Tito de Morais. Monteiro fez a entrega, em numerário, depois de cambiar o dinheiro numa dependência da União de Bancos do Porto.

Maio

12- O serviço é adjudicado à Aeroports de Paris.

Outubro

18- A Weidleplan envia faxes à Gráfica Luso-Alemã, em Vila da Feira, e a Carlos Melancia. Reclama o reembolso, em face do fracasso da operação.

1990
Fevereiro

16- A história do «fax de Macau» vem pela primeira vez a público, nas páginas do «Independente».

20- O deputado Leonardo Ribeiro de Almeida aborda o tema no plenário da Assembleia da República. É colocada a hipótese, nunca concretizada, de o PSD solicitar a abertura de inquérito parlamentar.

21- Na sequência da reportagem, o procurador-geral da República, Cunha Rodrigues, determina a abertura de inquérito.

22- Melancia envia à agência Lusa uma declaração assinada. Considera o conteúdo da notícia «injurioso e difamatório» e coloca-se à disposição da Assembleia da República para o esclarecimento do caso.

23- Em declarações ao «Independente», Richard Weidle fala em «difamação para com a sua empresa» e considera «totalmente inexplicável» a origem do fax. O semanário afirma que, de regresso de Itália, Mário Soares estará a receber pressões para demitir Melancia. «O Jornal», por seu lado, garante que o Presidente já contactou o Governador e reproduz novas declarações de Strecht Monteiro: «Em 99,9 por cento sei quem está por detrás desta confusão toda... Tenho de aguardar altura própria para falar».

Março

1- Richard Weidle admite, a um jornal de Estugarda, a autoria da assinatura do fax. Mantém, porém, que terá sido usada sem sua autorização.

2- Rodrigues Maximiano, procurador-adjunto que conduz as investigações, ouve Strecht Monteiro.

6- Melancia é recebido por Mário Soares antes de se deslocar a São Bento, para ser ouvido pela Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias. Segundo fontes presentes na reunião, terá afirmado que para o projecto de consultoria à GAIM foi feita uma «consulta limitada a duas empresas» e admitido que, em Macau, é «prática habitual o recebimento de comissões para adjudicação de obras».

9- Entrevistado por «O Jornal», Strecht Monteiro assume a sua condição de intermediário da Weidleplan. Diz que mentiu intencionalmente ao «Independente».

Maio

16- Por solicitação da Procuradoria, a Polícia Judiciária efectua uma busca às instalações da Emáudio.

17- Entrevistado pelo «DL» no território, Carlos Melancia considera que os ataques ao Governador obedecem a *timings*. «Os problemas de Macau aparecem em Lisboa quando se discute a revisão constitucional ou se perfilam alterações ao Estatuto ou candidaturas à Presidência», afirma.

Junho

6- Acompanhado do subinspector Coutinho, o procurador-adjunto desloca-se a Macau para investigações, no decurso das quais interroga membros do Governo e altos funcionários.

16- O «Expresso» revela que Strecht Monteiro foi agredido à porta de casa. Na sequência do atentado, a sua residência foi assaltada, tendo desaparecido documentação relacionada com o processo.

Julho

3- Rodrigues Maximiano procede à acareação dos envolvidos: Strecht Monteiro, Rui Mateus, Menano do Amaral e João Tito de Morais.

À saída de audiência com Soares e em reunião com a comissão parlamentar: Melancia não se poupou à investigação «política»

12- O PRD informa o Presidente da República de que tenciona levar de novo ao Parlamento a questão de Macau.

28- Carlos Melancia ao «Expresso»: «Não vou apresentar nenhum pedido de demissão».

Agosto

1- A Procuradoria solicita a colaboração da Alta Autoridade Contra a Corrupção.

3- O «Independente» revela que a Inspecção-Geral de Finanças está a efectuar uma auditoria às contas da Emáudio;

- Mário Soares telefona a Carlos Melancia, prometendo que não o demite. A informação, confirmada pelo director do Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, é veiculada pelo «Expresso» no dia seguinte.

17- O «Independente» afirma que os investigadores descobriram uma obra de arte em cofre bancário de Melancia.

18- Melancia emite comunicado no qual se considera vítima de julgamento popular. «Tenho respeitado integralmente as regras do sigilo que rodeiam este tipo de procedimento. Outros as têm ignorado, permitindo a divulgação de elementos que desvirtuam a verdade e põem em causa a minha honorabilidade», diz.

25- Segundo o «Expresso», o Tribunal Constitucional decidiu entregar à Procuradoria Geral da República a declaração de rendimentos de Melancia.

29- A Inspecção-Geral de Finanças conclui a auditoria à contabilidade da Emáudio. São detectadas irregularidades fiscais e «aspectos pouco claros» quanto ao envolvimento da empresa na compra da Teledifusão de Macau (TDM) e ao trânsito de acções entre Melancia e os outros sócios da empresa.

Setembro

5- Mário Soares recebe em Belém o procurador-geral da República, Cunha Rodrigues.

25- A Procuradoria emite uma nota sobre o inquérito, concluido dias antes. Os factos apurados permitem ao Ministério Público formular «acusações que vão ser notificadas aos arguidos», de acordo com o texto. Não é revelada a sua natureza, nem a identidade dos atingidos. Melancia reage de imediato: a atitude introduz «elementos perturbadores» e coloca-o numa «insólita situação».

P. M.

TREVO DA SORTE

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Telefone _____

Tem Televisor? _____ N.º Licença _____

Pretende Participar
Estúdio _____ ☐
Casa, pelo telefone _____ ☐

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso "**Trevo da Sorte**" RTP, **apartado** 158 – 4402 VILA NOVA DE GAIA CODEX

O PREÇO CERTO

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

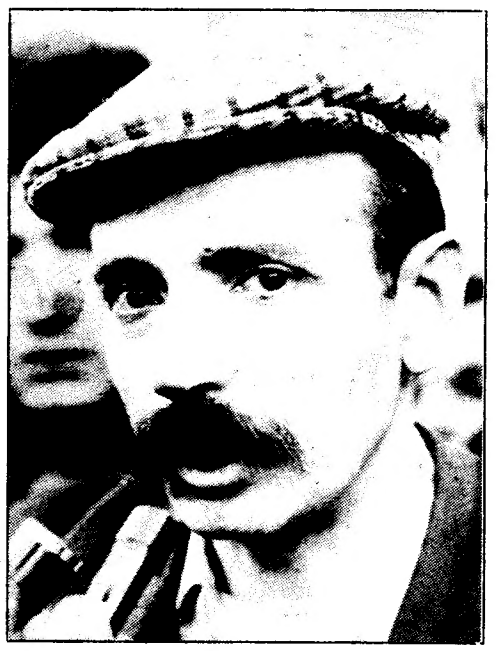
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para: Concurso O Preço Certo, Apartado 4315 – 1508 Lisboa Codex.

Queixa no Tribunal Criminal de Lisboa

Arnaldo de Matos acusa RTP de «violação domiciliária»



A RTP está sob fogo cruzado: acusada por Lopes Cardoso de manipulação, vai ser processada por Arnaldo Matos. A FAUL também acusa a estação da 5 de Outubro de «manipulação de informação», sublinhando que o PS «não permitirá a subversão das próximas eleições».

Lopes Cardoso ouviu atribuirem-se-lhe afirmações que não fez, numa declaração (a pedido da própria televisão) em nome do Secretariado Nacional do PS. Depois, ao pretender esclarecer dúvidas e repor a verdade dos factos, a jovem apresentadora das «24 Horas» de terça-feira, «cortou-lhe» a voz. A Federação da Área Urbana do PS queixa-se da ausência da RTP numa conferência de Imprensa sobre os transportes colectivos de Lisboa.

Arnaldo Matos queixa-se de de «graves violações» ao seu domicílio particular, direito ao repouso e «intimidade e privacidade».

O ex-líder do MRPP/PCTP apresentou ontem queixa ao Tribunal Criminal de Lisboa por «filmagens não consentidas» e «gravações não autorizadas de vozes dos seus familiares e amigos durante o jornal '24 Horas' desse dia».

A RTP é ainda acusada, segundo um comunicado do PCTP/MRPP, de nesse mesmo serviço noticioso ter «divulgado para todo o País não só a residência particular do dr. Arnaldo Matos, como, por duas vezes consecutivas, o núnero de telefone de sua casa, que é confidencial».

Outra acusação que aquele advogado faz à televisão é de que terá apresentado «os ofendidos por esta actuação acintosa e ilegal como os pretensos responsáveis por um incidente que só a RTP provocou e criou».

«Manipula e distorce as opiniões»

A Radiotelevisão Portuguesa passou quase todo o dia 18 a procurar contactar Arnaldo Matos para o seu escritório de advocacia. «Apesar de saber que não estava interessado em dar uma pretendida entrevista», foi a sua casa nesse dia á noite - alega o queixoso.

Arnaldo Matos, que se reserva o direito de no momento processual próprio apresentar o correspondente pedido cível de indemnização «pelos graves danos materiais e morais causados», afirma ter-se recusado a dar qualquer entrevista à RTP por entender que esta «manipula e distorce as opiniões e pontos de vista de todos os partidos e personalidades que se opõem à política governamental». Questionada pelo «DL» a RTP entendeu só dever pronunciar-se quando, eventualmente, for notificada.

É a terceira queixa apresentada às autoridades contra a RTP no mesmo dia. Também ontem, o dirigente socialista Lopes Cardoso queixou-se ao Provedor de Justiça contra a RTP, acusando-a de «manipulação» de declarações suas prestadas na segunda-feira. À mesma hora, a FAUL avançava a sua intenção de apresentar queixa ao Provedor, como o fez Lopes Cardoso, por alegada «manipulação da Informação».

A história conta-se em poucas palavras: a FAUL promoveu uma conferência de Imprensa sobre os transportes colectivos de Lisboa, mas a televisão não compareceu, ao contrário da generalidade dois meios de comunicação social.

O secretário-cordenador foi contactado por uma jornalista da RTP que lhe solicitou informações sobre a referida conferência de Imprensa para serem inseridas no «Telejornal», mas obviamente recusou-se a colaborar com «tal simulação de liberdade de expressão e informação» - acentua a FAUL em comunicado.

Redacção «DL»

Câmara de Lisboa alerta para falta de diálogo do Governo

A questão transportes e, em particular, a expansão do Metro, bem como os financimentos para o arranque das obras no âmbito do PIMP, em Chelas foram dois temas que animaram a sessão pública de ontem da Câmara Municipal de Lisboa.

Durante a reunião que foi presidida por Rui Godinho, a substituir Jorge Sampaio, ausente no Brasil, o vereador responsável pelo pelouro do Trânsito, Machado Rodrigues, ainda no período de antes da ordem do dia manifestou-se preocupado pelo facto de o município lisboeta não ter sido consultado pelo Governo quando este tomou decisões estruturantes relativamente à expansão da rede do Metropolitano.

Machado Rodrigues leu, durante a sessão, uma carta que Jorge Sampaio enviou ao ministro das Obras Públicas, Ferreira do Amaral, a 24 de Setembro, na qual o presidente da Câmara faz referência a esta matéria. O vereador salientou que na missiva Jorge Sampaio alertou aquele responsável governamental para a falta de investimentos no desenvolvimento e modernização dos transportes públicos da cidade, nomeadamente no Metropolitano.

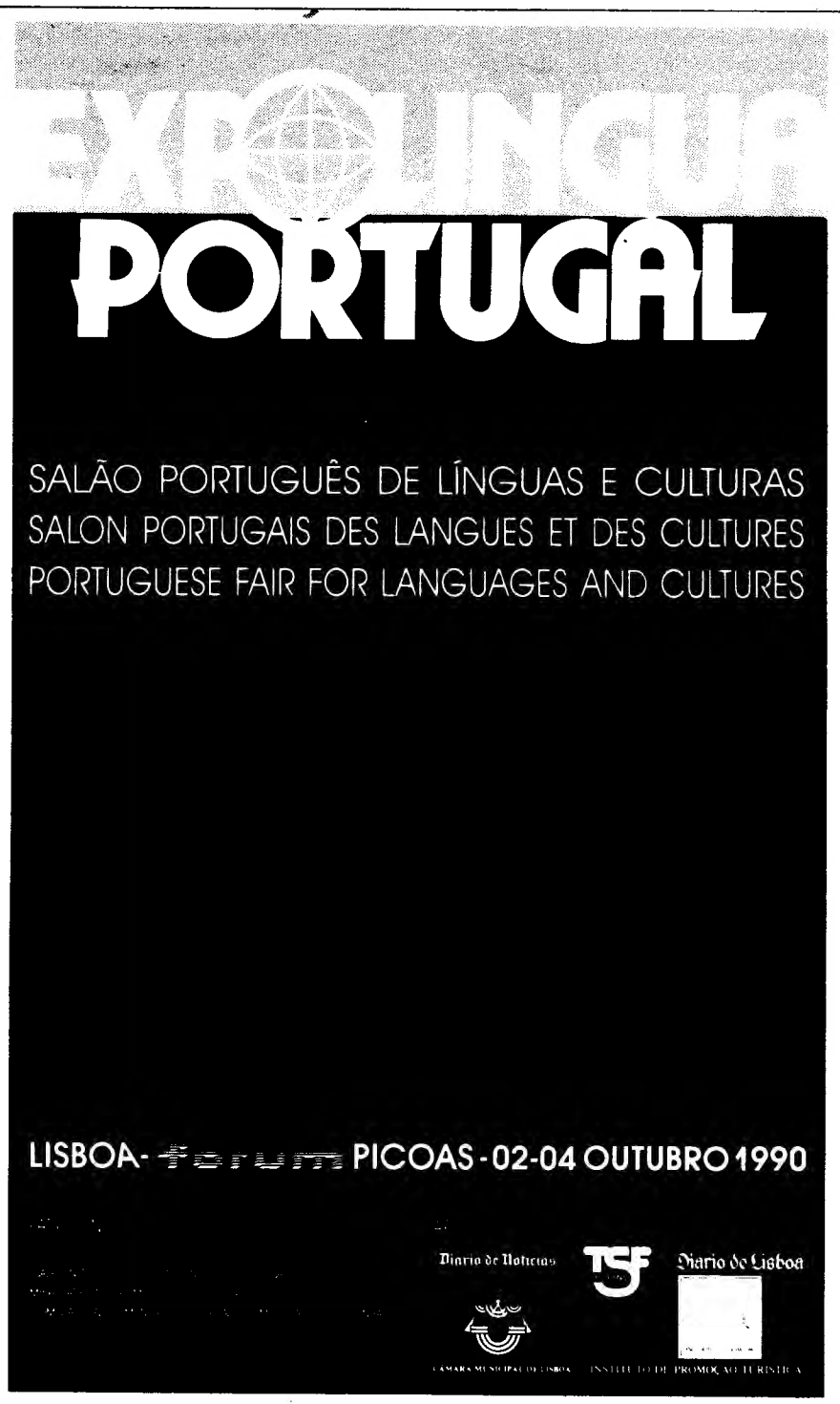
Relativamente à expansão da rede, o vereador socialista informou que o presidente manifestou ao ministro as posições da Câmara que vão no sentido de dar prioridade a um eixo central que partido do Cais do Sodré se desenvolva na direcção de Odivelas.

Segundo Machado Rodrigues, a Câmara mostrou ainda alguma preocupação face à possibilidade de vir a ser criado um eixo pesado de transportes da zona Oriental da cidade (Olivais/Chelas), a partir do Campo Grande e uma malha urbana que se poderá estender na direcção da Pontinha/Falagueira, a partir do Colégio Militar.

«A Câmara não pode ficar impávida perante a falta de diálogo e concertação sobre projectos essenciais para a cidade», disse o vereador.

Há cerca de 9 meses que um contrato de financiamento para o arranque das obras de construção do PIMP na zona L de Chelas espera a assinatura do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, IGAPHE. A demora fez com que o vereador Vasco Franco apresentasse ontem uma moção na qual «a CML manifesta ao Governo a sua maior apreensão pela suspensão dos financiamentos do IGAPHE para o programa PIMP e solicita a necessária dotação do PIDDAC por forma a que aquele programa possa prosseguir com respeito pelos contratos escritos e por forma a que novos programas de habitação possam ser lançados coom a necessária colaboração institucional entre a Câmara e a Administração Central».

L.A.B.



A.M.A.

Auto Monumental de Aveiro S.A.

Audi

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

POLÍTICA

Cavaco leva Timor à ONU

Cavaco Silva está mais optimista quanto à resolução do problema de Timor-Leste.

Em declarações à agência Lusa, após ter discursado nas Nações Unidas, o primeiro-ministro sublinhou que «não houve pedido de réplica da Indonésia ao meu discurso, ao contrário do que esperava, e o relatório do presidente da Comissão das Comunidades, o Italiano Michaelis, é-nos muito favorável».

Durante o discurso do primeiro-ministro, a delegação permanente da Indonésia, na ONU, não esboçou qualquer reacção quando Cavaco Silva traçou um paralelismo entre a invasão do Kuwait pelo Iraque e a ocupação militar indonésia em Timor.

A diplomacia de D'Jacarta tem optado por um intenso trabalho de bastidores, com contactos com diversos países europeus, tendo conseguido ao longo destes anos que a questão timorense seja afastada da agenda das Nações Unidas.

Cavaco Silva discursando ontem na ONU

Cavaco Silva disse na ONU que «a inobservância das resoluções adoptadas pelas Nações Unidas quanto à ocupação de Timor e a acomodação com a situação de facto criada constituem um grave precedente na vida internacional», e evidenciou o uso de dois pesos e duas medidas na aplicação dos princípios essenciais.

Mais tarde, já durante a viagem de regresso a Lisboa, o primeiro-ministro acentuou que o relatório da CEE exige, pela primeira vez, uma solução para a questão timorense que respeite a carta da ONU e as suas resoluções. E referiu ainda que, pela primeira vez, os habitantes de Timor-Leste são identificados como timorenses.

O primeiro-ministro confirmou que na última reunião de conversações, chegou-se a um consenso quanto ao envio, até final deste ano, de uma missão da ONU a Timor, integrando elementos portugueses e indonésios.

«Conseguimos recuperar muito do tempo perdido nos últimos anos», disse Cavaco Silva.

Durante o discurso na ONU, o chefe do Governo português sublinhou a importância de Portugal enquanto país mediador do conflito em Angola e destacou o papel de ligação entre os cinco países de Expressão Oficial Portugusa e a Comunidade Económica Europeia.

Collor segue modelo de privatizações portug

Quanto ao encontro com o Presidente Collor de Mello, última parte da viagem de 10 dias ao Japão e Estados Unidos, o primeiro-ministro revelou ter conversado sobre a crise no Golfo e o consequente aumento do preço do petróleo, na economia mundial, sobre a primeira cimeira Luso-brasileira e o Plano Collor para a recuperação económica do Brasil.

Collor de Mello explicou o seu plano de recuperação económica, admitindo que aplicou nele algumas das medidas efectuadas por Cavaco Silva, nomeadamente no que respeita às privatizações, em que o Brasil segue o modelo português.

O primeiro-ministro elogiou a imaginação e a coragem do presidente brasileiro ao aplicar o seu plano económico. Interrogado sobre se teria coragem de aplicar um plano semelhante em Portugal, Cavaco Silva disse apenas que «felizmente não é preciso aplicar medidas de austeridade no País». Embora destaque que também o seu Governo teve de tomar « algumas decisões difíceis na reforma estrutural».

Interrogado sobre o encontro em Washington com Teresa Terminassien, do Fundo Monetário Internacional, o primeiro-ministro afirmou tratar-se de um encontro de carácter reservado, mas adiantou que na conversa quis saber a opinião do FMI sobre a evolução do preço do petróleo, na zona dos 40 dólares por barril».

Cavaco Silva considerou que «é um preço muito elevado, para o qual não há razão, uma vez que a oferta é superior à procura. Só se explica pelo facto de vários países estarem a acumular «stocks» na perspectiva de uma guerra».Esta opinião é coincidente com a de Teresa Terminassien. O primeiro-ministro afirmou que o FMI aguarda que em breve o preço desça para os níveis normais, tendo-se manifestado convicto de que não vai haver guerra no Golfo, devido à posição «muito dura» de Moscovo contra o Iraque.

BREVES

PS questiona Cavaco sobre serviço de informações

O PS solicitou a presença do primeiro-ministro na próxima reunião da Comissão Permanente da Assembleia da República para dar «explicações inequívocas» sobre a actuação dos Serviços de Informações do Estado. Em carta enviada ao presidente da AR, os socialistas dizem querer «explicações sobre as razões do incumprimento do Sistema de Informações da República e sobre as implicações deste na conduta da política externa».

Porto de Mós impulsiona candidata a Belém

A primeira juíza portuguesa tornou-se agora na «candidata que a província aprova para Presidente da República». Acontece que a magistrada Ruth Garcês que exerce na comarca de Porto de Mós, não tem qualquer intenção de concorrer com Mário Soares. Naquela localidade do distrito de Leiria já se formou o Movigarce-Movimento de apoio à pré-candidatura de Ruth Garcês- apesar de a juíza não ter «manifestado disposição nenhuma» em participar na corrida a Belém.

Batalha do Buçaco evocada hoje

Os generais Firmino Miguel e Tomé Pinto presidem hoje às cerimónias comemorativas da Batalha do Buçaco, nesta localidade e na Unidade de Infantaria nº1 da Serra da Carregueira, respectivamente. Comandado pelo coronel Sequeira Marques, o Batalhão da Serra da Carregueira teve participação activa nas campanhas de França entre 1914-18 e de África.

Carlos Marques reuniu-se com representante da OLP

O candidato à próxima eleição presidencial, Carlos Marques e o representante da OLP em Lisboa, discutiram ontem em Lisboa as crises internacionais, em particular a questão do Golfo, o problema palestiniano e a situação em Timor-Leste.

Portugal e Guiné-Bissau discutem cooperação

A comissão mista de cooperação luso-guineense está reunida desde ontem no Palácio das Necessidades, em Lisboa, para passar em revista o relacionamento bilateral entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Jorge Sampaio visita São Paulo

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa é recebido hoje, em audiência especial pela prefeita paulistana, Luísa Erundina no âmbito da visita que realiza ao Brasil. Jorge Sampaio participou ontem na quinta conferência internacional de transportes durante a qual discutiu possibilidades de cooperação.

«Verdes» promovem encontro de ecologistas

É já no próximo sábado, dia 29, que se realiza o Encontro Nacional de Ecologistas promovido polos «Verdes». As perspectivas políticas da ecologia na sociedade portuguesa e, em especial, a oportunidade de uma candidatura ecologista à Presidência da República, deverá ser o tema principal do encontro.

Leste e socialismo dominam congresso do PSR

O VII Congresso Nacional do PSR realiza-se em Lisboa de 5 a 7 de Outubro próximo e da ordem de trabalhos destaca-se um debate sobre a situação internacional, a crise no Leste e o Socialismo. Além destes temas deverá ser analisada também a «luta contra os grupos neo-nazis e o caso do assassinato de José Carvalho».

Defesa é tema de conferência

«A cooperação no Atlântico Oriental» é o tema da conferência que o Instituto de Estaudos Estratégicos promove, a partir de hoje no Funchal. O secretário de Estado adjunto do ministro da Defesa, Eugénil Ramos preside à sessão de abertura e participam entre outros, Jaime Gama e Medeiros Ferreira e Calvet de Magalhães.

Nino Vieira recebido por Mário Soares

O Presidente da República Mário Soares recebeu, ontem à tarde, em audiência, no Palácio de Belém, o seu homólogo da Guiné-Bissau, Nino Vieira. O líder guineense abordou com o chefe de Estado português a evolução política do seu país e a introdução do multipartidarismo.

CDS à procura de candidato

A direcção do CDS continua empenhada em apresentar um candidato próprio às eleições presidenciais, embora , por enquanto ainda não haja uma figura que substitua Lucas Pires.

Basilio Horta, na reunião da Comissão Directiva e, ontem no Conselho Nacional do partido foi um dos mais entusiastas defensores da candidatura do partido, o que, segundo os dirigentes, permitiria ao CDS separar as àguas em relação ao PSD.

O nome de Adriano Moreira voltou a ser referido na Comissão Directiva, tendo sido considerado uma figura de prestigio que conseguiria uma boa votação para os centristas. A defesa de Adriano, feita por Narana Coissoró, não mereceu a contestação de nenhum dos presentes na reunião da CD, mas alguns centristas sublinham que uma candidatura de Adriano contra Soares poderia repetir a dualidade entre um candidato do pós- 25 de Abril e trazer à cena política o passado de pré- 25 de Abril do deputado centrista.

Para já, a direcção do CDS aguarda a divulgação dos termos do anúncio da candidatura de Mário Soares para depois avançar, ou não, com uma candidatura própria.

A reunião do Conselho Nacional dos centristas foi convocada para aprovar a coligação CDS/PS na Câmara de Monção, mas o debate sobre as presidenciais sobrepôs-se à agenda de trabalhos devido, em parte, a notícias contraditórias, sobre a candidatura presidencial do partido.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da Segunda e última publicação do respectivo Anúncio.
Execução de sentença, n.º 4827/A — 2.ª secção.
Exequentes — Maria Irene Pinheiro da Silva.
Executado — José Maria Sá Chaves, residente na Av.ª Augusto Freire, n.º 20, em Sintra.

Sintra, 18 de Junho de 1990

O Juiz de Direito,
Gilberto da Cunha

O Escrivão de Direito,
António José Santos

DL - 27/9/90 - 2.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª secção do 2.º Juízo e nos autos de Execução Sumária n.º 1447/B/81 em que é exequente «SILVA MARQUES & RODRIGUES, Lda.», com sede em Assequins — Águeda e executado «ALVERCA — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, Lda.», com última sede conhecida em Alverca do Ribatejo — Vila Franca de Xira, correm éditos de trinta dias, citando a executada acima indicada, para no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, e, a contar da data da segunda e última publicação do anúncio, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido tal direito à exequente. — Na referida execução a exequente pede o pagamento da quantia de 117 912$50, juros e custas.

Águeda, 90/9/18

A Juiz de Direito
Maria João Fontinhas Cardoso

A Escrivã-Adjunta
M.ª Fátima S. Anastácio

«DL» — 1.ª Pub. — 27/9/90

FORUM

CONFLITOS E DEFESA NACIONAL

Não há crise, hoje em dia, que não seja uma crise complexa, assim como não há ameaça que não seja uma ameaça tecnologicamente sofisticada.

Somos parte de um bloco de nações que já não está em oposição sistemática a outro bloco, segundo atitudes que se mantinham estáveis e previsíveis, há mais de 40 anos. Hoje, nesta velha Europa, as transformações políticas sucedem-se com surpreendente rapidez e energia.

Este ambiente de mudança temtido profundas repercussões em todo o mundo. Até agora o conflito Leste-Oeste estava na origem ou potenciava os conflitos; hoje, este novo espírito procura impor-se, na resolução dos conflitos.

A actual crise do Golfo é mais uma crise complexa, envolvendo meios tecnologicamente sofisticados, mas que se desenrola já neste novo ambiente de relações internacionais.

Como todas as crises importantes, fornece-nos novos elementos que nos leva a meditar sobre os nossos próprios problemas de defesa nacional.

A defesa nacional de um país sempre com a defesa dos interesses nacionais. Entre os interesses nacionais a defender intransigentemente aparecem, logo em primeiro lugar, a independência nacional e a integridade do território.

Porém, a independência nacional e o interesse nacional não são postos em causa só quando está ameaçada a integridade do território nacional.

Os países europeus na sua maioria, já se viram envolvidos em diversos conflitos até 1945, porque entenderam que o interesse nacional assim o exigia, mas sem que nenhum tivesse sentido ameaçada a integridade do seu solo pátrio (exceptuar-se-á, talvez, o problema de Chipre, artificialmente considerado europeu).

A dissolução dos blocos poderá proporcionar a afirmação de determinadas potências regionais, desejosas de preencher o vazio proporcionado por um eventual retraimento das superpotências, mas não elimina a necessidade de colaboração internacional na gestão de crises. Essa colaboração poderá tornar-se mais complexa e dependente de opções políticas individuais e específicas, menos presas a solidariedades pré-definidas. A unanimidade do Conselho de Segurança da ONU e a divisão da Liga Árabe na actual crise são dois exemplos das significativas mudanças que estão a ocorrer nas relações internacionais.

A internacionalização dos conflitos continuará sempre a ser um facto, mesmo nos casos de pura guerra civil como a que actualmente atinge a Libéria. Se a inevitabilidade da internacionalização do conflito do Golfo tivesse sido claramente denunciada pelos EUA e pelo Kuwait, durante o curto período de prenúncio da invasão iraquiana, talvez a agressão não se tivesse concretizado.

É possível que o abrandamento do conflito Leste-Oeste leve a comunidade internacional a manifestar-se mais unida na condenação de todas as agressões deste tipo o que, por si só, já seria uma atitude dissuasória.

Assim, o papel da diplomacia é hoje mais importante e complexo. A actividade diplomática deverá ser mais atenta e esclarecida do que quando frequentemente se limitava a seguir um determinado alinhamento.

A internacionalização sistemática das crises, por vontade dos intervenientes ou não, e a sofisticação crescente da ameaça influenciam o conceito de defesa do território nacional.

O general Norman Schwarzkopf, comandante-chefe das forças americanas no Médio Oriente, referiu que poderia destruir todas as defesas do poderoso sistema militar iraquiano em poucos minutos. Talvez tenha exagerado nos minutos indicados, mas o facto é que pode mesmo. Para isso é fundamental a existência de um bom sistema de informações (Israel pode ajudar), de detecção e de controlo, que os americanos têm por intermédio dos aviões AWACS, satélites e outros meios, mas que os iraquianos não têm nem podem ter, obrigatoriamente confinados como estão ao seu território e espaço aéreo; é preciso dispor de grande número de mísseis instalados em diversos meios aéreos, navais e aero-navais, com grande capacidade de sobrevivência, dada a sua mobilidade; é fundamental dispor de meios aéreos e aero-navais com capacidade de penetração no território adversário; é preciso ainda tomar a iniciativa, pois os primeiros momentos são decisivos. Recorde-se que as potências ocidentais, todas fortemente dependentes do livre uso do mar, sempre recusaram a negociação da redução de armas navais, pela grande segurança e pelas opções políticas e operacionais que proporcionam.

Na Segunda Guerra Mundial a decisão militar da guerra verificou-se com as vitórias aliadas de Estalinegrado e de El-Alamein, também esta uma batalha no deserto.

Antonio Emilio Sacchetti

Hoje, o desequilíbrio militar que indicia a decisão de uma guerra pode ocorrer nos primeiros dias do confronto e antes que os efectivos dos exércitos se cheguem a enfrentar. Depois, necessariamente, quase todas as guerras terminam com a ocupação territorial, com a rendição e a deposição do governo adversário.

Note-se que o Iraque, país quatro vezes e meia maior que Portugal, poderia, na eventualidade de um conflito armado, ver as suas instalações militares fixas e pontos vitais destruídos, antes que os seus carros de combate tivessem oportunidade de actuar. Tudo dependeria da capacidade de defesa próxima antimíssil iraquiana, da defesa anti-aérea e dos apoios internacionais para reposição dos «stocks» gastos em poucas horas. Apesar do Iraque ser um país quase interior, o dispositivo naval e aero-naval internacional pode levar a efeito ataques de quase todas as direcções, sem oposição iraquiana e sem ter que se sujeitar às autorizações dos países para a utilização dos seus territórios como acontece com as forças terrestres e aéreas.

Ainda no caso de um conflito no Iraque, prevê-se que o combate terrestre com carros de combate seria extraordinariamente violento; o domínio do ar adquirido previamente e a livre utilização dos helicópteros com armas antitanque seriam factores importantíssimos para as forças internacionais.

Resumindo, a internacionalização crescente dos conflitos torna cada vez menos provável a hipótese de um conflito limitado a duas potências regionais, nomeadamente no continente europeu (e fora do Centro da Europa, sempre perturbador).

A defesa da integridade territorial terá que ser cada vez mais uma defesa avançada e, por outro lado, a defesa dos interesses nacionais vem-se impondo, com muita frequência, em circunstâncias que são independentes de ameaças directas ao território nacional.

Não podemos esquecer que, desde as invasões napoleónicas (há 180 anos) particcipámos em várias guerras e conflitos, europeus ou em outras regiões do globo, contribuindo com forças ou autorizando o uso de infra-estruturas, sem que a defesa territorial do santuário tenha constituído a primeira preocupação.

Estes factos certamente que deveriam influenciar a definição dos nossos conceitos e prioridades de defesa nacional e do equilíbrio mais adequado entre os meios militares de que necessitamos.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um editorial, de Jorge Wemans:

No pós-25 de Abril os americanos foram sucessivamente apresentados como instigadores golpistas e grandes amigos da liberdade. Desse período herdou a diplomacia portuguesa uma excessiva colagem aos EUA que a posterior adesão à Comunidade não veio pôr em causa. Colagem que, num país que ainda mal se recentrou face ao Atlântico — a sua única outra fronteira além da espanhola —, funciona também como tentativa de equilibrar os laços europeus com as relações a Oeste e a Sul, e assim desenhar a especificidade portuguesa na CEE.

Mas a realidade é outra: Portugal negoceia comercialmente com os EUA enquanto membro da CEE e militarmente como membro da NATO.

Nestas, a cedência das Lajes transcende CEE e NATO. É a questão em aberto. Para além do seu natural envolvimento na operação desencadeada após a crise no Golfo, o «aluguer» da base açoriana comporta o risco de uma utilização para fins do interesse exclusivo de Washington. Mais do que aos tratados, é a Lisboa que compete assegurar o respeito pela vontade portuguesa em fazer também seus os interesses americanos. Ou recusar-se a isso.

26.SET.90

CORREIO da manhã

Do «Bilhete Postal» de Vítor Direito:

«Blá, blá, blá... O ministro das Obras Públicas, em entrevista concedida a um jornal diário, prometeu mundos e fundos no sector dos transportes. Bem melhor seria fazer do que prometer. Mas este hábito de pôr as palavras à frente dos factos está em nós tão arreigado que o governante foi mesmo ao ponto de afirmar que Lisboa terá segunda ponte sobre o Tejo em 1995. Vai uma apostinha?»

26.SET.90

CAPITAL

De um artigo de José Vacondeus:

Como primeiro-ministro, pese embora os ataques de que foi alvo, especialmente pela direita ortodoxa — a mesma que hoje o adula —, teve a sorte de Ramalho Eanes o ter colocado na posição de alvo privilegiado. E, perante isso, realmente os portugueses não tiveram grande trabalho de escolha. Os erros que cometeu a governar não chegaram para o liquidar politicamente.

As eleições presidenciais, em que o opositor dava mostras, para muita gente, de vir a ser o escolhido, trouxeram-lhe, uma vez mais, o sopro da sorte. E, naturalmente, contou muito o golpe de asa que é capaz de imprimir aos seus voos na política. Com votos da esquerda, depois desta ter ficado órfã de candidato, sentou-se no cadeirão de Belém e não só meteu no bolso toda a área conservadora como a vai ter, no próximo escrutínio, a suspirar pela sua reeleição.

É evidente que Mário Soares, pois é dele que se trata, vai ficar muito quieto a aguardar o mandato seguinte. E, para o ajudar nesta fase, como se se tratasse de uma encomenda expressa, até os loucos dos chamados «duros da OLP», terroristas fanáticos, mas que, como é óbvio, têm muitas outras prioridades quanto a alvos, condenaram as afirmações do Presidente da República de Portugal por ter chamado a Saddam Hussein «tirano sanguinário».

De facto, Mário Soares nasceu politicamente sob o signo da fortuna.

Talvez, com este empurrãozinho, dado no conclave de Amã, esteja agora mais perto o Prémio Nobel da Paz.

A sorte não o abandonará seguramente na meta final da sua escalada.

26.SET.90

Diário de Notícias

De um artigo de Álvaro Vasconcelos:

«O Conselho da Europa tem um papel fundamental e complementar do da Comunidade Europeia. Exactamente porque a Comunidade não poderá abrir-se, pelo menos já, a todos os Estados democráticos europeus, o Conselho da Europa, que pode, deverá fazê-lo. Não deverá fechar as suas portas a nenhum Estado do continente europeu, inclusive à União Soviética, ou o que dela resultar, desde que esse Estado seja uma democracia plena, desde que aceite as regras do pluralismo democrático definidas pelo Conselho da Europa.

Aos Estados democráticos não europeus conviria conferir um estatuto não de membro pleno, mas de observador, ao mesmo tempo que se encorajaria a participação em organismos especiais do conselho das democracias latino-americanas e norte-americanas.

26.SET.90

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Bredarode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

A IMPOSSÍVEL ACTUALIDADE

O que sempre me impressionou neste extraordinário desenvolvimento do mercado da informação a que hoje assistimos, sobretudo desde os anos 50, é o facto de o seu produto, a informação, ser o fruto do trabalho de cada vez mais sofisticados dispositivos sobre uma realidade fluída e impossível de conter, a actualidade. Não é tanto o facto de a actualidade ser uma realidade efémera, de já ter deixado de ser actual, no preciso momento em que se torna produto informativo; é o facto de haver um abismo intransponível entre aquilo que acontece, que é actual, e aquilo que se torna produto informativo.

Tomemos como exemplo um acidente de automóvel que presenceio na minha rua, aqui e agora, por debaixo da janela do meu quarto. Quando, no dia seguinte, sentado à mesa do café, ler no jornal a notícia do desastre, não é só a sua actualidade que se desvaneceu, passou para o passado, perdendo-se assim para sempre na noite do tempo. É a relação entre o acontecimento que presenciei da minha janela e a notícia que o refere que é problemática.

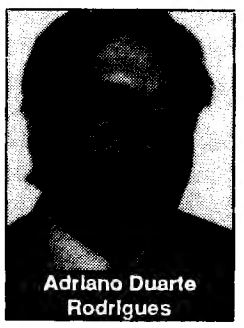
A ocorrência que irrompe sem aviso prévio, aqui e agora, é um facto brutal que escapará para sempre à minha compreensão total e ao meu domínio. Por mais que o tente compreender, haverá sempre algo que nele escapará ao meu entendimento. Que o digam os magistrados, habituados ao confronto das testemunhas oculares, cada uma com uma versão diferente, ainda que sincera e verídica, do mesmo facto. É que os factos dão-se num mundo relativamente independente do mundo humano e possuem, por isso, uma multiplicidade indefinida de perspectivas impossíveis de serem percepcionados e compreendidos pelo homem na sua totalidade.

A actualidade da informação do acidente que encontro descrito no jornal não é a actualidade do acidente que ocorreu num espaço e num tempo distintos do espaço e do tempo em que me encontro aqui e agora; a actualidade da informação é a actualidade da minha leitura actual do texto que o refere.

Ao longo da história, os meios de informação têm sobretudo procurado reduzir e, se possível, eliminar este abismo que separa o espaço e o tempo em que ocorrem os factos relatados do espaço e do tempo em que ocorre o seu relato. A importância que a informação adquiriu no mundo actual resulta da descoberta e da implantação de todo um arsenal de dispositivos de eliminação das distâncias e das barreiras do espaço e do tempo que separam o produto informativo dos acontecimentos. O seu principal objectivo é a instantaneidade e a co-presença dos acontecimentos relatados ao relato dos acontecimentos, gerando assim um efeito de coexistência e de coincidência entre o mundo em que os factos ocorrem e o mundo da informação.

É este efeito de co-presença e de coexistência que faz, dos meios de informação actuais, dispositivos destinados à geração de *simulacros* da realidade. A partir de um certo grau de sofisticação, a informação que os *media* produzem acaba até por ser tanto mais actual quanto menos depender dos factos exteriores ao seu próprio mundo informativo.

Reparemos no que acontece hoje com a gravação de discos de música. O trabalho minucioso, realizado em estúdio com o auxílio de computadores e de sintetizadores, das condições óptimas da escuta, permite obter uma gravação que produz exactamente, com um rigor praticamente absoluto, os efeitos não só da disposição dos músicos no palco, mas também dos aplausos e de outras reacções do público na sala, inserindo-me inclusive, a mim que o escuto no isolamento do meu quarto, numa cadeira igualmente reservada algures na sala do concerto. Por melhores condições que pudesse ter, nem a minha presença real na sala nem a gravação ao vivo, numa sala de concerto real, com músicos reais, poderia jamais igualar o efeito de realidade que no mundo do dispositivo tecnológico puro se consegue.


Adriano Duarte Rodrigues

Ao efeito de real próprio dos simulacros que os *media* hoje produzem estão, no entanto, associados determinados efeitos de perversão dos dispositivos. O autêntico melómano, talvez depois de passados os espantosos efeitos de envolvimento total produzidos pelo mundo simulacral do dispositivo, tenderá certamente a procurar os indícios perdidos da realidade que lhe devolvam a actualidade, ainda que imperfeita, da sala do concerto real. Mas é o próprio dispositivo que, por sua vez, tende a produzir estes indícios da realidade fragmentária e parcelar que ocorre numa sala de concerto real.

Assistimos assim hoje a uma espécie de processo interminável, em espiral, de vaivém entre a produção de simulacros da presença total da realidade, pela anulação do abismo que separa o mundo da realidade do mundo informativo, e a produção das condições de distanciamento, com o retorno a uma espécie de presença originária à actualidade fluída e movediça.

RTP: O QUARTO DESPEDIMENTO

Véspera de 6.ª-feira, 13 de Julho de 1990. São cerca de 11 horas da noite e estou a escrever um artigo para um jornal. Lá dentro, na sala onde está a TV (ou a RTP, como quiserem...) as gargalhadas quebram-me a tranquilidade da escrita. As filhas estão a ver a «Murphy Brown». Eu, embora defenda as potencialidades educativas da TV, tenho muitas vezes verdadeiras dificuldades em escolher o que hei-de ver em cada dia. Lá vou aprendendo, com elas, aquilo que mexe no pequeno «écran»: a publicidade, os filmes, «Loriot», «Chefe, mas Pouco», «Dear John», «Murphy Brown». Normalmente, a princípio, eu desconfio. Depois de ver um ou dois episódios ainda sou capaz de dizer que é uma americanada, que só as gargalhadas de apoio nos fazem pensar que é engraçado... Mas, um dia, acabo por me render à evidência. O que está em causa é bem mais complexo do ponto de vista humano e, em geral, bem construído do ponto de vista televisivo. Bom, hoje, que é véspera de uma sexta-feira 13 e é preciso guardar a sorte para amanhã, desliguei o computador e fui ver o que se passava. Era a «Murphy Brown» e os seus colegas da TYI. Estudavam uma estratégia destinada a combater uma quebra de níveis de audiência do seu programa, face à concorrência sensacionalista de uma outra cadeia de Televisão. Nós, por cá, tudo bem! A concorrência é, por enquanto, apenas, um estudo simulado entre o Canal 1 e o Canal 2.

Agosto de 1990. Três jornalistas da RTP são despedidas com a alegação de estarem a fazer concorrência desleal à RTP. Duas delas eram apresentadoras e responsáveis por *talk-shows:* o inovador «O Rosto da Notícia» e o já consagrado «A Hora da Verdade». Num e noutro se discutiram assuntos tabus e se experimentaram formas novas de fazer TV.

17 de Setembro de 1990, 2.ª-feira. Começa o ano lectivo para milhares de alunos e professores. Famílias de todos os quadrantes sociais e geográficos angustiam-se na corrida do primeiro dia de aulas. Durante o dia aparece a nova grelha de programas, tão anunciada e tão esperada pelo público.

18 de Setembro de 1990, 3.ª-feira. Podia ler-se nos jornais que Candice Bergen obteve pela segunda vez consecutiva o Emmy para a melhor actriz de uma série cómica de TV e que «Murphy Brown» arrebatara também o Emy da melhor série do género. Fico à espera de 5.ª-feira. Os responsáveis da RTP já deviam ter previsto isto, penso! Até porque, antes do pino do Verão, a mesma Candice Bergen já tinha ganho uma outra distinção por aquele desempenho, desta vez um prémio concedido por uma Associação das Mulheres Americanas. E esse acontecimento até foi noticiado na «TV Guia» (um número de Julho, se me não engano).

Dia 20 de Setembro de 1990, 5.ª-feira. Hoje não é véspera de 6.ª-feira 13, mas o azar é muito. Os amáveis leitores que me seguiram até aqui já adivinharam, assim que leram o título deste artigo. Mas eu só hoje compreendi. A «Murphy Brown» foi o quarto despedimento da RTP nestes últimos tempos! Pensando bem, não podia ser de outra maneira. Sinto-me como se não tivesse sido capaz de adivinhar quem foi o autor do crime de um qualquer policial da Agatha Christie; agora, no fim do livro, tudo parece tão óbvio! Ora, vejamos: a RTP não gosta de concorrência desleal. Aquilo era muito bem pensado, não era feito sobre o joelho, não era copiado. Não podia continuar. Só uma solução: o despedimento.

José Carlos Abrantes

Em segundo lugar: a RTP despedira duas mulheres que se notabilizaram profissionalmente nos *talk shows*. Não era de bom senso despedir as duas e deixar uma terceira. Podia servir de estímulo para outras mulheres da RTP ou da futura concorrência. Em terceiro lugar, havia ainda uma razão de legalidade: embora a Constituição já tenha sido revista, ainda não foi aberto concurso para a Televisão privada e a TYI não só tem o estatuto de um canal privado como não faz parte da CEE.

O despedimento foi consumado. Temos que nos queixar ao provedor.

PS: Recebi hoje um fax. A Candice Bergen declarou que subscrevia as palavras da Maria Elisa numa entrevista ao «Se7e»: «Tenho que voltar à RTP nem que seja por um dia». Eu estou de acordo e penso que deve ser por muito mais tempo.

INTERNACIONAL

Estar-se vivo é, só por si, motivo de felicidade, na terra de ninguém

E a guerra aqui ao lado

Da nossa enviada especial, na Jordânia

Um olhar vivo, com um sorriso nos lábios, pronuncia palavras num inglês pouco perceptível. Faz um esforço para se explicar, para dizer que lhe roubaram tudo e que chegou à fronteira do Iraque com o pouco dinheiro daquilo que ainda conseguiu vender.

Mas, apesar de tudo, está feliz. Primeiro, porque está vivo. Segundo, porque conseguiu sair do Kuwait, país onde trabalhava. Chama-se Nahir Ashid, tem 33 anos, nasceu no Bangladesh e é um dos milhares de refugiados que pernoitam na «terra de ninguém».

Ao campo de Mercy, a cerca de 50 quilómetros da fronteira do Iraque e a 25 da Jordânia, chegam, diariamente, cerca de mil refugiados, de três países: Bangladesh, Sri Lanka e Índia.

Tal como Nahir, todos eles trabalhavam no Kuwait, enquanto os naturais do país usufruíam das riquezas e levavam uma vida regalada. Uma vez nas mãos de Saddam Hussein, hoje, o Kuwait já não é aquele país rico que sempre fora. À Jordânia chegaram mais de 300 mil refugiados. Naquela pequena terra ocupada pelo Iraque, fica apenas a sua população, que agora, mais do que nunca, luta por uma independência perdida.

Em Mercy, e nos outros campos, tal como Shlaam e o da Cruz Vermelha, os refugiados têm consciência desta situação, da vida que os kuwaitianos levavam, da sua riqueza e do quanto tinham de trabalhar para sobreviver.

Uma enfermeira do Bangladesh, refugiada em Mercy, disse ao DL que «pode ser que, a partir de agora, os kuwaitianos aprendam a trabalhar e construam um país diferente, um novo futuro. Eles sempre tiveram uma vida fácil. Agora têm de lutar por o que é deles, se é que querem ficar com alguma coisa. Nós que somos de Bangladesh, tal como as outras pessoas de outros países, já não temos nada a fazer no Kuwait. Não é o nosso país, não temos que o defender. Quiseram que nós viessemos embora e nós viemos. Fizemo-lo por uma questão de sobrevivência. Guerra? Espero que não chegue a esse ponto. Mas a situação é irreversível. Temos de aguardar».

Na Jordânia espera-se pela guerra. Na Arábia Saudita, os norte-americanos preparam-se para ela

A calma de quem espera

Esperar. A atitude de quem está, neste momento, na Jordânia. O povo espera pela guerra e diz estar pronto para ela. O rei Hussein espera conseguir manter a sua posição neutral, se bem que esteja a ser-lhe difícil pois, de dia para dia, vai deixando transparecer, a sua adesão ao Iraque. Nos discursos que faz, tanto na televisão como na rádio, fala em paz, pacifismo e esperança. Palavras gastas. Atrás de si tem toda uma população que o pressiona e diz que está disposta a morrer pelo seu país e os ideais de Saddam Hussein.

«Ele é o maior. É um homem forte, corajoso, que não tem medo de ninguém, nem dos americanos. O mundo árabe tem de ser um só. O Kuwait faz parte do Iraque. Saddam tem de ficar com ele», afirmou-nos um comerciante jordano.

Mas há mais quem espere. Fundamentalmente os refugiados. Do lado de lá da fronteira do Iraque estão cerca de 600 mil pessoas à espera de poderem sair. A maioria delas encontra-se em campos, na periferia de Bagdad, «em grave estado de saúde», como nos referiu o urologista Fernando Nobre, director da Assistência Médica Internacional (AMI).

«Nós também esperamos. Esperamos o dia em que a fronteira abra as portas de uma só vez a 40 ou 50 mil refugiados. Até agora temos conseguido controlar a situação, mas não sabemos o que pode acontecer a qualquer momento. Nós estamos preparados para um grande fluxo. As decisões dependem dos governos do Iraque e da Jordânia e, ao que parece, com o embargo aéreo, a situação agudiza-se», afirmou Fernando Nobre.

A fronteira do Iraque abre, diariamente, das 20 às 8 horas da manhã do dia seguinte. Durante esse tempo passam por ela entre quatro a cinco mil pessoas que se instalam nos campos de refugiados ao longo de 14 ou 16 horas. Aí aguardam por autocarros que as transportarão até perto de Amã, onde estão mais dois campos, Azrak 1 e 2, ambos com uma capacidade para sete mil refugiados. Daí irão para os seus países. Depois... bem, depois é uma incógnita.

«Espero ter trabalho quando lá chegar. Estive quatro anos no Kuwait, era pescador. Tinha a família comigo e vivíamos relativamente bem. Não sei o que vou fazer quando chegar a Bangladesh. Não tenho casa nem emprego. De há uns meses para cá a minha vida tem sido uma incógnita e vai continuar a ser nos tempos mais próximos», disse-nos um dos refugiados.

A cultura, as crenças e Alá

Os campos de Mercy e Shlaam nunca chegaram a estar repletos. A comida, a água e os cuidados médicos nunca faltaram. As organizações como Médicos Sem Fronteiras, Médicos do Mundo e AMI asseguram qualquer situação mais grave. Mas, felizmente, um facto e que essa situação ainda não surgiu.

Segundo Hans, um dos médicos de Médicos Sem Fronteiras, «as patologias mais frequentes estão relacionadas com problemas respiratórios, diarreiras, gripes, nada de mais. Do lado do Iraque é pior. Houve uma altura em que os refugiados, quando vinham para aqui, ficavam duas semanas, o que era muito complicado, porque acumulavam-se. Agora, com esta rotatividade, consegue-se controlar a situação. Desejaríamos que continuasse assim. Caso contrário teremos problemas».

A causar verdadeiros problemas estão as diferentes culturas. Embora todos os refugiados vivem idêntica situação, não deixa de haver um choque de culturas. Os do Bangladesh e Sri Lanka têm de ser colocados num campo diferente dos das Filipinas e da Índia.

A condescendência e a solidariedade não subsistem em prol dos princípios morais para com os diferentes países. Há como que uma obsessão patriótica, uma servidão nacionalista. Morre-se pela cultura, pelos hábitos e costumes.

Quer estejamos em tempo de guerra ou não, os homens não deixam de ser os donos e senhores, as mulheres tapam a cara, o porco continua a ser proibido, mesmo que não haja mais nada para comer.

Se, por um lado, alguém quer a união da comunidade árabe, por outro, há quem a evite, não pronunciando até o nome de determinados países.

Fala-se de paz com o mesmo desejo que se fala de guerra. É uma mentalidade difícil de entender. Aqui vive-se com uma convicção e acredita-se em Alá...

Gisela Oliveira

Por abrigarem refugiados nas embaixadas

Iraque ameaça enforcar diplomatas em Bagdad

O Iraque ameaça enforcar os diplomatas estrangeiros colocados em Bagdad, a menos que eles forneçam a lista de pessoas refugiadas nas embaixadas, disse hoje o encarregado de negócios norte-americano, Joseph Wilson. O secretário de Estado, James Baker, confirmou a notícia, considerando «repugnante» que Bagdad, segundo um decreto aprovado a 26 de Agosto, considere um crime de espionagem, punível com a pena de morte, o dar abrigo a pessoas na embaixadas.

O secretário de Estado afirmou que esta ameaça não muda em nada a política do Governo norte-americano na crise. «Penso que devem concluir que isso não afecta a política seguida pelos EUA», disse, respondendo aos jornalistas, a quem garantiu que o pedido da lista e a ameaça «eram absolutamente verdadeiras».

Também um porta-voz do Ministério francês dos Negócios Estrangeiros afirmou que a sua embaixada em Bagdad recebeu a nota com as mesmas ameaças de recorrer à pena de morte se continuassem a abrigar refugiados estrangeiros.

No entanto, notícias surgidas esta manhã, diziam que o Ministério iraquiano dos Negócios Estrangeiros teria dado garantias aos diplomatas dos países ocidentais que eles não corriam o risco de ser enforcados e que brevemento seria emitido um comunicado a esclarecer o assunto.

Esta nova ameaça de Saddam Hussein demonstra que o Iraque está disposto a usar os estrangeiros que retém no seu território como retaliação contra as sanções impostas pelas Nações Unidas. Ontem a France Press revelava, citando fonte iraquiana segura, que a partir de 1 de Outubro os estrangeiros deixarão de receber alimentos, cabendo aos seus países de origem enviar mantimentos. A notícia, no entanto, não foi confirmada pela Cruz Vermelha, a quem o facto teria sido transmitido pelas autoridades iraquianas.

«O CICV (Comité Internacional da Cruz Vermelha) foi efectivamente informado pelas autoridades de Bagdad de dificuldades de abastecimento alimentar a cidadãos estrangeiros no seu território, sobretudo asiáticos, mas não foi referida nenhuma data limite para a sua supressão».

Shevardnadze «subornado»

A crescente violência das ameaças de Saddam Hussein é proporcional ao isolamento em que o Iraque se encontra. A aprovação do embargo aéreo e as declarações do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, colocando a URSS ao lado dos países ocidentais, está a provocar um endurecimento de tom, em Bagdad.

Ontem, o Iraque criticou Moscovo pela política adoptada em relação à crise, com o comentarista política da agência oficial IRNA a afirmar que «o tom ameaçador de Shevardnadze ilustrou claramente o suborno colocado pela América e os seus aliados xeques do petróleo». «Se o senhor Shevardnadze não está preocupado com as relações de amizade com os árabes e quer ser arrastado para uma aliança com os Estados Unidos, então os árabes também não se preocuparão com a amizade com o seu país», diz o comentarista.

Redacção DL»/Lusa/AFP

EUA vendem reservas de crude

Os Estados Unidos decidiram recorrer às suas reservas petrolíferas, vendendo cerca de 5 milhões de barris de crude, numa tentativa de acalmar a agitação nos mercados financeiros internacionais, segundo anunciou o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater. As reservas dos Estados Unidos estão calculadas em 590 milhões de barris, representando cerca de 100 dias de importações.

Armazenadas nas antigas minas de sal de Louisiana e do Texas, a reserva estratégica foi constituída progressivamente em resposta à decisão dos Estados árabes membros da OPEP em interromper o fornecimento de crude aos países apoiantes de Israel, durante a guerra de Yon Kippour, em 1973.

Segundo as declarações de Fitzwater, esta decisão foi tomada depois de algumas «reticências» manifestadas por George Bush, tendo sido, no entanto, encarada como uma medida de «prudência» evitando a possibilidade de um período de escassez no mercado internacional, durante o próximo Inverno.

Os Exércitos na Europa da paz

A Suíça ganhou a guerra

Do nosso enviado especial, em Viena

Inesperadamente, a Suíça caiu nas mesas das várias negociações europeias em curso. E trouxe uma bússola, em vez de relógio que seria de esperar. O Norte helvético tem diferentes aplicações mas duas ressaltam: a experiência de uma confederação, campo em que a CEE é ainda bebé, e a propriedade de uma estrutura militar puramente defensiva, o que esta nova Europe da paz está agora a tentar aprender. Neste segundo ponto, pode dizer-se, sem ofensa para uma nação pacífica, que a Suíça ganhou a guerra.

Os militares soviéticos pensadores (há alguns), admitem que a reforma das Forças Armadas da URSS passe pela criação de um reduzido núcleo duro de militares, que depois espalhem os seus tentáculos de comando por vários e pequenos exércitos regionais, mais ou menos constituídos segundo as regras das milícias. É a receita suíça.

Disseram-me em Bruxelas, Nuremberga, Genève, Berlim e Viena que na Alemanha unificada será importante a formação de corpos militares territoriais para apoio de uma Força Armada central, embora pequena, utilizando-se para isso o sistema de milícias. É a receita suíça.

A Áustria, quando, já há muitos anos, definiu uma estrutura militar adequada à sua neutralidade, adoptou um sistema flexível. Não podendo ter a pretensão de defender eficazmente a terra austríaca do ataque de um dos dois grandes blocos de então, a NATO e o Pacto de Varsóvia, apoiou-se na dramática experiência da Bélgica e da Holanda, durante a Segunda Guerra Mundial como forma de impedir que o seu território fosse usado por grandes forças atacantes como meio de ultrapassar, pelos flancos, as outras grandes forças atacantes.

Criaram os austríacos um núcleo puro de militares e, em seguida, instalaram, em diferentes partes do seu território, forças locais, conforme as regras das miliciais. Foi a receita suíça.

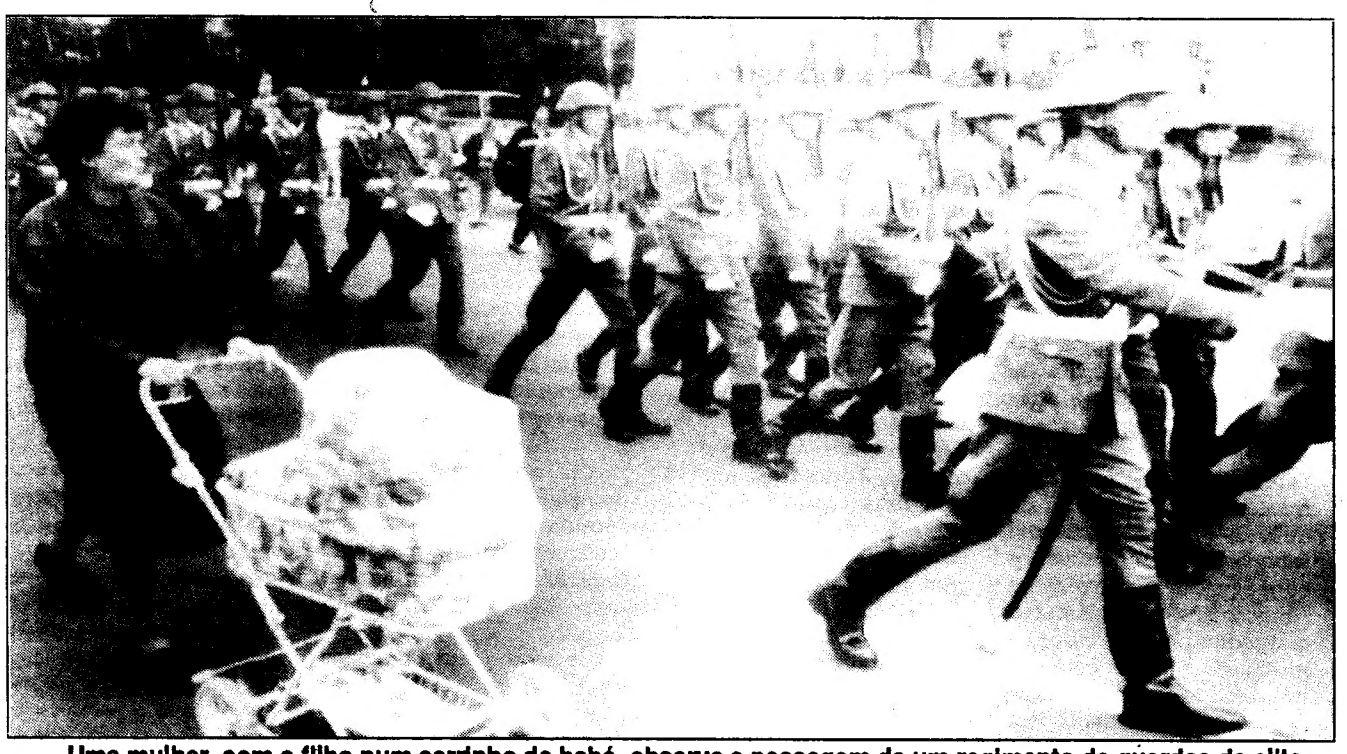
Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha, conseguiu gerar um sistema de equilíbrio e confiança que pudesse atravessar os piores conflitos. Acelerou no último ano a conferência, que já há muito, muito tempo decorre em Viena sobre a segurança europeia e a edificação de medidas que consolidem a confiança entre partes opostas.

Parte fundamental do processo é a «transparência» e a honestidade da informação trocada sobre problemas militares. Transparência e honestidade da Informação é a receita suíça.

Mas... mas... mas... Um alto funcionário de uma delegação ocidental às conversações de Viena sobre o desarmamento, lembrou que, apesar de tudo, ainda não foi destruído um único tanque soviético. E R. Perina, chefe adjunto da representação norte-americana na conferência sobre a segurança europeia, disse já ter sido proposta, «... entre outras ideias criativas», a criação de um grupo internacional encarregado de fiscalizar as eleições a Leste.

Exércitos reduzidos e mais baratos, puramente defensivos, mas apoiados pela capacidade de mobilizar milícias em relativamente pouco tempo... Transparência tipo Cruz Vermelha... Honestidade tipo relógio... Pacífica neutralidade tipo chocolate... Xenofobia sim, mas guerra não... É tudo receita suíça.

Paulo David



Uma mulher, com o filho num carrinho de bebé, observa a passagem de um regimento de guardas de elite do Exército da RDA, que normalmente prestam serviço no memorial das vítimas do fascismo

Ben Bella chega à Argélia

«Não regresso para ajustar contas», afirmou ontem Ben Bella, o primeiro Presidente da Argélia independente, que esta manhã chegou ao porto de Argel, a capital, onde foi acolhido por vários milhares de pessoas.

O clima de espectativa à volta do regresso do primeiro Presidente argelino, deposto em 1965 na sequência de um golpe de estado, é bastante grande sobretudo no que se refere às suas exactas intenções políticas.

Particularmente atentos estão os meios políticos, especialmente as duas maiores forças partidárias do país, a Frente de Libertação Nacional, no poder, e a Frente Islâmica de Salvação, que conseguiu uma importante vitória nas passadas eleições municipais e regionais de 12 de Junho. Observadores afirmam que o Movimento pela Democracia na Argélia (MDA) liderado por Ben bella poderá recuperar as franjas de descontentes da FLN e dos que votaram na FIS, mais como forma de sanção ao partido no poder que propriamente por militância no fundamentalismo de Abassi Madani.

Um projecto para a Cimeira de Roma

Cinco comissários no desemprego?

Do nosso correspondente em Bruxelas

A possibilidade de redução do número de comissários de 17 para 12 é um dos assuntos que está a ser debatido em reuniões dos representantes permanentes da CEE, em Bruxelas. Estes encontros inserem-se no aprofundamento das questões relacionadas com a União Política, um tema de que se ocupará, também, a cimeira dos Doze, marcada para 27 e 28 de Outubro, em Roma. Segundo fonte contactada pelo «DL», têm-se esboçado naquelas reuniões duas posições óbvias: os países representados por dois comissários opõem-se; estão a favor os que têm um comissário. Portugal, como se sabe, nomeou um comissário, o social-democrata Cardoso e Cunha, responsável pelos pelouros da Energia, Administração de Pessoal, Turismo e Pequenas e Médias Empresas.

Os membros da Comissão Europeia, o chamado executivo, são nomeados de comum acordo pelos governos. Durante o período de exercício de funções (quatro anos), os comissários devem actuar com toda a independência, quer perante cada Governo, quer perante o Conselho, uma postura que Cardoso e Cunha tem assumido. No entanto, a sua conduta foi criticada quando teve a seu cargo o pelouro das Pescas. Agora é a vez de Manuel Marin ser alvo dos ataques do seu país, que o acusa de prejudicar os interesses espanhóis do mesmo sector. Se o Parlamento, votando uma moção de censura, pode provocar a demissão imediata da Comissão. No entanto, a polémica quanto aos poderes que o executivo detém não é nova nem está perto do fim. O Parlamento reivindica um papel mais activo no controlo da Comissão, mas, a países como Portugal, com uma representação pequena nesse órgão, interessaria que fosse o Conselho a beneficiar dessa prorrogativa.

Martens versus Gonzalez

Os excessivos poderes da Comissão são unanimemente reconhecidos e reflectem-se numa figura que marca de forma indelével a construção da Europa dos Doze: Jacques Delors. O socialista francês, também incompreendido pelos compatriotas, viu recentemente o seu mandato prorrogado por mais dois anos. A decisão, tomada na última Cimeira dos Doze em Dublin, serviu para lembrar que o lugar merece ser disputado. E é altura de se passar à acção.

Duas figuras perfilam-se desde já na corrida para a sucessão: o socialista espanhol Felipe Gonzalez e o conservador belga Wilfred Martens. Ambos são primeiros-ministros, ambos não desdenhariam numa próxima oportunidade ocupar a cadeira de Presidente da Comissão. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha iniciou já uma campanha de promoção do seu chefe do Governo, esboçando-se, inclusivamente, vários cenários sobre as probabilidades de Felipe Gonzalez se instalar no 13.º andar do Berlaymont. Os resultados não foram empolgantes. Mas o chefe da diplomacia do país vizinho de Portugal não se poupa a esforços. Por isso, quiçá injustamente, o apontam como interessado na corrida ao lugar que Gonzalez deixaria vago. O outro candidato, Wilfred Martens é um campeão do consenso. Ser oito vezes primeiro-ministro num país como a Bélgica, com tensões permanentes entre francofonos, flamengos e germanofilos, é um feito notável. Uma vantagem que Martens não deixará de exibir ao propor-se, no seio dos Doze, bem unir a desunião. Entre Martens e Gonzalez será escolhido o sucessor de Delors. Uma questão à primeira vista prematura, mas que não deixa de ser ventilada nos bastidores. Convém não esquecer que o presidente da Comissão gostaria de regressar a França, para desempenhar então outro cargo presidencial.

José Rui Cunha

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo periodo de

1 ANO — 18 000$00
6 MESES — 9 000$00
3 MESES — 4 500$00
1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por periodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse periodo, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este beneficio for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA MARGARIDA LEANDRO MARTINS, Meritíssima Juíza de Direito do 4.º Juízo-3.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que por este Juízo e Secção, correm termos uns autos emergentes de Contrato Individual de Trabalho, com processo Sumário, registados sob o n.º 86/89, em que é autora MARIA MENDES SIBORRO, e Ré MARIA SALOMÉ OLIVEIRA SOUSA e OUTROS, e por este meio são os co-Réus ANTÓNIO JOSÉ RIBEIRO NOGUEIRA LEITE, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-2.º Esq.º em Lisboa e JOSÉ LUÍS FARIA SAMPAIO, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-3.º Esq.º em Lisboa, notificados de que foi designado o dia 4 de Outubro de 1990, pelas 10 horas, para audiência de discussão e julgamento, nos referidos autos, sendo a sua comparência pessoal obrigatória, na data acima designada, nos termos do art.º 89.º n.º 1 do Código de Processo do Trabalho.

Lisboa, 17 de Setembro de 1990.

A Juíza de Direito,
Maria Margarida Leandro Martins
A Escrivã-Adjunta,
Maria de Fátima Antunes Pires

«DL» — 2.ª Pub. — 27/9/90

QUOTIDIANO

As queixas são inúmeras: lucros fabulosos a troco de promessas não cumpridas, festas de promoção com estranhos ingredientes e documentos desprovidos de assinaturas válidas

Alta Autoridade investiga 20 empresas de *time-share*

Mais de duas dezenas de empresas que vendem fracções imobiliárias em regime de *time-sharing* estão sob a alçada da Alta Autoridade contra a Corrupção. O problema está a ser investigado por esta instância, conjuntamente com as inspecções gerais de Finanças e do Trabalho e ainda o Banco de Portugal.

Entre as empresas sob investigação, na sequência de várias queixas apresentadas ao Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, contam-se a Rocha Valmar, Hotel Viking, Rentinvest, Oasis Village, Real Férias, Clube Praia da Oura, Forte de S. João, Empreendimentos Ourel, Lda., Sociedade de Gestão Financeira Central da Oura, Lda., Sociedade de Empreendimentos do Sul, Seis, Lda., Vale Navio, Valférias, Lda.

As investigações centram-se não só nos métodos incorrectos de venda, como em fugas ao fisco, irregularidades nas escritas e na contratação de trabalhadores.

A Rentinveste, em carta dirigida ao secretário de Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor, contesta «acusações sobre alegadas vigarices, cláusulas contratuais e publicidade enganosa». Contudo, entre entre as queixas apresentadas, um casal do Porto acusa aquela empresa de ter ficado com três cheques totalizando 780 contos, na sequência da desistência do contrato e de várias tentativas para reaver o dinheiro.

O casal afirma que foi convidado a participar numa «festa convívio», na Foz, Porto, no decorrer da qual «seriam atribuídos prémios, nomeadamente o sorteio de um fim-de-semana no Algarve». A festa era organizada pela empresa MBI, em representação da Rentinveste.

O casal, que se manifestou renitente na aquisição de qualquer unidade, apeser de um vendedor ter apresentado insistentemente solução para todas as dificuldades apresentadas, acabou por adquirir um espaço, depois de terem sido «amavelmente» oferecidas algumas bebidas, no decorrer da tentativa de venda.

«Bebi pouco mais de metade de uma cerveja e, passado um bocado, comecei a sentir calafrios seguidos de tonturas», refere o marido. Salientou que só no dia seguinte, depois de os cheques entregues, verificaram que os documentos «não estavam em harmonia com o que tinham acordado».

Uma outra empresa, o Hotel Viking, decidiu enviar, no início de Setembro, um telegrama para todos os compradores, dizendo que a Real Férias (empresa que tinha vendido as fracções), já não era mais sua representante e que os «accionistas» deveriam enviar os pagamentos mensais para o próprio hotel.

No entanto, sendo «accionistas», os visados nem sequer haviam sido convocados para tomar conhecimento de que o Hotel Viking tinha sido vendido a uma entidade estrangeira.

Um dos compradores verificou o contrato e, após consulta jurídica, ficou a saber que os contratos efectuados com a Real Férias não têm qualquer valor jurídico, já que não possuem qualquer assinatura válida, nem sequer referem qual a fracção vendida.

Milhares de pessoas adquiriram este tipo de habitação turística que, segundo a lei, não confere ao comprador qualquer direito real de propriedade, a valores que oscilam -- por uma semana anual de utilização -- entre os mil e os 1500 contos (apenas para duas pessoas). Uma análise jurídico-económica permitiu concluir que cada apartamento assim vendido, considerando as 52 semanas do ano, valeu mais de cem mil contos.

Ruella Ramos esclarece situação no «DL»

Ruella Ramos, presidente do conselho de administração do «Diário de Lisboa», disse ontem, na RTP, que, se a Projornal, empresa proprietária do semanário "O Jornal", se desinteressar da compra do «DL», este corre o risco de encerrar. Ruella Ramos admitiu que a Projornal se tenha «sentido» com algumas considerações tecidas sobre o seu interesse pelo «Diário de Lisboa» e considerou natural que, em face disso, a Projornal tenha afastado a hipótese de ter participação no capital deste vespertino, até que a situação no jornal se esclareça. Interrogado no «Jornal das 9» sobre se se estava perante «uma morte anunciada» do «Diário de Lisboa», Ruella Ramos disse acreditar que «ainda não», acrescentando que a Projornal só aceita tomar conta do «DL» a partir do momento em que esteja assegurada uma substancial redução de custos.

Ruella Ramos esclareceu que Mário Mesquita (que considerou «um bom director» que tinha feito «um bom jornal») não admitiu nunca proceder a uma redução significativa de custos e adiantou que não havendo jornalistas que aceitem as condições propostas para rescindirem contratos terá de ser a administração do «Diário de Lisboa» a proceder a despedimentos. Por mais de uma vez Ruella Ramos acentuou que, depois de procurar investidores, a única solução que lhe restou foi a de «O Jornal» e deixou claro que o grupo de jornalistas daquele semanário, a maioria dos quais passou já pelo «DL», lhe garante a manutenção da linha e do espiríto que caracterizam este jornal.

Antes das palavras de Ruella Ramos, o «Jornal das 9» passou uma gravação das declarações há dias prestadas por Mário Mesquita explicando os motivos da sua demissão.

Sindicato acusa Ministério

«Ministério da demagogia» foi como o Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESUP) classificou a actuação do Ministério da Educação durante a abertura do ano escolar depois de, segundo afirmam, «não ter passado de um Ministério dos Desportos ao longo do seu último ano de actividades».

De acordo com Pedro Lourtie, presidente da estrutura sindical representativa deste sector docente, o Ministério da Educação tem-se «sistematicamente demitido» das suas competências relativas ao ensino superior, situação que, de acordo com as suas palavras, «contrasta com as posições assumidas pelos Ministérios da Saúde e da Justiça, relativamente às negociações dos técnicos por si tutelados, junto da Secretaria de Estado da Modernização Administrativa».

O SNESUP, em conferência de imprensa, defendeu a reposição do lugar relativo das carreiras do ensino superior no quadro das carreiras tuteladas pelo Estado, com uma «aproximação tendencial» dos leques salariais anteriores à entrada em vigor no novo sistema retributivo da Função Pública.

Neste sentido, o sindicato reivindica a reabertura das negociações com o Ministério da Educação e com a Secretaria de Estado do Orçamento, «tendo em vista a revisão dos vencimentos e o reescalonamento das carreiras docentes do ensino superior».

Os responsáveis da Quinta da Aveleda, apanhados em flagrante pelos Serviços de Hidráulica, podem vir a pagar uma multa de 40 mil contos

Produtora vinícola polui rio Sousa

Os Serviços de Hidráulica do Douro responsabilizaram a Quinta da Aveleda, em Penafiel, pelo acidente ecológico que, no dia 14, provocou a morte de milhares de peixes no rio Sousa, disse, à Lusa, fonte deste organismo.

Alertados pela Câmara de Paredes, os técnicos da Hidráulica do Douro deslocaram-se ao local, tendo procedido à colheita de amostras do efluente proveniente da quinta e da água do rio em dois locais distintos, um a montante e outro a juzante do local do derrame. Segundo a técnica, Maria do Rosário, daquele organismo, a análise bacteriológica revela «um efluente com elevada carga orgânica, que ultrapassa bastante os valores máximos recomendados para a vida piscícola daquele curso de água», como estipulam os parâmetros previstos no decreto-lei 74/90, de Março passado.

As análises químicas do efluente, mandadas efectuar pelos mesmos serviços, não são ainda conhecidas, mas suspeita-se da existência de metais pesados, nomeadamente crómio, razão porque os técnicos da Hidráulica do Douro aconselharam a suspensão das captações de água no referido rio, efectuadas pela Câmara de Penafiel a juzante do local afectado.

Apesar da gravidade da situação, a Quinta da Aveleda continuou durante as últimas duas semanas a efectuar descargas no rio, resultantes da limpeza de cubas de vinhos e das operações da vindima.

Apanhado em flagrante, no final da manhã de ontem, o administrador da Aveleda terminou com as descargas no rio a partir das 14 horas, tendo procedido, também, à abertura, nos terrenos da propriedade, de uma lagoa de decantação, comprometendo-se a não voltar a lançar os esgotos no rio.

Os Serviços da Hidráulica do Douro elaboraram já o competente auto de notícia, a que se seguirá a contra-ordenação. A empresa fica agora sujeita ao pagamento de uma coima que vai de 200 a 40 mil contos, de acordo com o artigo 23º do decreto-lei 70/90, de Março deste ano.

Os níveis de poluição do rio Sousa atingiram, na segunda-feira, valores alarmantes, obrigando à suspensão do abastecimento de água à cidade de Penafiel.

O líquido que jorrava das torneiras era de côr escura e de cheiro desagradável, disse, à Lusa, o delegado de saúde daquela cidade.

Durante o dia de ontem, técnicos municipais procederam à desinfecção das captações e depósitos de distribuição, aguardando-se os resultados das análises para se decidir sobre a eventual reposição do abastecimento ao domicílio, suspenso desde há quatro dias, com a água proveniente das referidas captações no Sousa.

Tejo: desconhecidas causas da poluição

Entretanto, continuam por determinar as causas da morte de mais de 30 mil peixes no Tejo. Os responsáveis que analisam as águas do rio concluíram que existe uma situação de «toxicidade aguda» e reúnem-se, hoje à tarde, para determinar os eventuais responsáveis.

A Câmara de Vila Franca de Xira, o Instituto Nacional de Investigação e Pesca, as direcções-gerais da Qualidade do Ambiente e dos Recursos Naturais e a autoridade sanitária concelhia vão juntar os elementos recolhidos para apurar os responsáveis pelo incidente.

Colóquio sobre gerações reunido na Gulbenkian

O colóquio internacional sobre «Solidariedade entre gerações», organizado pela Federação Europeia para as Pessoas Idosas (EURAG) e pela Direcção-Geral da Segurança Social, iniciou-se esta manhã na Fundação Gulbenkian. Os trabalhos terminam no próximo domingo, com a intervenção do secretário de Estado da Segurança Social, Vieira de Castro.

Roubo de automóveis julgado em Olhão

Teve início esta manhã, no Tribunal Judicial de Olhão, o julgamento do primeiro dos cinco processos, investigados pela Polícia Judiciária de Faro, respeitantes a uma rede de roubo e falsificação de automóveis, em que são arguidos José Isidoro Silva Sousa, comissionista da empresa «Sotimóvel» e seu irtmão Fernando Manuel da Silva Sousa, detidos desde Junho de 1988. No processo estão arroladas mais 23 pessoas, testemunhas e declarantes, entre os quais o deputadao do PRD, Carlos Lilaia e o presidente do «Olhanense», João Gomes, proprietários da «Sotimóbil».

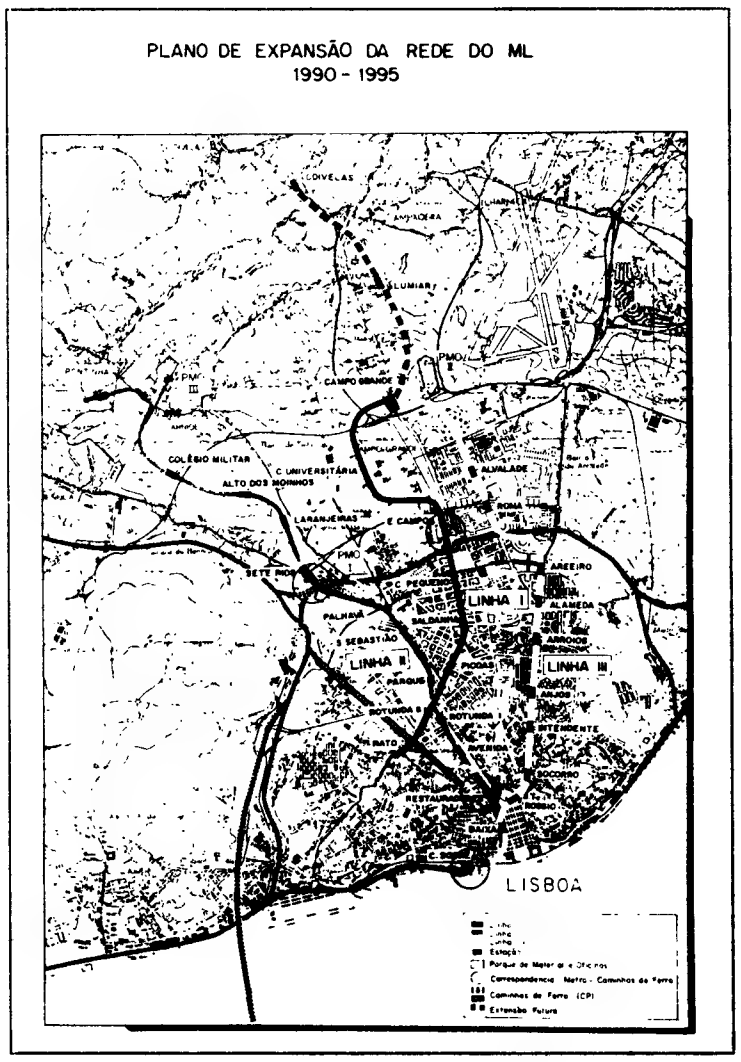
QUOTIDIANO

Em seis anos, o Governo promete vencer a quase estagnação de trinta. Novas linhas, estações, ligações ao comboio, oficinas e carruagens serão construídas. Cá estaremos para ver

Metro: a hora da pressa

Sosseguemos, resignados utentes do Metropolitano de Lisboa. Em véspera de ano eleitoral todos falávamos em menos apertos, mas notícias tão ricas ninguém imaginava: Ferreira do Amaral anunciou, ontem, o novo plano de expansão da rede do Metro onde serão gastos cerca de 110 milhões de contos.

Melhor ainda, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações assegurou que o plano prevê a construção de três novas linhas, a edificação de seis modernas estações, ligações à rede da CP, tudo em apenas... seis anos. E, para que não restem dúvidas, as obras vão começar no Campo Grande já na segunda-feira, na próxima é claro.



O esquema do plano de expansão da rede do Metro

Depois de 30 anos com «o mesmo perfil de linha única», reconheçamos que o Governo não pode escavar a cidade inteira mais depressa.

Pois bem, de acordo com o que foi aprovado, em 1995 pode descer do comboio no Cais do Sodré, por exemplo, e viajar de Metro até à Pontinha. Se estiver no Rato, não precisa de se enfiar nos superlotados autocarros da Carris, sempre metidos em engarrafamentos de trânsito. Irá de Metropolitano até ao Campo Grande e ali terá ligações para Alvalade e por aí abaixo, até ao Cais do Sodré. Estas possibilidades estão detalhadamente projectadas e correspondem aos traçados da linha um e da linha três.

Mas se morar na Pontinha, escusa também de andar a saltitar de transporte para transporte. Toma o Metro e vai directo ao Rossio, percorrendo a nova linha dois. É evidente que, se quiser, pode descer só na futura estação da Baixa-Chiado e ficar logo no centro do inovador projecto de Siza Vieira para ir às compras ou ao cinema.

Estas decisões, que possibilitarão o aumento da rede de 15,8 para 22,7 quilómetros, assentam numa medida de fundo. Termina o actual entroncamento da Rotunda e o trajecto da rede em forma de Y será transformado num esquema de três linhas que poderão, no futuro, estender-se em diversos sentidos. Chegar ao Lumiar e depois a Odivelas é mais um trajecto prometido.

Ferreira do Amaral apresenta o projecto aos jornalistas

Compromisso público

Não se pense, no entanto, que tudo isto são meras promessas de um ministro aberto à revelação dos projectos modernizantes do Executivo. Para que não restassem dúvidas, o presidente do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa, Consiglieri Pedroso, disse, diante de toda a Comunicação Social, que a sua empresa se responsabiliza perante a opinião pública pelo cumprimento do plano que acaba de receber luz verde.

O Metro, como se refere num documento divulgado à Imprensa, confirma agora que se não houvesse «qualquer prolongamento da rede, o mero crescimento do nível de oferta actual, com base na aquisição de mais material circulante» obrigaria inclusive à construção de «novas infra-estruturas logísticas de apoio, no que respeita a exigências de parqueamento, manutenção e conservação (PMO)». Vão, portanto, ser construídas novas oficinas para apoiar as que presentemente funcionam em Sete Rios. Assim, prevê-se uma segunda PMO em Calvanas, «que entrará em funcionamento no final de 1992, na altura da entrada em exploração da estação Campo Grande» e posteriormente um terceiro centro técnico na zona de Carnide, numa variante situada entre as estações do Colégio Militar e a Pontinha.

Podemos pedir mais? Estejamos descansados porque chegou a hora da pressa. Se utiliza o Metro, já sabe, no futuro pode dormir um bocadinho mais de manhã...

Pereira de Almeida

PS critica projecto

«As grandes ideias de Ferreira do Amaral sobre o esquema de desenvolvimento do Metropolitano não têm consistência», disse ontem António Costa, Secretário Coordenador da Federação de Lisboa do PS (FAUL).

De acordo com a Lusa, para António Costa, a solução do Governo é contrária à cidade, «limitando-se a trazer a público uma solução obscura que nada tem a ver com os esquemas de desenvolvimento da cidade».

Em conferência de Imprensa, convocada para apresentar a posição da FAUL sobre os transportes na região metropolitana de Lisboa, António Costa e Machado Rodrigues, porta-voz do PS para os transportes criticaram o alargamento da rede de Metro até ao Cais do Sodré pela avenida Almirante Reis.

O PS propõe que esse alargamento se processe pela linha das avenidas da República, Fontes Pereira de Melo e Liberdade, «onde já existe uma forte percentagem de ocupação do sector terciário».

«Fazer passar o alargamento ao Cais do Sodré pela Almirante Reis e provocar uma forte especulação imobiliária é provocar a saída de residentes naquela zona», esclareceu Machado Rodrigues.

Outro aspecto reclamado pelo PS é o encerramento do «anel» Campo-Grande/Campo-Pequeno, com a criação de um «interface».

Os socialistas defendem ainda a criação de «interfaces» no prolongamento da rede de metropolitano à Pontinha, propondo o alargamento do Metro até à Falagueira, na Amadora.

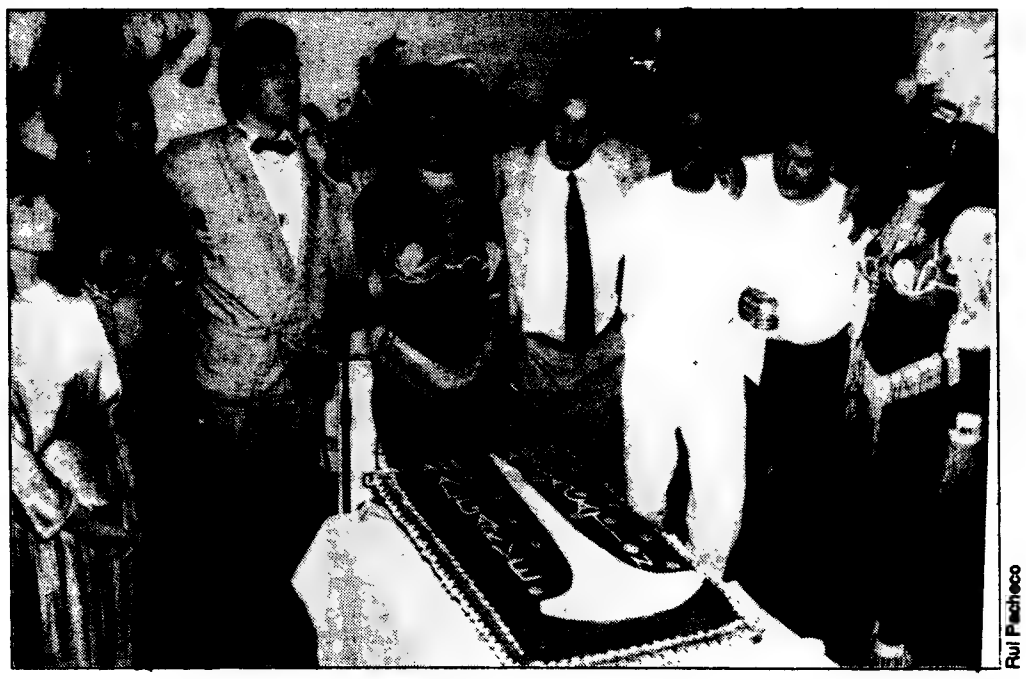
Nova hora no domingo

No próximo domingo, os relógios deverão ser atrasados uma hora, dando assim cumprimento à chamada hora de Inverno. A alteração processa-se, em rigor, às 2 horas da madrugada, o que facultará aos portugueses, nesse dia, mais uma hora de sono.

O procedimento da mudança da hora, explicado muitas vezes pela alegada poupança de energia que proporcionaria, não tem aí a sua razão de ser. Com efeito, a referida economia é de apenas 0,2 por cento. A medida visa, sobretudo, aproximar a hora convencional da hora solar, oferecendo, deste modo, uma maior comodidade ao cidadão.

A hora de Inverno que entra no domingo vai manter-se até ao último domingo de Março de 1991.

«Algarve Vacation» festeja aniversário


Rui Pacheco

Arlmação na festa de aniversário da «Algarve Vacation»

«Algarve Vacation» é um guia turístico a cores que se publica no Algarve e que agora celebrou o seu primeiro aniversário. Com periodicidade bianual, a publicação aborda a promoção turística numa perspectiva que pretende inovadora. Destina-se às entidades e aos profissionais ligados ao turismo e também a todos quantos visitam, pretendem visitar ou residem na região. Os temas de cada edição são tratados em português, inglês e alemão.

O projecto editorial faz questão de estabelecer um diálogo fácil com o público. Nas suas páginas multiplicam-se as informações, de tipo roteiro, com carácter de utilidade. A isso se juntam textos de cariz cultural e lúdico, abrangendo entre outros assuntos, monumentos, história, artesanato e gastronomia.

Os interesses profissionais (feiras turísticas nacionais e internacionais, aluguer de automóveis, localização de cantos e recantos, estradas e outros meios de comunicação) são contemplados nas páginas da publicação, assim como as informações relativas às estações de rádio e postos de turismo de serviço.

O cunjunto «Paralelos», «Zé Brasileiro», Tó Amado e Tonecas animaram o espectáculo que assinalou o primeiro ano de vida de «Algarve Vacation» no restaurante Cocoloco, de Vilamoura, com a participação de Paulino Santos, o obreiro do guia, e Milu Correia, na ausência do irmão, Carlos Correia.

ECONOMIA

Investimentos em Portugal sim, mas segundo regras nipónicas

Japoneses cautelosos escolhem sectores

Alimentação, química fina, bioquímica, farmacêutica, distribuição e moda são os sectores-chave onde o Japão poderá investir em Portugal, segundo afirmado por Belchior Nunes, responsável pelo departamento de «mergers and aquisition» da Coopers and Lybrand, citado pela «Lusa».

O responsável do departamento deste grupo, destinado a captar investimentos estrangeiros em Portugal, acrescentou que os empresários japoneses são cautelosos nos seus negócios, razão pela qual só existem duas vias que seguirão para investir, seja com parceiros da sua inteira confiança, seja com projectos de raiz.

Conforme afirmou, as duas primeiras perguntas que qualquer empresário japonês faz, quando lhe é apresentada uma oportunidade de negócio com um parceiro de outro país, são «qual é o preço» e «porque é que a companhia está à venda».

Se os japoneses não compram nada em saldo e só adquirem empresas bem estabelecidas, com boa imagem de mercado e que produzam com qualidade, não deixam igualmente de procurar instalar-se num mercado através da abertura de escritório de representação, para estudar o mercado.

Controlo completo

Segue-se um processo que passa pela nomeação de um distribuidor ou agente local, com consequente formação de uma subsidiária e, se o mercado justificar o investimento numa linha de montagem ou de produção, só então o empresário japonês investe.

É um procedimento, segundo Belchior Nunes, que permite um completo controlo sobre o desenvolvimento das actividades no exterior e evita os inconvenientes do «take-over» de uma empresa já existente no estrangeiro e com outra cultura empresarial.

Quanto a Portugal, segundo o responsável da Coopers and Lybrand, existem condições para captar investimento japonês, mas há o problema da competição com a Irlanda, Grécia e mesmo Espanha, que os mesmos trunfos que Portugal, nomeadamente uma mão-de-obra barata, posição na CEE e salários baixos, mas que oferecem benefícios fiscais e financeiros superiores, o que é um factor importante.

Se a questão linguística é outra barreira e factor decisivo nalguns negócios, só ultrapassável com bons intérpretes, não deixam de ser positivas as perspectivas de investimento japonês na Europa, já que há o receio de que sejam fechadas as portas das exportações da zona do Pacífico. Os empresários japoneses e sul-coreanos vêem, como única forma de colocar os seus produtos na CEE, a criação de projectos de investimento em países comunitários.

Redução de ajudas comunitárias para agricultura deverá ser de 30 por cento

CEE: ministros apoiam proposta Mac Sharry

A polémica gerada em Bruxelas sobre a redução de subsídios comunitários à agricultura terminou, na terça-feira, com a vitória do comissário irlandês Ray Mac Sharry, que tinha uma posição diferente da da Comissão. Os ministros dos Doze apoiaram a sua proposta de redução de apenas 30 por cento, enquanto o comissário Franz Andriessen propunha 70 por cento, valor aproximado do preconizado pelos norte-americanos.

Mac Sharry saiu derrotado numa primeira votação, onde foi notada a ausência de alguns comissários. Peremptório, afirmou publicamente não modificar uma palavra do seu texto. Os ministros da Agricultura dos Doze, ao não aceitarem uma proposta da Comissão que apontava para reduções superiores a 30 por cento, vieram dar novo alento ao comissário Ray Mac Sharry.

Os ministros, no entanto, querem saber que instrumentos vai utilizar a Comissão e em que moldes, para avaliar o impacto das medidas junto dos agricultores. A proposta de Mac Sharry será submetida a nova votação a 3 de Outubro, sendo opinião que, depois deste sinal lançado pelo Conselho, em defesa da sua «dama», o comissário verá aprovada a sua proposta por pelo menos nove votos, que são os necessários.

O sector agrícola da Comunidade é, neste momento, um autêntico barril de pólvora. Os agricultores manifestam-se com um radicalismo nunca visto e os próprios ministros transformam o Conselho num «forum» de lamentações.

A reunião de terça-feira será seguida por uma outra, a 8 de Outubro, no Luxemburgo, onde será analisada a proposta da Comissão Europeia. Na hipótese provável de vingarem as posições do comissário responsável pela Agricultura, as relações CEE-Estados Unidos, no seio do GATT - Acordo Geral de Tarifas Aduaneiras e Comércio conhecerão certamente uma fase mais tensa. No entanto, segundo opinião ministerial, as negociações são sempre tão difíceis que um obstáculo a mais não assume particular significado.

José Rui Cunha

Cardoso e Cunha contesta aumento do petróleo

Os recentes aumentos do petróleo são considerados «injustificados e indefensáveis» pelo comissário europeu Cardoso e Cunha e só podem ser explicados «por movimentos de especulação».

O responsável pela política de energia da CEE disse igualmente que a alta de preços do petróleo reflecte «uma reacção normal do mercado ao receio de uma guerra no Golfo».

Cardoso e Cunha, numa nota distribuida esta semana em Bruxelas assinala que a perda de produção do Iraque e do Koweit «foi compensada por outros países da região e os stocks da Europa mantêm-se a níveis elevados».

Aquele comissário apelou, por outro lado, aos oradores económicos para porem termo a movimentos especulativos e enviou uma mensagem aos países produtores no sentido de reflectirem sobre «as implicações a longo prazo» da situação.

A comissão da CEE está a eloborar entretanto um estudo sobre um impacto do aumento dos preços do petróleo nas economias dos doze, estudo que será apresentado ao Conselho de Ministros da Energia da Comunidade em Luxemburgo no próximo dia 29 de Outubro.

O governo belga solicitou, no entanto, uma antecipação desta reunião para o dia 15 de Outubro, o que foi acolhido favoravelmente pela comissão.

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUTUBRO
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

BREVES

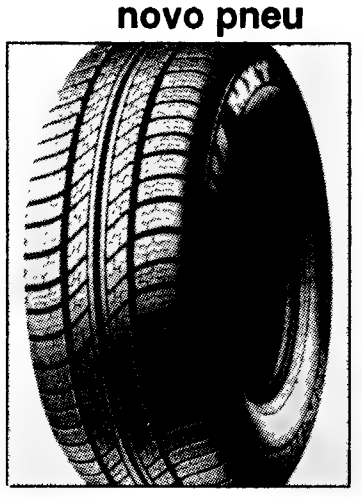
AIPortuense visita Checoslováquia

A Associação Industrial Portuense vai realizar, de 21 a 25 de Outubro, a sua primeira visita empresarial a um país do Leste, mais precisamente à Checoslováquia, com vista a potenciar as relações comerciais entre os dois países. Estão agendados encontros ao mais alto nível.

Recuperação da floresta começa em Vila do Rei

Mais de 120 mil contos vão ser investidos num projecto de melhoria da floresta no concelho de Vila do Rei, com uma intervenção em 1.080 dos mais de dez mil hectares ardidos.

Michelin lança novo pneu



A Michelin lançou no mercado o pneu MXT, apontado pela marca como «mais seguro, por mais tempo e em todo o tempo». Concebido para velocidades máximas de 190 quilómetros/hora. Igualmente refere que este novo produto tem um comportamento eficaz em estradas secas e molhadas, uma acrescida quilometragem, um nível sonoro consideravelmente reduzido e mais conforto e uma melhor precisão na condução.

Regisconta lançou novo fotocopiador

Um novo fotocopiador Konica, com possibilidade de ampliação e redução de 50 a 200 por cento foi lançado no mercado pela Regisconta. Trata-se do modelo 115Z, que faz cópias A3 e A4, produzindo 15 páginas destas últimas por minuto. Um característica importante é a sua capacidade de fazer cópias de livros (Dual Page Copy), o desvio da imagem e a eliminação de cercaduras e dobras (Fold e Frame Erasure).

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$10	51$10
ALEMANHA FED. (marco)	87$85	89$05
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$080	4$330
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$80	122$30
(notas de 5 a 1000)	120$30	122$80
DINAMARCA (coroa)	23$05	23$45
ESPANHA	1$371	1$491
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$40	141$90
(notas de 5 a 1000)	138$90	142$40
FINLÂNDIA (marka)	37$10	37$70
FRANÇA (franco)	26$25	26$95
HOLANDA (florim)	77$90	79$00
IRLANDA (libra)	237$20	241$20
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$968	1$023
NORUEGA (coroa)	22$70	23$20
REINO UNIDO (libra)	258$20	262$70
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	105$30	106$80
VENEZUELA (bolívar)	2$396	3$196

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Diário de bordo de viagens ao Mindelo e à Praia

Propósito

Insularidade comparada. Mal comparada, talvez, mas comparada de boa-fé... Sem ciência alguma. Exercício lúdico. Notas de viagem de um açoriano em trânsito por Cabo Verde. Texto «cruzado» de diários de bordo com três anos de distância: Julho de 1987 — Junho de 1990.

Imagens de S. Nicolau

Insularidade

Chegada

Qualquer coisa dos Açores, qualquer coisa do Brasil. O mar cheira pouco a mar. Raramente se vislumbra o verde. Montanhas imponentes, áridas, descarnadas — ocre, castanho, cinzento...

Chama-se Mindelo. Isolamento, tristeza mansa inscrita na paisagem...

Navio fantasma

Trajecto do aeroporto para a cidade: um navio encalhado há mais de 20 anos. Metáfora desta cidade estranha: «*Navio fantasma eternamente encalhado entre mar e céu...*» (Aguinaldo Fonseca).

Toda a cidade evoca a memória de épocas doiradas: anos de prosperidade no grande porto do Mindelo. O tempo dos ingleses, que, a pouco e pouco, desde o segundo quartel do século passado, se instalaram em S.Vicente. Trouxeram com eles os hábitos britânicos: o *cricket*, o *tennis*, o *five o'clook tea*... Impulsionaram o crescimento económico e urbano do Mindelo, desenvolvendo todas as actividades lucrativas relacionadas com o mar, a navegação e, em geral, as comunicações, desde o cabo submarino ao telégrafo ...

Em 1890, o médico João Augusto Martins escrevia: «*Hoje, esta ilha verdadeiramente não é nossa (leia-se: portuguesa), ou é-o apenas n'aquilo e pela maneira que os ingleses querem que ela seja...*»

Decadência

Ao longo da viagem, vou aprendendo alguma coisa do passado, numa excelente monografia intitulada «Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo» (edição do Ministério da Economia e Finanças de Cabo Verde), elaborada por uma equipa chefiada pela socióloga sueca Brita Papini.

Toda a vida económica do Mindelo, e o seu crescimento como cidade, girou à volta do porto. O tráfego marítimo atingiu, no último quartel do século XIX, o máximo do seu desenvolvimento, mas os portos rivais das Canárias — Tenerife e Las Palmas — foram vencendo, a pouco e pouco, o braço de ferro da concorrência com o Porto Grande. Ao longo do século não foi possível travar a decadência do Mindelo. À prosperidade seguiu-se o declínio da transmissão por cabo submarino. A substituição do carvão pelo *fuel* na navegação marítima determinou que, em 1958, as grandes companhias carvoeiras inglesas deixassem o Mindelo: a Millers & Cory, a Wilson, Sons & Co.,a Companhia de S.Vicente de Cabo Verde...

A história do Mindelo e da ilha de S.Vicente lembra-me a da cidade da Horta e da ilha do Faial: a prosperidade oitocentista, o porto, o papel pioneiro nas relações açor-americanas ao tempo dos Dabney, as épocas de oiro e de crise do cabo submarino, os hidroaviões, o vulcão dos Capelinhos e a subsequente emigração para a América...

Enfim, o drama das economias insulares, oscilando ao sabor de factores externos ou de catástrofes da natureza, incontroláveis pelos habitantes das ilhas. A emigração como solução quase única dos seus problemas sociais...

Nocturno

Noites do Mindelo: «*A Lua pondo sombras em coisas impossíveis...*» (António Nunes).

Música *reggae*, num bar... A melancolia não parece atingir as pessoas: paira, à noite, nas ruas, uma alegria, meio louca, de Carnaval brasileiro...

Poema de Osvaldo Alcântara (Baltazar Lopes):

«*...Mas no coração dos que temem*
a primeira luz do dia que vai chegar
ficam os gemidos do violão e
do cavaquinho
vozes crioulas neste nocturno brasileiro
de Cabo Verde».

Em Junho de 1990, a animação é menor do que em Julho de 1987. Pergunto porquê. Resposta fácil: os emigrantes ainda não chegaram. Julho é outra coisa.

O antigo Reitor

Conversa com amigos acerca de Baltazar Lopes. Dizem-me que o intelectual da «Claridade» teve problemas com os alunos no Liceu de S.Vicente, após o 25 de Abril. Motivações políticas? Hostilidade ao então PAIGC? Que não. Talvez apenas o seu perfil de «velho professor» e «antigo Reitor», de algum modo associado à velha ordem...

Se assim foi, que doloroso paradoxo! O «pai fundador» da autonomia literária caboverdiana posto em causa pelos adeptos da independência política! Os historiadores, certamente, irão esclarecendo o que sucedeu, se sucedeu, à medida que a narração da história se emancipar de tutelas políticas ou silêncios programados...

Ponte

Ponte literária Açores-Cabo Verde, nos anos do pós-Guerra, mais precisamente 1945-1950. Lugar de encontro: o semanário «A Ilha», de Ponta Delgada. Do lado açoriano, o principal, se não único, obreiro é Pedro da Silveira. Do lado caboverdiano, surgem textos de escritores e poetas ligados aos movimentos da «Claridade» e da «Certeza», como Jorge Barbosa, Pedro Corsino, Manuel Lopes (então, residente na Horta, onde trabalha no cabo submarino), António Nunes, Carlos Alberto Monteiro Leite, Aguinaldo Fonseca, Gabriel Mariano...

Pedro da Silveira via na novíssima literatura caboverdiana um exemplo, uma linha de rumo possível para uma literatura açoriana:

«*Transpondo os estreitos limites do regionalismo, sem no entanto deixarem de ter profundas raízes nas Ilhas e nas gentes crioulas, estes jovens escritores vieram dar-nos uma bela nota da sua presença, trazendo-nos uma obra colectiva que quase nos espanta poder ser realizada em terra tão pobre, com comunicações precárias com o mundo e, por conseguinte, privada dos recursos culturais dos grandes meios; uma obra que é um exemplo para nós outros açorianos, para os escritores açorianos vergonhosamente alheios ao que os rodeia, ruminando romanticamente boninas nos prados e céu azul (dos seus sonhos de budazinhos baratos confinados a um bairrismo patrioteiro à Pinheiro Chagas) e sereias de canto embalador e ganimédicos efebos e...o resto...*» («A Ilha», nº707, 3 de Novembro de 1945).

Silveira não interpretava, porém, a «Claridade» apenas enquanto movimento literário. Em 1949, a propósito do romance «Chiquinho», de Baltazar Lopes, o escritor afirmava: «*O facto de Cabo Verde ser uma possessão portuguesa não implica que chamemos literatura portuguesa ao que, depois de* Claridade, *tem escrito a intelectualidade crioula.* Claridade *foi o grito de Ipiranga na literatura cabo-verdiana.* E Chiquinho *não poderia ter sido escrito por nenhum dos novos romancistas portugueses nem talvez mesmo, a despeito de uma maior proximidade, por um brasileiro do Nordeste. Sem ser de Portugal nem do Brasil, a Literatura cabo-verdiana é como que um traço de união entre as literaturas das duas grandes pátrias irmãs.(...)*».

Será necessário sublinhar que, no ano de 1949, em plena era do Império Colonial, esta afirmação de autonomia literária representa um acto ousado e precursor?

O poema de Amílcar

O intercâmbio interinsular promovido por Pedro da

O Porto Grande do Mindelo, na fotografia da capa do conto de Baltazar Lopes «A Caderneta» (edição bilingue português/francês)

e (mal) comparada

ratos
o pa-
as) e
e ga-
to...»
de

tava,
ape-
nento
ropó-
iqui-
es, o
cto de
sessão
que
portu-
Clari-
lectu-
le foi o
ratura
uinho
ito por
ncistas
mes-
mai
sileiro
Portu-
ratura
ue um
teratu-
átrias

linhar
9, em
Colo-
auto-
enta
ursor?

nsular
ro da

Silveira teve, entre outros resultados, o da publicação no semanário de Ponta Delgada (nº742, 22 de Junho de 1946) de um poema de Amílcar Cabral, o primeiro da fase que Oswaldo Osório denomina «Poemas da Juventude». Jornal «A Ilha», secção «A Ilha Lite-rária», título do poema «A Ilha» (nesta página, fica a reprodução do próprio semanário açoriano)...

A «estreia» açoriana de Cabral deu-se «graças aos ofícios de João de Deus Lopes da Silva», irmão de Baltazar Lopes (Oswaldo Osório, in «Emergência da Poesia em Amílcar Cabral», Praia, Grafedito, 1984).

Um marinheiro literato

João de Deus Lopes da Silva, comandante do lugre «Nossa Senhora dos Anjos», desempenhou papel de relevo nessa aproximação literária. O comdt. Lopes da Silva também publicou, em «A Ilha», poemas, narrativas, descrições de Cabo Verde. Concedeu a Pedro da Silveira («A Ilha», nº722, 2 de Fevereiro de 1946) uma longa entrevista acerca da vida e da literatura caboverdianas: «*Com os açorianos* — dizia o capitão Lopes da Silva — *sempre me dei bem. Todos somos homens das ilhas e a camaradagem entre açorianos e cabo-verdianos vem de longe, tem raízes muito fundas...*»

Toponímia

Divirto-me a observar as mudanças na toponímia cabo-verdiana!...

Através dela ressaltam as transições de regime na outrora Mãe-Pátria e o «corte» da descolonização.

A rua central — com o palácio cor-de-rosa, que foi outrora do Governador e hoje se chama Palácio do Povo, ao fundo — já foi baptizada e rebaptizada, por várias vezes:

Nas origens, Rua dos Navegadores.

No fim da monarquia, Rua D.Carlos I.

Na Primeira República, Rua Lisboa.

No Estado Novo, Rua Roberto Duarte Silva.

Com a descolonização, Rua dos Libertadores de África.

Ao lado da nova, a velha lápida. E o nome corrente, popular, ainda é Rua Lisboa. Perdurou a versão «republicana» e não parece que venha daí mal ao mundo: Lisboa também foi teatro de muitas e variadas libertações...

Mas há mais justaposições insólitas e saborosas: a Rua do Tejo é vizinha da Rua N'Krumah; a Rua do Minho e Douro não fica longe da Franz Fanon, nem a Che Guevara da Governador Calheiros....

Coexistência pacífica.

Debates

Em 1987, a palestra, no Centro Cultural Português, sobre «Informação e Insularidade» foi seguida de animado debate. Tema: liberdade de Imprensa. Não admira: na semana transacta, o Mindelo tinha sido palco de uma manifestação de protesto contra as perseguições movidas pelo Poder a um funcionário bancário *doublé* de jornalista, por causa de artigos que vieram a lume na publicação católico-oposicionista «Terra Nova».

Três anos depois, no mesmo local, mas com outro tema, não houve o mesmo clima de contestação política. Moacir Rodrigues, delegado do Governo para os Assuntos Culturais, participa sempre com gosto neste género de debates. A propósito de uma hipótese levantada — *clubes de telespectadores* —, recordou o movimento cineclubista em Portugal, antes do 25 de Abril. Se era possível *desconstruir* o «texto cinematográfico», porque não tentar o mesmo com o «texto televisivo»?

Cont. na página 16

ILHA

Tu vives — mãe adormecida —
nua e esquecida,
sêca,
batida pelos ventos,
ao som das músicas sem música
das águas que nos prendem...

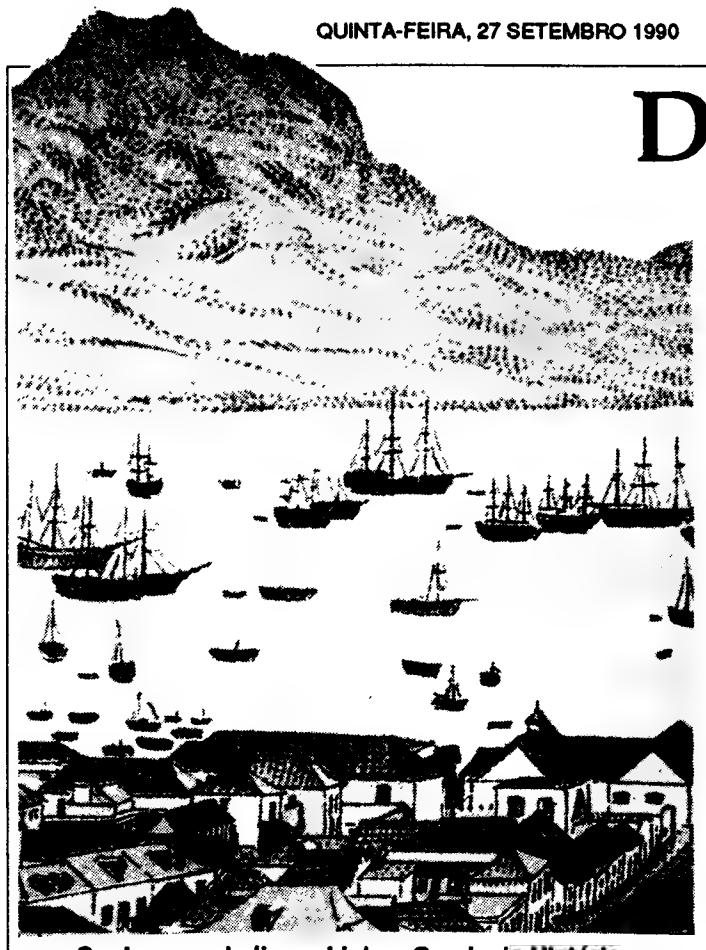
Ilha:
teus montes e teus vales
não sentiram passar os tempos,
e ficaram no mundo dos teus sonhos
— os sonhos dos teus filhos —
a clamar aos ventos que passam,
e às aves que voam, livres,
as tuas ânsias!

Ilha:
colinas sem fim de terra vermelha
— terra bruta —
rochas escarpadas tapando os horizontes,
mar aos quatro cantos prendendo as nossas ânsias!

Praia, Cabo Verde — 1945

Amilcar Cabral

Poema de Amílcar Cabral, publicado na secção literária do jornal «A Ilha» em 1946



Contracapa do livro «Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo»

Diário de bordo de viagens ao Mindelo e à Praia

Cont. da página 15

A generosidade destas ideias não está em causa, mas o espírito do tempo — bizarro conceito! — é que não lhes tem sido favorável. Recordo-me das experiências de televisões regionais e comunitárias na Bélgica francófona. Começaram participadas, ingénuas e ligadas à vida local, no final dos anos 70, mas cedo se converteram em imitações profissionalizadas da televisão central.

O crioulo da Praia

A série açoriana «O Barco e o Sonho», realizada, na RTA-Açores, por José Medeiros, com base num conto de Manuel Ferreira (escritor e jornalista açoriano; não confundir com o homónimo professor da Faculdade de Letras de Lisboa e especialista nas literaturas africanas de expressão portuguesa), foi exibida pela televisão de Cabo Verde.

A série, muito aplaudida pela crítica de Lisboa e Porto, teve bom acolhimento a nível de alguma élite cabo-verdiana, mas não logrou atingir o grande público. A RTC chega mesmo a repetir, involuntariamente, um episódio, e reagiram com indiferente surpresa quando uma telespectadora atenta telefonou a alertar: ninguém mais protestara ou, sequer, assinalara o lapso...

A Lia, de 10 anos, é que teve dificuldade em entender o português de S.Miguel-Açores e perguntou, com naturalidade: «Mamã, aquilo é que é o crioulo da Praia?»...

Café Royal

Desço a Rua Lisboa — a toponímia oficial que me perdoe — que será, possivelmente, a mais importante da cidade. No início do século, ainda era, com raras excepções, uma artéria composta apenas de «alpendres, casebres, até oficinas». Excepções são as casas de Rendall, família a que pertenceu o primeiro cônsul inglês no Mindelo, John Rendall, ou a Farmácia do Leão, edifício onde também viveu uma Rendall.

A meio da rua fica o Café Royal: nada de assinalável, sob o ponto de vista arquitectónico. Por dentro, tudo evoca um café de província portuguesa... há trinta anos. Ou um café açoriano na Calheta ou nos Biscoitos. Ou uma das suas reproduções em New Bedford ou Fall River, na Costa Leste dos Estados Unidos...

Hoje, a agitação é desusada: o Royal está à «cunha», transborda de gente e há uma fila que se prolonga, de pescoço esticado, no passeio em frente. É o início do Mundial de futebol: Argentina-Camarões. Consegui chegar, a custo, até ao balcão, onde verifico, enquanto me servem o café, que o entusiasmo é grande: torcem, unânimes, pela equipa africana, mesmo se a relação de Cabo Verde com a África propriamente dita não é isenta de ambiguidade (nem a dos Açores com a Europa...)...

Café Royal: também há em Ponta Delgada. Era tido pela «sede» da cavaqueira «separatista» local. Uma alta patente do Exército português aventurou-se a tomar lá uma «bica» em 1979. Ouviu algumas daquelas que se dizem a «continentais» e, depois, confidenciou-me numa análise prospectiva e estratégica: «O ambiente está escaldante. Lembra-me a Guiné em 1973 !»

Ligeiro equívoco, mas... «errar é humano»...

Tempo(s)

Há 15 anos, Cabo Verde ainda era uma colónia portuguesa. Falta-me essa memória: Cabo Verde colonial. Não custa recriar em imaginação: um tempo (ainda mais) parado no tempo...Lugares mortos, ilhas esquecidas...

Traduzo um parágrafo do «grande Hall» (assim chamava, irónico, um professor meu ao antropólogo Edward T. Hall): «*Nas culturas como a nossa — para as quais o passado colectivo se dilui, ao afastar-se, considera-se história antiga o que se passou há 20 anos — resulta disto uma forte impressão de aceleração do tempo*». («The Dance of Life»).

Contratempo(s)

A televisão instaurou nas sociedades contemporâneas um tempo de espectáculo, quase permanente, paralelo ao tempo vivido.

Cabo Verde aderiu, de alma e coração, ao tempo de espectáculo futebolístico: a Copa do Mundo. A tal ponto que o Governo se sentiu na obrigação de transmitir dois jogos por dia em directo e de alterar o horário de trabalho: agora é das 7 às 14 h. Depois do almoço, só há futebol.

«Temos tão pouca coisa para dar ao povo», justifica-se, em privado, um quadro superior.

A questão terá sido objecto de debate animado em Conselho de Ministros.

Pedro Pires dir-me-ia a este respeito: «*É a questão das sociedades pequenas: tivemos muitas pressões e decidimos por uma questão de realismo*»(«D.L», 4 de Julho de 1990).

Será relevante, afinal, toda esta questão de horários no contexto de Cabo Verde? Volto ao «grande Hall»: neste tipo de países — ao contrário do que sucede, por exemplo, nos países anglo-saxónicos — o indivíduo «*não obedece a um horário, mas a outros indivíduos, em especial aos familiares ou a pessoas próximas*».

«*O horário é algo de exterior que não está ligado ao ego ou ao superego, como é o caso das pessoas educadas num contexto cultural de tipo norte-europeu (...)Não é um mecanismo interno, mas externo...*»

Pronto: vamos ao futebol...

Totoloto

A TV cabo-verdiana passou, este ano, de «experimental» a «definitiva», seis anos depois da fundação, indirectamente «pressionada» por uma iniciativa de particulares, no Mindelo, que organizavam emissões de filmes-vídeo. A pouco e pouco, os seus profissionais vão-se moldando aos esquemas consagrados. Sem dispor de tempo para uma observação exaustiva, como seria meu desejo, lá vou observando o que posso...

Diverte-me o anúncio do Totoloto local. Sob o invólucro da moderna mensagem publicitária, esconde-se o sinal de um outro mundo: o bilhete do Totoloto a ser carimbado por um empregado de balcão no cenário de uma loja numa aldeia açoriana (lá diz-se *freguesia*...) dos anos 50.

Por detrás das novas técnicas, as velhas técnicas: spots televisivos *versus* carimbos...

O carimbo é a garantia da casa apensa a uma mensagem escrita que o funcionário aplica, lentamente, enquanto ensaia dois dedos de conversa com o cliente, num mundo feito de relações interpessoais...

A mensagem televisiva de 30 segundos é o contrário disso: rapidez, eficiência, distância, matraqueagem...

Dois universos distintos...

Eu, metropolitano

1987: é o meu primeiro dia na Praia. O motorista pergunta-me: «*O Sr. é metropolitano?*» Respondi, meio embaraçado, que era português. «*É isso, metropolitano...*», comentou. Guardei respeitoso silêncio...

Pouco depois, saudou efusivamente o colega que conduzia um camião. Comentário, para meu governo: «*Aquele camarada também é metropolitano!*» Percebi, então, que metropolitano não era coisa má.

Mais tarde, informou-me que, no dia seguinte, quando fosse, de passeio, ao outro lado da ilha, iria ver «animais metropolitanos», em suma — precisou ele — vacas, porcos, carneiros e congéneres...

Decididamente, «metropolitano» era sinal de excelência...

A independência de Cabo Verde é, hoje, um dado inquestionável, mas a herança colonial deixou marcas no vocabulário...

Entrevista I

Pelo que vejo, a literatura ainda é, aqui em Cabo Verde, factor de prestígio sem igual. Volto às minhas notas de 1987: «Conversa preparatória de entrevista não realizada com um jornalista cabo-verdiano».

Jornalista cabo-verdiano — Então, o Eduardo Prado Coelho já partiu para Paris?

Eu — Não sei. Presumo que só irá no início do próximo ano lectivo...

J.c. — E o Assis Pacheco, como vai?

Eu — Julgo que vai bem, mas não o vejo há algum tempo...

J.c. — De que vamos, então, falar na entrevista? De literatura?

Eu — Literatura não é propriamente o meu campo...

J.c. — Então qual é?

Eu — Comunicação Social, jornalismo...

J.c. — Francamente, isso não me interessa.

Em suma: *chumbei*. Não houve entrevista.

Entrevista II

Ainda em 1987.

Câmara preparada; focos de luz acesos. A jovem entrevistadora da Radio Televisão Experimental de Cabo Verde sussurra, humilde, ao ouvido do entrevistado: *Não se importa de me dizer o seu nome* ? Depois, pergunta: *Que veio fazer a Cabo Verde*? Respondo que estou no Arquipélago no âmbito da cooperação entre Portugal e Cabo Verde, a fim de proferir palestras sobre isto e sobre aquilo. Nova pergunta: *Sobre que são as palestras* ? Fingi não ter ouvido e acrescentei mais qualquer coisa. Despedi-me da jovem interlocutora, tão simpática como incipiente.

Seca

Concelho de Santa Cruz, ilha de Santiago.

Festa de Nhô Santiago.

Presentes muitos estrangeiros, a testemunhar as muitas e várias paragens de onde provém a cooperação. A experiência de desenvolvimento de Cabo Verde, a luta contra a seca, merecem uma simpatia que se pode dizer, sem forçar a palavra, *universal*.

Almoço de «cachupa rica», depois corridas de cavalos: gritos, em vez de palmas, a incentivar e aplaudir os melhores cavaleiros.

No interior da ilha não há verde. Ou só há breves oásis.

«*Há quinze anos isto era uma ribeira* — diz o meu interlocutor, apontando um vale árido e praticamente sem vegetação. — *Tomei ali banhos com o meu Pai. Agora procura-se água a 12 m de profundidade*».

Sinais

Nos Açores, chama-se «mercado da saudade» a essa exportação para a América do Norte de produtos da gastronomia regional: lapas, cavacos, morcelas, ananazes, sei lá...

Aeroporto da Portela: cá estão, como diz alguém, os indeléveis sinais do avião do Sal: pingos de água das lagostas congeladas; grãos de milho, destinados à cachupa, espalhados pelo chão; um leve cheirinho a grogue...

Confesso que também dou o meu discreto contributo.

Mário Mesquita

«Mala Real Inglesa», passando o Ilhéu dos Pássaros, S. Vicente (*in* «Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo»)

Rua dos Libertadores da África: de rua de casebres a rua principal

CULTURA

SEC financia filme de Manoel de Oliveira

«A Divina Comédia», filme que Manoel de Oliveira irá realizar, será financiado pela Secretaria de Estado da Cultura. O financiamento será distribuído pelo Fundo de Fomento Cultural da própria SEC, pelo Instituto Português de Cinema e também pela RTP.

Espectáculos no jardim botânico

Myriam Bargetze, Rolf Konrad e Margarida Pinto Coelho são os artistas responsáveis pela apresentação de uma perfomance-instalação, envolvendo artes plásticas, música, palavras e dança, no Jardim Botânico de Lisboa, amanhã, sábado e domingo. Os espectáculos realizam-se às 17 e 30, com uma lotação de cem pessoas, estando os bilhetes à venda meia hora antes do inicío.

Chapitô apresenta animação em acção

Começa amanhã e prolonga-se até 10 de Outubro o programa animação em acção. A inauguração será feita com um espectáculo apresentado pelos jovens da Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina.

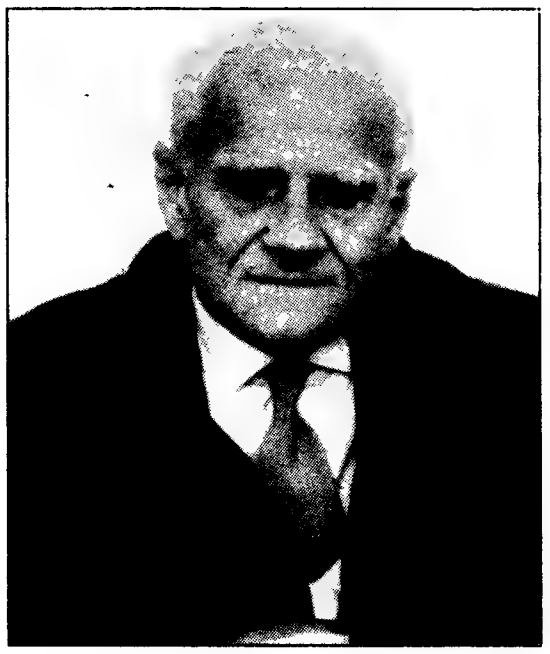
Moravia: Um homem contra a alienação do mundo moderno

Alberto Moravia, romancista italiano internacionalmente conhecido, que ontem morreu aos 83 anos, teve como máximo objectivo da sua escrita a exposição da alienação e desilusão do mundo moderno. Esse (passe a expressão) o seu cartão de identidade.

Depois do sucesso imediato do seu primeiro livro, em 1929, «Os Indiferentes», em que retrata a sociedade italiana nos primeiros anos do fascismo, Moravia abordou, efectivamente, e com aguda pertinência, os sentimentos colectivos do nosso século, o que qualquer um pode verificar lendo, por exemplo, «As Falsas Ambições» (ainda o "Duce" e os seus sequazes); «A Romana», com base na vida de um prostituta do pós-guerra e na sua procura do amor; «La Ciociora», de 1957, um dos títulos mais conhecidos, assente no cenário da II Guerra Mundial, numa altura em que os aliados tentavam libertar a capital italiana (a propósito: Vittorio de Sica realizou um filme inspirado naquela obra, intitulado «Duas Mulheres», tendo Sofia Loren, no papael principal, ganho um Oscar); «O Conformista», «O Desprezo», «A Atenção», etc. A tempo: «La Noia» («O Tédio»), um romance que aborda a sociedade de consumo.

Viajou sempre (esteve em Portugal em 1983, ano em que publicou um ensaio na nossa língua com o nome «O Homem Como Fim", notável de análise quer exterior, quer interior) - e tão profundamente viajou que foi à China pela primeira vez em 1936 e aos Estados Unidos no ano anterior... O que o levava a viajar? Em certa medida, e segundo palavras suas, para escapar à Itália fascista. De um momento para o outro, refugiava-se em Paris.

Além disso, Moravia tinha do mundo uma ideia global, pelo que, não só através da obra, como também na conversa com amigos e admiradores, manifestava, com veemência, a ideia de que todo o homem deve estar a par do que se passa neste e naquele ponto, tocando o próximo e desejando o longínquo. Para Moravia, todos os espaços, países, povos, eram interdependentes. Assim, defendia um interesse generalizado, um pesar os prós e os contras dos mais diversos acontecimentos. (O que, aliás, e não exagerando, constitui a matéria dos seus livros).



Alberto Moravia

Vale a pena acentuar este seu intuito, pois que defendia o princípio de que não basta só escrever (e Moravia escreveu muito), antes se impondo, com carácter de imperativo categórico, também a deasloção aos mis diferentes e distantes pontos do globo a fim de se aquilatar devidamente do que aí acontece, e porquê, e quais as consequências originados por factos sempre novos. Não só livros, não só jornais, não só a rádio, não só o "écran" da televisão: o que interessa é ver e falar "in loco". E Moravia viajou muito...

Perguntar-se-á: como tinha tempo para escrever...? Viajando, ora por um ponto, ora por outro, ele sentia-se desbloqueado (ver «Autobiografia», a ser publicada em Outubro, e de que alguns orgãos da Imprensa estrangeira inseriram já longos extractos), livre, com vontade quase fisiológica de escrever - e fazia-o, embora falasse, por exemplo, em Paris, de coisas passadas na sua pátria ou noutro país qualquer.

Um outro aspecto que merece igualmente a atenção de quantos se dão à leitura das suas obras: durante mais de meio século, Alberto Moravia analisou o comportamento feminino de uma época (nomeadamente em Itália). Sobre essa problemática, que se fixe o número (não tanto por curiosidade, mas pela sua quantidade e qualidade) de novelas tendo com personagem fulcral a mulher: mais de cem... E note-se: cada um desses livros é o retrato, nunca repetido, de uma mulher.

Como escritor, o interesse de Moravia pelas mulheres, *pelo seu existencialismo*, irrompeu quando o feminismo se implantou em Itália de maneira brusca e exuberante. Tal se deve ao facto de as mulheres em Itália, sofrerem, até então, de um machismo desbragado, insultuoso, mesquinho. O escritor, com finura, viu claramente que as mulheres suas patrícias se não encontravam totalmente integradas na sociedade: eram duas numa e, daí, também, um certo encanto e erotismo que afloram em muitas páginas dos seus romances...

O romancisata busca essas mulheres na burguesia e no povo. E apura o seguinte: embora as mulheres dessas duas classes tenham e sofram as mesmas relações sociais com os entes que as rodeiam, um facto há que as divide - as mulheres do povo trabalham, enquanto as da burguesia se entregam ao ócio, «tornando-se (os termos são de Moravia) selvagens na verdadeira acepção do termo.»

Que o leitor não pense Alberto Moravia um obcecado pelo sexo, caso tenha conhecimento de um dos seus juízos mais conhecidos: «A conquista do sexo é a grande conquista do escritor.» Não: nesta frase, assim tão crua, antes devemos ver a busca das maiores profundidades da vida. Três mulheres (entre outras) se conhecem na sua vida: a grande escritora Elsa Morante, também de nível internacional, Dacia Maraini, que igualmente escrevia -e, depois de 1986, uma jovem espanhola de nome Carmen, com quem viveu até ao ataque cardíaco que o vitimou. «Porque (outra frase de Moravia) sem mulheres não se escrevem romances...»

Pedro Alvim

COM INÍCIO NO **DIA 10** (4.ª feira) **DE OUTUBRO DE 1990** ÀS 21 HORAS PREFIXAS, ATÉ AO DIA 17, REALIZA-SE

IMPORTANTÍSSIMO

LEILÃO

DA VALIOSA BIBLIOTECA QUE PERTENCEU AO DISTINTO BIBLIÓFILO HENRIQUE BOTELHO

Constituída por grandioso número de volumes na maioria de excelente categoria, com belas ilustrações, luxuosas encadernações e em óptimo estado de conservação, composta de 1782 lotes minuciosamente descritos em catálogo, e conforme anúncios a publicar neste e noutros jornais.

Que serão apresentados para venda em leilão, **pela maior oferta,** no salão do antigo Palácio Ficalho, sito na

RUA LUZ SORIANO, 53 - 1.º, EM LISBOA

EXPOSIÇÃO; Dia 4 (5.ª feira), 5, 8 e 9 de Outubro de 1990, das 9 às 13 e das 15 às 19 horas, e nos dias de leilão, das 15 às 18 horas.

Neste leilão também estão incluídos devidamente em lotes, espécies de bastante interesse, descritas em lista extracatálogo, de móveis, cofres, quadros, moedas de prata e outros metais.

Catálogo elaborado pelo nosso colaborador Manuel Ferreira, estando a organização do leilão a cargo da antiga agência

SOARES & MENDONÇA, LDA.

-LEILOEIROS • AVALIADORES-

Rua Luz Soriano, 53-1.º • Tels. 32 13 12-346 98 80

1200 LISBOA

Palco de Tina Turner adiantado em relação ao previsto

Rotina e inovações

Estão adiantados, em relação ao previsto, os trabalhos de montagem de palco e infra-estruturas necessárias à realização do concerto de Tina Turner no estádio José Alvalade, no próximo sábado - segundo a produtora nacional responsável pelo evento, a estreante R&B. O motivo deste sucesso deve-se ao facto da tubagem da estrutura do palco ser a mesma utilizada no concerto de David Bowie, armazenada em Portugal desde essa altura, o que permitiu uma maior rapidez de montagem. Os cenários, material de som e luz começarão a ser montados na sexta feira, ficando concluidos no sábado, dia do concerto.

O camarim da cantora, ainda em fase de acabamento, terá a maior parte dos acessórios negros, contrastando com a cor neutra das paredes.

Tina Turner não quer contactos com a Comunicação Social, ao contrário da lufa-lufa em que andou da última vez que veio a Portugal, em 86, para promover o seu álbum "Break Every Rule". Nessa altura, Tina teve atitude oposta não recusando sequer o seu aparecimento em programas televisivos onde, com a utilização de *play back*, apresentou alguns dos seus temas. Talvez por essa mudança de atitude, a cantora só chega ao aeroporto da Portela poucas horas antes do concerto de sábado.

Em termos organizativos este megaconcerto não difere, no fundamental, dos anteriores realizados no mesmo estádio. Novidade será a instalação do P.A. num dos lados, ao contrário da sua habitual colocação no centro do relvado, permitindo aos espectadores uma completa visão do palco até à bancada superior. O que faz os organizadores do espectáculo apontarem para 65.000 o número de pessoas que assistirão ao concerto de Tina Turner.

Inovadora é a criação de uma área lateral, junto ao palco, reservada a deficientes.

Ao contrário do sucedido no concerto de David Bowie, a R&B garante a actuação dos Delfins, banda escolhida para fazer a primeira parte do espectáculo de Tina. Mais uma vez não se compreende o critério de escolha do grupo português. Nem os Sétima Legião tinham nada a ver musicalmente com Bowie, nem os Delfins com Tina Turner.

Entretanto, a nova promotora de concertos afirma pretender dar aos profissionais da Comunicação Social todas as facilidades e condições necessárias para exercerem a sua profissão. Ontem, numa visita guiada ao estádio José Alvalade, os responsáveis da R&B apresentaram aos jornalistas uma sala VIP para convidados e Comunicação Social, os camarotes donde poderão assistir ao concerto e um gabinete onde serão ligadas duas linhas telefónicas para sua utilização exclusiva. Este encontro terminou com um almoço, no qual a promotora R&B demonstrou vontade de manter uma estreita colaboração com os profissionais da Informação, para este e futuros concertos que garantiu vir a organizar a curto prazo, mas sobre os quais ainda nada pode adiantar.

Maria José Belo Marques

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CINEMA

Crónica onde se diz que o vroom-vroom de Tom Cruise ao volante em «Dias de Tempestade» não vale um pataco, o grande filme em estreia é «Encruzilhada de Ilusões», com um actor a sério, Jeff Bridges. Mas, para já, atenção também a uma estreia prevista para dia 5: «E A Morte O Negou». É o primeiro filme da Guiné-Bissau, o realizador, Flora Gomes, está entre nós. O «DL» não o entrevistou, lida a crónica se perceberá porquê...

Melodrama entre dois shows

A América é assim: o zero e o infinito ou a capacidade de tudo impingir, bom e mau que seja. Na semana passada, foi o que foi com «Dicky Tracy», agora é o que é com «Dias de Tempestade». O investimento é menos vultoso desta vez, mas prometia (veja-se a campanha promocional nalguma Imprensa). O azar é que, enquanto o filme de Warren Beatty é uma bela embalagem, o de Tony Scott nem bluff chega a ser, é um dos piores filmes do ano.

Mas, pelo meio disto tudo, surge, discreto, um belíssimo filme de Alan J.Pakula, «Encruzilhada de Ilusões» (tradução absurda de «See You in The Morning»), para o qual importa chamar a atenção. É que, entre o impacto do show Tracy mais Madonna e o vroom-vroom de Tom Cruise ao volante, nunca se sabe o que pode acontecer a um filme só numa sala (ainda que de prestígio), cujo actor principal é o inteligente Jeff Bridges, aqui, como sempre, na antítese das grandes estrelas.

E por falar em estrelas, vendo «Dias de Tempestade» quase se tem pena de Tom Cruise. Depois de ter perdido o «oscar» para que tanta gente o fadara no ano passado («Nascido a 4 de Julho»), este ano não há ajuda que lhe valha. Não só o filme é abaixo de qualquer classificação, como de Cruise o melhor que se pode dizer é que não convence. O que vendo bem, é um elogio, atendendo ao valor do produto acabado em que o rapaz se meteu.

*

«Dias de Tempestade» é uma nulidade de tal ordem que consegue chatear toda a gente. Os fãs de Tom Cruise ficam na pior porque o ídolo faz de parvo todo o tempo (aquela corrida de preservativos pela perna da pequena acima não lembra a ninguém...). Os amantes do vroom-vroom entediam-se de certeza com este espectáculo de fancaria. Quanto às pessoas que, humildemente, compram o bilhete na esperança de ver cinema, depressa se apercebem que se enganaram na sala. Que se salva desta desgraça completa ? A bem dizer, nada, salvo se se considerar que o surgimento de um novo rosto feminino com alguma graça (Nicole Kidman) pode ser uma esperança. Para já, ela mete Tom Cruise num chinelo, o que aliás sucede também com Robert Duvall, muitos furos acima da estrela ofuscada.

*

E não se perca mais tempo com esta pseudo-aprendizagem de um campeão, passe-se para a real aprendizagem da vida de que trata «Encruzilhada de Ilusões». Belíssimo é o que é este filme, tão mais quanto ninguém ali veste a pele do herói. A começar por Jeff Bridges, óptimo. Disse-se aprendizagem da vida e é disso mesmo que se trata, o casamento como instituição onde a família se insere e reproduz.

«E A Morte O Negou», de Flora Gomes (1988)

Uma base sólida? Nem por isso: os dois casamentos iniciais dissolvem-se rapidamente, um por morte, outro por divórcio. Quanto aos que resultam deste incidentes de percurso, a todo o tempo tremem ou intui-se que sim.

Mas este melodrama não prega virtude. A jovem modelo quando se mostra sem máscara esfuma-se, o psiquiatra é uma pessoa pouco segura, a dona da casa está longe de ser um anjo do lar, as crianças vivem algo traumaticamente a vida em família e mesmo o cão (com direito a nome no genérico...) ladra que se farta.

Um paraíso o casamento? Nem por sombras. A família o repouso do guerreiro? Antes pelo contrário. Então como é? É simples: é no microcosmos da família, mais do que em qualquer outro hoje, que as pequenas (grandes) coisas da vida se dramatizam e desdramatizam, ou como diria um chinês que não é para aqui chamado, «não há soluções, há novos problemas», de uns para os outros a vida continua e se vai cumprindo.

E no filme ela se cumpre e continua, apercebemo-nos disto no final, quando o miúdo deposita na casa abandonada o seu testemunho de passagem. É uma inscrição na porta do armário, que a outra inscrição, datada do fim do século, se vai acrescentar. A vida como herança e legado espirituais, os mortos como fantasmas não apavorantes mas protectores, o amor (em família e porque não?) uma teia longamente tecida.

*

Da América para a Guiné-Bissau para saudar a primeira obra do que se espera venha a ser uma nova cinematografia, a somar, em África, às do Mali e do Burkina Faso. O autor de «E A Morte O Negou» é Flora Gomes que nesta obra de estreia enfrenta um tema difícil: a guerra colonial. Para nós, portugueses, uma curiosidade acrescida: que olhar este vindo do outro lado do conflito em que também fomos parte ? Pois bem: o olhar de Flora Gomes nada tem de panfletário, o seu filme nada tem de esquemático. É que a guerra é apenas o pano de fundo, às tantas, ela acaba e daquilo que o filme verdadeiramente trata é do pós-guerra e suas contradições.

E trata-as com inteligência, sentido crítico, ironia, humor, sensibilidade e uma forma muito simples (mas não simplista) de fazer cinema. E é isso que também espanta: a fluidez, o ritmo sempre conseguidos desta obra, feita com poucos meios e nula experiência anterior. Mas este novo realizador transporta consigo uma chama de artista que supera as dificuldades, só é pena que uma certa prudência o tenha coibido de um rasgo maior.

Mas, para já, diga-se que Flora Gomes consegue inserir uma bela história de amor num tecido social pleno de conflitos. O seu filme funciona, para além do mais, como um belo testemunho sobre o seu país e a África de hoje.

*

E conclua-se com uma história (autêntica) que, aparentemente, nada tem a ver com este filme. Era uma vez... um cineasta português a quem um jornal queria entrevistar a propósito da estreia do seu terceiro filme. Uma entrevista, sim, mas ...em exclusivo. Vai daí o cineasta respondeu, perguntando: «Mas, afinal, qual é o acontecimento: o meu filme ou o vosso jornal ?». A entrevista gorou-se, mas, em vez dela, o cineasta falou livremente para toda a Imprensa que o quis ouvir. E a história acaba aqui.

Acaba, não, porque a outra história se liga. Esta (também autêntica). Flora Gomes esteve (e ainda está) entre nós para apresentar o seu filme e o distribuidor de «E A Morte O Negou» sugeriu que o «DL» o entrevistasse. O «DL» disse que sim, só que, chegado o monento, o distribuidor confessa que se comprometera com uma entrevista em exclusivo com outro jornal. Com o «DL» só depois, «o «DL» que compreendesse...». E o «DL» compreendeu.

Compreendeu que o distribuidor de «E A Morte O Negou» não percebe que o acontecimento é o filme que tem em mãos e nada mais do que isso. E fiquemos por aqui. Não sem que se diga que Flora Gomes nisto tudo está inocente, o seu filme estreia a 5 de Outubro e é um belo filme. Que o distribuidor dele desmereça, isso é o menos...

Rodrigues da Silva

O cronista vai para outras paragens. Mas regressa. A próxima crónica, em princípio, sai a 17 de Outubro. Até lá, bons filmes, que os haverá, a começar pelo «Non», de Manoel de Oliveira, obviamente a não falhar.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
SALA 1
TERÇA A SÁBADO — 21.30 * DOMINGO 17H
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO
M/12
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
M/16
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS F GULBENKIAN • REMEDIOS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PUBLICO
SUBSIDIO S.E.C
MARCAÇÕES T. 726 0818

César filma

João César Monteiro acabou ontem as filmagens de «Conserva Acabada», um vídeo-clip em 16 mm para a RTP. Duração prevista: cinco minutos que o cineasta tentará alongar até aos sete ou oito, que só em tantos julga caber a história de um tal João Raposão, mais conhecido pelo Raposão do Audio-Visual, a menina Fernanda sua secretária e Fernando Pessoa, realizador. Para já o genérico é o seguinte: «Produções João Raposão/ apresentam «Conserva Acabada»/ com Alexandra Lencastre/ directed/ by/ Fernando Pessoa». Fica de fora (do genérico) João César Monteiro (na pele do sr. João de Deus) que teve a ideia de fazer o pior filme português, mas acha que não conseguiu, depois se verá.

E antes que se veja, eis que João César Monteiro parte agora para outro mini-filme: um minuto de duração, encomenda da Rita Filmes. Como se trata da história da matança de um borrego, chama-se o filme «Agnus Dei», com outra vez, o sr. João de Deus, mas de smocking agora e movimentando-se nas altas esferas. É para o cinema? Para a Televisão? Diz César que, se calhar, é para os Ministérios...

R. da S.

Até dia 6, na Cinemateca

Os últimos Fellinis

A semana que hoje (cinematograficamente) começa é ainda marcada pelo acontecimento Fellini, ou a sua obra toda em retrospectiva, na Cinemateca. Os filmes a exibir vão de 1965 («Giullieta degli Spiriti») a 1990 («A Voz da Lua», em antestreia) e neste percurso de 25 anos há vários marcos importantes a assinalar.

Logo em 1965, «Giullieta...», o primeiro filme a cores de Fellini; depois, em 1969, o filme feito para a televisão norte-americana «Diário de Um Realizador»; em 1969 ainda, a pequena obra-prima, produzida pela televisão italiana, «Os Palhaços». Isto para não falar desses melancólicos e simultaneamente sumptuosos olhares de Fellini («O Navio», 1983; «Ginger e Fred», 1986; e «A Entrevista», 1988) através dos quais a História, o Espectáculo e Fellini elepróprio surgem envoltos nas brumas de um realismo visionário.

Mas não era Fellini quem dizia, já em 1970, que «O único realista verdadeiro é o visionário » ?. Era ele, sim, para depois confessar: «Se ando por aí e olho para as coisas à minha volta, é só para examinar o que inventei».

Esta reinvenção do real é, aliás, uma das suas mais profundas marcas de autor, basta recordar um filme maravilhoso como «Roma», 1972, no qual Fellini consegue a simbiose perfeita entre Roma antiga, Roma contemporânea e mesmo a sua Roma pessoal evocada a partir da juventude.

Reinvenção do real, pois, mas não uma reinvenção qualquer, já que a Fellini aquilo que o deslumbra não é nem o rosto nem a máscara, mas o que sob a máscara do rosto se esconde.

Um pequeno texto de Fellini (escrito em 1970, a quando das filmagens de «Os Palhaços») é uma boa chave para o entendimento de uma obra que se estende já por quatro décadas mas que, enquanto visão do Mundo, é um todo homogéneo. Assim e com isto nos despedimos, por ora, de Fellini, que aqui como que se auto-retrata como artista:

-O palhaço é a reincarnação de uma criatura fantástica que exprime o aspecto irracional do homem; ele simboliza o instinto, tudo o que cada um de nós tem de rebelde e tudo o que desafia a ordem estabelecida das coisas. O palhaço (...) é a sombra do homem. (...) São Francisco não era conhecido por «o palhaço de Deus» ? E Lao Tsé não disse: «Mal tenhas tido uma ideia, ri-te dela» ?

«Amarcord», de Fellini (1973)

Filmes portugueses pouco vistos

Das restantes Sessões Especiais, destaque para o início da retrospectiva de Michael Powell, dia 6, na Cinemateca; destaque também para os filmes portugueses pouco vistos, na Malaposta. Neste último caso, chamada de atenção muito especial para «O Movimento das Coisas», de Manuela Serra, e para «Uma Rapariga no Verão», de Vítor Gonçalves, únicos filmes do ciclo que o cronista já viu e empenhadamente recomenda.

Um aceno para Viseu, onde continua uma programação de qualidade; um aceno também e de despedida (até para o ano) para a Costa da Caparica, onde o Inatel, durante dois meses, manteve a tradição de bom cinema em tempo de férias. Ou a prova de que é possível conciliar a arte com o divertimento, ao contrário do que tantas vezes nos querem fazer crer.

As várias programações, a seguir.

Cinemateca

Hoje: «Diário de Um Realizador», de Federico Fellini (às 18 e 30); e «Histórias Extraordinárias», co-realização de Federico Fellini, Roger Vadim e Louis Malle (às 21 e 30).

Amanhã: «Giulietta degli Spiriti» (às 18 e 30); e «Fellini Satyricon» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Depois de amanhã: «Fellini Satyricon» (às 15 e 30), «Roma de Fellini» (às 18 e 30) e «Amarcord» (às 21 e 30), todos de Federico Fellini.

Segunda, dia 1: «Amarcord» (às 18 e 30) e «Casanova» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Terça, dia 2: «Ensaio de Orquestra» (às 18 e 30) e «Os Clowns» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Quarta, dia 3: «A Cidade das Mulheres» (às 18 e 30) e «O Navio» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Quinta, dia 4: «Ginger e Fred» (às 18 e 30) e «A Voz da Lua» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Sábado, dia 6: «Roma de Fellini», de Federico Fellini (às 15 e 30), «Entrevista», de Federico Fellini (às 18 e 30) e «A Matter of Life and Death», co-realização de Emeric Pressburgere e Michael Powell (às 21 e 30, com a presença de Thelma Powell).

Costa da Caparica (Inatel)

Amanhã: «O Tempo dos Ciganos», de Emir Kusturica (às 21 e 30).

Depois de amanhã: «ET- O Extraterrestre», de Steven Spielberg (às 21 e 30).

Porto (Noites Duplas do Coliseu)

Hoje: «O Nome da Rosa», de Jean-Jacques Annaud, seguido de «Nove Semanas e Meia», de Adrian Lyne (às 21 horas).

Teatro da Malaposta (Olival Basto)

Hoje: «O Movimento das Coisas», de Manuela Serra (às 17 horas), e «A Moura Encantada», de Manuel Costa e Silva (às 21 e 30).

Amanhã: «Do Outro Lado do Espelho», de Daniel del Negro (às 17 horas); e «Uma Rapariga no Verão», de Vítor Gonçalves (às 21 e 30).

Sábado: «Arábia», de Rosa Coutinho Cabral (às 17 horas). Colóquio sobre «Cinema Português. Filmes Pouco Vistos» (às 21 horas).

Viseu

Hoje: «Cenas de Luta de Classes em Beverly Hills», de Paul Bartel (às 21 e 30).

De sábado até dia 3: «Jules e Jim», de François Truffaut (às 21 e30).

Sessões no Auditório Mirita Casimiro.

R. da S.

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «E Fez-se Luz», Otar Iosseliani (1989)
- «Gremlins 2 - A Nova Geração», Joe Dante (1990)
- «Encruzilhada de Ilusões», Alan J. Pakula (1988)
- «E a Morte o Negou», Flora Gomes (1988) *estreia a 5 de Outubro*
- «Dick Tracy», Warren Beatty (1990)
- «Caça ao Outubro Vermelho», John McTiernan (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Regresso ao Futuro, Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- «Jacknife», David Jones (1988)
- «O Anjo das Sombras», William Friedkin (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «48 Horas. Parte II», Walter Hill (1990)
- «Dias de Tempestade», Tony Scott (1990)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)

R. da S.

CRÓNICA DE TOUROS

Houve touro para curiosos

Praça de Touros de Póvoa e Meadas. Sábado, 18 de Agosto de 1990. Touros de António Barbino para José Maldonado Cortes, Rui Rosado, José Francisco Cortes, Miguel Fernandes e forcados amadores do Ribatejo (cabo Rui Souto Barreiros) e antigos forcados de Portalegre (cabo José Carrilho Landeiro)

O velhinho já se via que sentia a atracção da arena, às tantas durante a lide descera os degraus, azougado se debruçara da barreira, ali onde o touro se quedara, pôs-se a chamá-lo com o chapéu. E quando no final saiu o touro para curiosos, foi dos primeiros a descer à arena, a instalar-se ali na boca do burladero, dele saía dois passos, ou três, meia dúzia no máximo, a figura a fazer-se empertigada, o ar entre o desafio e o desprezo, o cigarro quase beata ao canto da boca, misturado no sorriso meio desconfiado, velhinho de cara rugosa, morena do Sol, todo de preto vestido, a calça, a blusa, o chapéu, o chapéu negro que era o seu engano e atrevimento: mal o touro lhe dava na gana disparar da querença natural, da porta dos chiqueiros que adivinhava que mais cedo ou mais tarde ia abrir-se outra vez, o velhinho tomava como quem não quer a coisa o abrigo do burladero, lá de dentro agitava o chapéu, à passagem do touro desenhava com ele um suposto passe por alto, por baixo não podia ser que havia a madeira pelo meio. E quando o bruto abalava, chamado pelo cheiro do curral, para o outro lado da praça, de novo saía à arena o velhinho, o mesmo sorriso de disfrute, o ar manhoso, sabedor de não se deixar enganar, ser curioso não obriga a escusados atrevimentos.

Houve pois touro para curiosos, conforme prometia o cartaz deste festejo de Póvoa e Meadas, número antigo caído nas profundezas do desuso. Terminada a lide ordinária, os bandarilheiros retiraram da barreira os capotes de passeio, foram-se embora, os cavaleiros e forcados também, o clarim meteu na caixa o instrumento, seguiu os passos retirantes do Guilherme Pereira, o inteligente, e do chefe da Guarda Republicana, enfim o que se diz a autoridade, se a autoridade de pouco vale nas touradas então nos touros para curiosos é absolutamente desnecessária, basta a autoridade do touro, mesmo embolado e com ar de cansado de tais lides, para os curiosos manter em respeito, não só o velhinho de negro, também rapagões na força da vida, e afinal só de longe armam ao pingarelho, fazem que desafiam o animal, e mal ele se arranca pernas para que te quero, o touro visto da bancada e uma coisa, e visto da arena é essa coisa com o tamanho multiplicado não sei quantas vezes, muitas.

Na tarde calorosa, compostas se puseram as bancadas da praça, erguida à beira do povoado, e entretida se pôs a gente simples, a banda da terra puxando de seu repertório, uma coisa é a música e outra são os altos e baixos da lide, onde José Cortes fez figura de patriarca, a abrir o aperto de um comprido entre tábuas, e outro preparado com gosto, e um curto a sesgo por dentro rematado, e mais um de frente precedido de ajustada brega, e ainda outro bem posto, tudo sem tempos mortos, com essa difícil facilidade que brota do ofício e do sentido do toureio. Veio depois o Rui Rosado, com um Barbeiro mansote e distraído teve momentos de briga com a montada, mérito maior foi num curto chamando do meio, com o touro em tábuas, borrou a pintura quando trouxe um cavalo para a cambiada da moda, que como é regra o deixou sem touro, o ferro pescadíssimo. E era chegada a vez dos amadores, de vermos se o José Francisco Cortes sairá ao pai, não foi em beleza a abertura, com derrube do cavalo e cavaleiro, do alvoroço não se desconcertou o moço, de menos a mais foi a lide, um curto descaído tapou com outros de adornada brega e decidido encontro, vamos a ver o que dirá o futuro. E se Miguel Fernandes salpicou sua lide de touros e encontrões, sem artes de vencer o adiantar do touro, também ele deixou crédito aberto, sobrou-lhe o mérito da decisão de estar, de se pôr de frente, de entrar por terrenos onde o atrevimento se paga. E do atrevimento dos forcados não pediram os touros façanhas desmedidas, dois grupos anunciados e dos de Portalegre pelos vistos não apareceram os suficientes para chegarem à conta, misturados aos do Ribatejo foram chegando para as encomendas, rija mesmo foi a pega ao último da tarde, que é como quem diz o penúltimo, porque o último foi o tal para curiosos, por curiosos se entende o conjunto de fulanos que levam a sua curiosidade a saltar para a arena, e ali assumirem atitudes mais ou menos provocatórias, sem prejuízo da natural precaução da distância, salvadora dos sustos e trambulhões por que esperam os curiosos que ficamos na bancada, o seguro morreu de velho.

Solilóquio

CANAL DA CRÍTICA

O caso das meninas desinibidas...

Pobre moço!

Eu tenho exactamente nas minhas costas o lago europeu de Istambul...

Palavras de Nicolau de Melo, em Istambul. Coitado do moço, como ele não há-de sofrer...

Pronúncia real

O ministro Fernando Real, num Telejornal, refere-se ao consumo não sei de quê «per capita», a rimar com *caganita* — com perdão da higiene e meio-ambiente.

A pronúncia tem dado grandes saltos? Ou será por uma questão puramente ecológica?

Crime quase perfeito

Jornal de Sábado, a inaugurar a época dos grandes planos. Aquele mano a mano entre Moniz e Albarran teve sabor ao «Rosto da Notícia». Se Moniz trouxesse uma camisola encarnada, era perfeito.

«E se o Governo cair...»

A presença do Governo na Informação da RTP tem qualquer coisa de patológico. Porque será que a Televisão não usa preservativo?

O cortejo

Exagero? Então reparem só nesta emissão de sábado — aliás, um exemplo tirado ao acaso.

Vem Fernando Nogueira. Pouco depois, mais Fernando Nogueira. Algum tempo de repouso até surgir Durão Barroso. Logo seguido do subsecretário da Educação; e de Roberto Carneiro; e de mais Roberto Carneiro; e Fernando Real...

Ainda se fosse para nos dizerem alguma coisa...

TV não perdoa

O ministro Roberto Carneiro costumava sobressair pela moderação, sobriedade, economia de meios e de palavras. Surge-nos agora com diferente visual. Exuberante, palavroso, digamos: épico.

Fica-lhe tão mal... Excesso é coisa a que a Televisão não perdoa.

Istequé falar!

Repito: ainda se fosse para nos dizer alguma coisa...

Mas o que o ministro nos oferece são jóias como esta:

— *A Europa democrática renova-se com jovens democráticos.*

Meu Deus, que profundidade de conceitos! Onde é que ele teria lido isto?

Porcaria

Márcia Rodrigues, a jovem e esfíngica locutora muito ao ritmo da Manuela Moura Guedes.

Fala-se dos enchidos e das salsichas em festa no Montijo. E a Márcia: — *O porco entrou no quotidiano dos portugueses.*

Tem razão, Márcia. É tudo uma grande porcaria.

SOS papá!

É um industrial. A legenda passou rapidamente e não reparei bem. Parece que se chama Mendonça Tavares. Que me perdoe, se não.

Diz que as salsichas da CEE ficam mais baratas pelo que a indústria portuguesa precisa de mecanismos de defesa.

Pois, pois. Enchem a boca com a economia de mercado, mas depois chamam pelo paizinho.

E quanto à dependência da CEE ainda a procissão nem sequer entrou na praça.

Palavras e pitrol

A propósito da dependência.

Carlos Carvalhas acusou o Governo, no programa *Encontro à Uma*, de péssima gestão e sem visão estratégica. Enquanto em França, nos últimos cinco anos, a dependência do petróleo diminuiu em 40 por cento, no nosso país ela manteve-se inalterável.

E vamos lá! Se as palavras funcionassem a *pitrol*, ainda era pior.

Quem mais?

Parlamento acabou, quer dizer, integrou-se no bloco informativo das treze horas de sábado.

Hélder Freire comanda o barco com total segurança. Os locutores mais novos têm ali uma excelente escola para aprender como se pode ser directo, sem ser agressivo; calmo, sem óleo de rícino; moderador como ordenador; ser frontal para todos sem fazer favores a ninguém — e no fim a paga merecida: receber provas de consideração por parte dos deputados de todas as bancadas.

Quem mais se poderá gabar disto na Televisão portuguesa?

Claustrofobia

E veio a *Primeira Página*. Ambiente soturno, de se cortar à faca, género filme policial. Tudo ao monte e fé em Deus. Uma sensação de claustrofobia.

A única presença agradável aos olhos eram os sapatos e as meias vivaças de Mário Crespo. Ao menos isso, caramba!

Breyner muito gasto

Primeira emissão de *Euronico*, de Nico(lau) Breyner. A palavra é um jogo de *Europa, Irónico e Nico.*

Euronico quer ser um programa comunitário. Ambição excessiva. Não deveria ser tão comum. Não faz esquecer, por exemplo, o *Eu Show Nico*, de quem recupera os *Piratas*.

Que ficou na memória? Alguns trocadilhos, algumas situações no «Bate o Pau», a «Zizi da Porcalhota».

Talvez a culpa seja minha. Talvez eu esteja farto de ver Breyner todos os dias, há um ano! Deve ser isso.

Cuidado, Paco!

Cançonetistas aparecem com frequência na Televisão. Acho que, pelo menos quando são convidados especiais, deviam trazer algo de novo.

Admite-se que Paco Bandeira vá ao *Euronico* cantar a ternura dos quarenta? Deitar sola velha em sapato novo?

Paco Bandeira progrediu porque sempre soube escutar as críticas. Ouça, pois: como artista, recuse sempre dar a ideia de que se esgotou, procure sempre convencer-nos de que se renova.

Um artista começa a morrer, quando começa a ser chulo de si próprio. Fuja disso a sete pés, Paco!

O peso dos carimbos

A RTP usa as chancelas do Canal 1 e do Canal 2. Usa-as com abundância. Com exagero. Às vezes ao longo de toda a rubrica!

Por favor! Sempre é um corpo estranho, algo que perturba, que desequilibra.

RTP, não nos ponhas mais malucos do que já estamos. Obrigado.

Escândalo de vento em popa!

O incumprimento dos horários é constante na Televisão. Atinge o escândalo. Não há prova mais evidente da desorganização. Se uma televisão funciona mal, é porque o país funciona mal. Mas tanto?

Quem teve de sair e deixar a gravar *Os Filhos do Deserto*, do Bucha e Estica, (quem teve de sair ou desejou mostrá-lo aos filhos, no dia seguinte) tramou-se. Marcado para as 23 e 15, só veio às 23 e 57!!!

Os exemplos multiplicam-se. Se as pragas matam, a RTP bem pode ir cuidando do funeral.

O único amor

A Televisão vai ficando encharcada de telenovelas brasileiras.

Começou com pezinhos de lã. Está perdendo a vergonha.

A qualidade média é boa. Mas por este andar, não tardará a malvadez brasileira da telenovela medíocre.

Porquê o êxito da ficção brasileira? Por ser falada em português. Razão pela qual, antigamente, A.G. (leia-se: antes da *Gabriela*) o teatro tinha a maior audiência.

Ficção portuguesa, na hora em que escrevo, só «Um Amor Feliz», de Artur Ramos, sobre o premiadíssimo romance de David Mourão-Ferreira. Serão quatro semanas felizes. Depois, adeus.

A qualidade dos diálogos. A arte de contar sem vanguardices e sem soluções de continuidade. A maneira de estar na TV que não é a das telenovelas mas também já não é a do clássico teatro nacional. A sabedoria com que se lê em colectivo uma obra de tantos espelhos cruzados como a obra de David Mourão-Ferreira.

Eis algumas das qualidades do trabalho de Artur Ramos. Certo, eu gostaria de um pintor-escultor que trabalhasse menos engravatado, de uma oficina menos asséptica. E também de umas cenas de cama mais convincentes? Também. Embora, para este país de brandos costumes, talvez haja quem as considere escandalosas.

Quatro meses no congelador!

Passou o documentário sobre o Festival de Cannes. Impressionante cortejo de personalidades!

Nota inserta no final da emissão: «Este filme foi feito em Cannes entre 5 e 25 de Maio.»

Ih, RTP!, também não era preciso tanta pressa!

Tempo é coisa séria

A informação meteorológica deixou de contar com a presença dos especialistas.

Uma voz *off* dá a notícia, de mistura com uns conselhos pirosos relacionados com o bom ou o mau tempo.

Dispensáveis. Meteorologia é coisa séria.

Diálogo

A jovem repórter vai assistir à abertura das aulas para os mais pequeninos. A elevação dos diálogos, só vista. Mas uma pequenita chegou para ela. Assim:

Rep. — *Sabes que vais começar um novo programa especial?*

Menina — *Sei...*

Rep. — *Quem te disse?*

Menina — *Foste tu...*

Ingratos!

Couto dos Santos. Ele veio e disse:

— *Portugal dá aos jovens tão boas possibilidades como os outros países da Europa.*

Ai ministro, como são ingratos os nossos jovens!

Tradutor, precisa-se

Na série polaca dedicada aos *Dez Mandamentos* (falarei disso noutra altura, com mais tempo, mas desde já um conselho: pela vossa rica saúde, não percam!) há aquela cena em que se joga uma simultânea de xadrez. Segundo a legenda, o miúdo aconselha um movimento ao pai:

— *Castelo* ao rei e cheque com a torre!

O miúdo queria só que o pai rocasse. (Roque, do árabe *rukh*, torre) rocar em inglês é *to castle*. Logo, castelo...

Os tradutores não podem saber tudo. O que podem, e devem, é pedir conselho a quem saiba.

Lamentável que a RTP não consiga quem traduza directamente do polaco. Então o Fino e o Santos Pereira não percebem da coisa?

No reino da confusão

São incalculáveis os danos que a RTP diariamente provoca na língua portuguesa. A confusão é imensa.

Eis algumas palavras que, na TV, cada qual diz à sua maneira: *gratuito, tóxico, contornos, acordos, prestação, facção, flagelo, acesso, bordo, reforços, molhos, juniores...*

Isto vai só como simples amostra.

Meninas: 100 por cento de higiene

Às vezes acontecem coisas assim.

Estava a equipa de *Nunca mais é Sábado* a preparar esta emissão, quando descobrirmos, num jornal, um anúncio que nos despertou a curiosidade. Prometiam relax e descontracção total. Quisemos saber mais. Marcámos o número do telefone, o resto, bom, o resto... o melhor é ouvir.

Sérgio Figueira, com uns modos cúmplices, aguça-nos a curiosidade. E ouvimos do outro lado do telefone as preciosas informações:

— *Funcionamos das segundas aos sábados, das duas à meia-noite. Vamos ao domicílio. Caso o senhor não tenha, nós podemos arranjá-lo. Funcionamos com meninas altamente seleccionadas, desinibidas e com cem por cento de higiene. As meninas funcionam por uma hora e meia, com variadíssimas posições a seu gosto, pela importância de quinze mil escudos. Se quiser fazer marcação terá de fazê-lo com uma ou duas horas de antecedência.*

Pois é, meus senhores. Chegámos a isto, na RTP. Não fazem aquilo por maldade: é por azelhice, por imaturidade, por falta de consciência do poder que utilizam. E nisso tem graves culpas os responsáveis da RTP.

Sérgio Figueira é um jovem que veio do *Às Dez* e depois substituiu Mário Figueiredo no *Clube dos Subscritores*, situação nunca esclarecida. Tem ambições. Era bom que também tivesse a humildade que tiveram, no seu início, Fialho Gouveia, Carlos Cruz, Alice Cruz, Júlio Isidro, para lembrar apenas alguns. Tão novo no ofício e a quantidade de defeitos de estrelato que ele já tem!

De qualquer modo, as meninas «massagistas» agradecem, bem como os espectadores que aproveitam a sugestão para o sábado.

Mário Castrim

Uma imagem de Bafatá, na exposição de Vasco Calixto

Imagens da África Ocidental : Outubro no Museu da Marinha

Na sala de exposições temporárias, o Museu da Marinha (em Belém, junto aos Jerónimos) apresenta entre 3 e 28 de Outubro uma exposição de fotografias intitulada «Imagens da África Ocidental», da autoria do publicista Vasco Calixto.

Esta mostra integra 80 imagens a cores, obtidas pelo autor durante a viagem que efectuou este ano, por estradas de três países da região ocidental do continente africano - Guiné-Bissau, Gâmbia e Senegal - num total de 3203 quilómetros, ligando Bissau a Banjul, Dakar e S. Luiz, com regresso pelo interior em direcção a Gabú e a Bafatá.

Constituindo um documentário fotográfico de muito interesse, nesta nova exposição de Vasco Calixto salientam-se as imagens que retratam a notável presença de Portugal em diferentes regiões da Guiné-Bissau (Bissau, Bolama, Farim, Bissorã, Bafatá e Cacheu) e também no Senegal, muito especialmente em Dakar. Nas imagens deste último país, figuram ainda a maior mesquita da África Negra e os parques nacionais de La Langue de Barbarie e de Niokolo-Koba.

Esta exposição de Vasco Calixto estará patente ao público (a partir de 3 de Outubro) das 10 às 17 horas, diariamente, excepto às segundas-feiras e dias feriados.

DESPORTO

Futebolistas e dirigentes do Portimonenses ameaçam processar criminalmente o treinador do Barreirense (Gabriel Mendes) por afirmações julgadas caluniosas proferidas após o encontro do passado domingo

O «nove-a-zero» está a dar que falar

Os futebolistas do Portimonense repudiaram, em comunicado, «insinuações» proferidas pelo técnico do Barreirense (Gabriel Mendes), pelo responsável do departamento de futebol (Mário Pereira) e ainda pelo guarda-redes Jorge.

Segundo o documento, face às declarações publicadas num matutino lisboeta, os jogadores «não podendo ficar insensíveis a tais afirmações sentem-se na obrigação de repudiá-las publicamente, tanto mais que foram proferidas por um técnico jovem que até há pouco tempo era praticamente profissional de futebol».

Neste contexto, os jogadores do Portimonense «procurarão pelos meios julgados ao seu alcance, reparar os danos morais que as mesmas afirmações lhes causaram» — afirmam no comunicado.

Por seu turno, o treinador cessante do Portimonense, Manuel de Oliveira, mostrando-se «chocado», classificou tais insinuações de «aéreas e patéticas», afirmando que irá processar o técnico do Barreirense, Gabriel Mendes, por julgar «ser o tribunal o local próprio para que aquele responsável desportivo repita a difamação e as acusações proferidas gratuitamente».

Igualmente, o presidente do Portimonense, Manuel João, solidário com os jogadores e técnicos, revelou que o clube irá também remeter o caso para um advogado, com o objectivo de proceder «criminalmente» contra Gabriel Mendes.

Gabriel Mendes, antigo internacional do F.C. do Porto e Sporting e que esta época se encontra a treinar o Barreirense, disse a propósito da última derrota da sua equip (9-0) frente ao Portimonense que «os jogadores da equipa algarvia pareciam no relvado antênticos Fórmula Um em acção no Estoril».

Para Manuel de Oliveira as «insinuações» proferidas por Gabriel Mendes lançam a dúvida sobre a existência ou não de «doping» no futebol português.

Taça de Portugal

O Grupo Desportivo de Maiorca, assegurou a presença na segunda eliminatória da Taça de Portugal, ao vencer o Desportivo de Alvaiázere por 2-1, em encontro de desempate da 1.ª eliminatória da prova. O Maiorca irá defrontar o Portalegrense na ronda que se segue.

Sebastião Pássaro: homenagem

Está confirmada para o dia 5 de Outubro, a homenagem que o Conselho de Arbitragem da AF Setúbal e o Núcleo de Árbitross do Barreiro irão prestar a Sebastião Pássaro. A cerimónia decorrerá no decurso de um almoço marcado para o restaurante «Acordeon» em Fonte do Feto-Penalva — Barreiro e as inscrições poderão ser efectuadas atravès do telefone para: Conselho de Arbitragem da AFS (06532337) Marques Pires (2072391), Ezequiel Feijão (2076161), Juvenal Silvestre (2019427) e Núcleo dos Árbitros do Barreiro (2020187).

À atenção do Sporting

O Malines, adversário do Sporting na primeira eliminatória da Taça UEFA, empatou no seu campo, frente ao Club Bruges, por 1-1, em encontro em atraso do Campeonato belga de Futebol da Primeira Divisão.

Com este empate, o Malines está agora na sétima posição da geral, com seis pontos em seis jogos, contando com duas vitórias, dois empates e duas derrotas, sendo o seu «goal average» de 10 golos marcados e 11 sofridos.

O Malines (que perdeu em Alvalade por 1-0 no jogo da primeira «mão» da primeira ronda da Taça UEFA) tem agora um atraso de cinco pontos em relação ao novo líder do campeonato, o Ghent, que derrotou o Genk por concludente 3-0.

Maradona: uma década de brilho e glória

Diego Maradona foi eleito o melhor jogador argentino da década de 1980/90, em resultado de uma votação feita por um grupo de jornalistas desportivos do seu país.

Maradona foi privilegiado nesta votação devido às suas exibições nos mundiais do México, em 86, e de Itália, este ano, e o prémio «Konex», que lhe foi atribuído pela fundação com o mesmo nome, ser-lhe-á entregue em Novembro próximo, na capital argentina.

Carlos Bilardo, seleccionador nacional de futebol da argentina, foi outro dos vinte distinguidos com aquele galardão, que abrangeu igualmente representantes de outras modalidades.

Itália, 1-Holanda, 0

Em jogo particular realizado ontem em Palermo, a Itália venceu a Holanda por 1-0 (golo rubricado por Roberto Baggio). A equipas alinharam assim:

Itália: Walter Zenga (Stefano Tacconi); Bergoni, Maldini, Baresi e Ferri (Pietro Vierchowod); de Agostini, Donadoni (Roberto Mancini), Fernando de Napoli (Massimo Crippa) e Schillaci; Giancarlo Marocchi e Roberto Baggio.

Holanda : Hans van Breuklen; Blind, Stan Valckx; Koeman (Graeme Rutjes) e Frank de Boer (Dennis Bergkamp); Wouters (Henk Fraser), Witschge e Aron Winter; Marco van Basten, Ruud Gullit e Hans Gillhaus (Gerald Vanenburg).

«Europeu«-92

A Checoslováquia venceu, ontem, a Islândia por 1-0 em jogo disputado em Kosic (arredores de Praga) a contar para a fase preliminar do «Europeu«-92 (Grupo 1). A classificação está assim definida:

	J	V	E	D	G	P
França	1	1	0	0	2-1	2
Checosl.	1	1	0	0	1-0	2
Islândia	3	1	0	2	3-3	2
Albânia	1	0	0	1	0-2	0
Espanha	0	0	0	0	0-0	0

Próximos jogos: Espanha-Islândia (10 de Outubro); França-Checoslováquia (13 de Outubro); Checoslováquia-Espanha (14 de Novembro); Albânia-França (17 de Novembro); e Espanha-Albânia (19 de Dezembro).

EM FOCO

MARCO CHAGAS prepara-se para dar as últimas pedaladas após uma carreira notável de ciclista profissional e não se estranha que surjam os primeiros convites de clubes que acreditam no seu valor como técnico.

Em jogada de antecipação, aí temos a Tensai/Santa Marta e Marco Chagas em fase de «namoro» adiantado do tudo indicando de que resultará em «casamento».

MANUEL OLIVEIRA foi vítima de mais um despedimento na sua já longa carreira de treinador, sendo substituído no comando do futebol do Portimonense pelo brasileiro Joubert Meira. Um desabafo na hora da despedida (in «A Bola» de hoje)» *«Estes tipos andam a enganar-me! Sim, porque desde que aqui estou, só recebi dois meses de ordenado. Devem-me sete meses!...»*

VEIGA TRIGO ao «Público»: *«Eles* (os dirigentes do Belenenses) *têm de ouvir é o que Acácio Rosa diz: os ladrões existem dentro do clube...»* O mesmo árbitro escreveu no relatório do jogo Belenenses-Porto: *»...Exibi o cartão vermelho ao jogador... Gonçalves, por agressão a um adversário quando ia disputar a bola com um adversário, preferiu dar um pontapé num adversário»*. Que estranha forma de falar e de escrever...

BREVES

Andebol: Acertos

O Académico de Braga venceu o Francisco de Holanda, por 34-22, em jogo disputado no pavilhão Flávio Sá Leite, em Braga, referente á terceira jornada do campeonato nacional de andebol da primeira divisão.

No outro encontro em atraso o FC Porto venceu o Illiabum, por 25-17.

Classificação: Benfica, 9 pontos/3 jogos; Académico de Coimbra, Académico do Funchal, ABC e FC Porto, 7/3; Belenenses, Beira Mar e Illiabum, 6/3; Vitória de Setúbal, 5/2; Boavista e Francisco de Holanda, 3/3; Sporting, 2/2.

Basquetebol: Beira Mar em frente

A equipa do Beira Mar derrotou o Olympique d'Antibes (França), por 81-77, em encontro da primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça Korac em basquetebol, disputado em Aveiro.

A turma de Aveiro sentiu fortes dificuldades frente aos franceses, tendo o equilíbrio sido a tónica dominante da partida, com o intervalo a chegar com o resultado favorável ao Beira Mar por 48-40.

Hóquei em patins: juniores goleiam

Portugal alcançou vitórias fáceis frente á RFA (14-1) e Holanda (12-0) na jornada dupla que deu início ao campeonato europeu de juniores em hóquei em patins, a decorrer em Manchester (Inglaterra).

No seu segundo jogo frente aos holandeses, Portugal obteve os seus tentos através de Rui Barroso (4), Rocha (4), Nuno Leal (2) e Pedro Rodrigues (2), depois de ter chegado ao intervalo a ganhar por 7-0.

A jornada dupla forneceu os seguintes resultados: RFA-Portugal, 1-14; Inglaterra-Holanda, 1-5; Espanha-Suíça, 6-3; França-Itália, 1-22; Inglaterra-RFA, 2-1; Portugal-Holanda, 12-0.

Xadrez: título entregue

O mestre internacional António Fernandes (Boavista) revalidou o título de campeão nacional de xadrez, ao empatar com António Fróis (Benfica) na última jornada do campeonato de Portugal, que decorreu em Lisboa.

António Fernandes, que obteve assim o título pela sexta vez, finalizou a competição, com um total de nove pontos em 11 possíveis, tendo António Frois ficado na segunda posição, com 8,5.

Luís Galegó (Boavista) e Carlos Pereira dos Santos (Estrelas da Avenida), ambos com 8 pontos, repartiram o terceiro lugar.

Ginástica: associações pretendem destituir direcção federativa

As associações de ginástica dicidiram realizar uma assembleia geral extraordinária apesar da inviabilização apresentada pela Federação.

A acção, que estava prevista para o próximo sábado, em Coimbra foi vetada pela mesa da assembleia geral da Federação por alegada «ilegalidade», tanto na moção de censura apresentada aquando do congresso como na convocatória para a referida assembleia.

Segundo o presidente a Associação de Ginástica do Norte ficou deliberado em reunião ocorrida no passado fim-de-semana em Santarém e na qual estiveram presentes, para além da anfitriã, os responsáveis pela modalidade em Lisboa, Portalegre, Setúbal e Vila Real convocar-se uma nova assembleia geral extraordinária para 13 de Outubro.

A reunião, que está aprazada para o mesmo local da anterior terá como agenda de trabalhos a destituição dos actuais corpos gerentes da Federação e a nomeação de uma comissão administrativa para dirigir até à eleição de novo «staff» directivo.

A campanha «Um Chapéu de Chuva para as Colectividades» lançada pelo Pelouro de Desporto da CML está em marcha. Rego Mendes acaba de distribuir 45 mil contos por vários clubes lisboetas

Câmara «acode» às colectividades

O pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa atribuiu mais de 45 mil contos em subsídios a colectividades de Lisboa, para obras em telhados dentro da campanha «Um Chapéu de Chuva Para as Colectividades», para obras em balneários e em instalações diversas e em equipamentos desportivos.

O Clube Desportivo Olivais e Moscavide, com 7000 contos para a vedação do campo n.º 2 do seu parque desportivo e o Sport Lisboa e Olivais, com 4500 para obras nos balneários e no recinto polivalente, foram as colectividades contempladas com verbas mais elevadas, no âmbito de um plano de emergência para acorrer às dificuldades das seguintes colectividades:

OBRAS NOS TELHADOS: Clube de Atletismo dos Olivais, 1150 contos; Sociedade Ordem e Progresso, 1200; Grupo Recreativo Mariapiense, 250; Sociedade Musical Instrução, 400; Grupo Chinquilho Cruzeirense, 1220; Sporting Clube da Penha, 1200; Grupo Excursionista R. Familiar, 415; Lisboa Futebol Clube, 463; Sport Lisboa e Olivais, 4500; Concentração Musical 1.º de Junho, 480; S. Domingos Futebol Clube, 720; Santana Futebol Clube, 480; Recreativo Águias da Musgueira, 1600; Grupo Desportivo de Chelas, 250; Mirantense Futebol Clube, 680; CD da Liga dos Amigos da Freguesia de S. Vicente da Beira, 400.

OBRAS NOS BALNEÁRIOS: Academia União Familiar de Telheiras, 400 contos; Casalense Futebol Clube, 250; Academia Recreativa da Ajuda, 500; Sport Clube Intendente, 600; Clube Desportivo da Graça, 2284; Sociedade Voz do Operário, 1170; Santana Futebol Clube, 250; Clube Desportivo da Cova da Moura, 300; Recreativo Águias da Musgueira, 480; Lisboa Futebol Clube, 160; Concentração Musical 1.º de Junho (Imparcial), 1900; Sport Lisboa e Águias, 220; Academia Filarmónica Verdi, 1140; Cinquilho Cruzeirense, 812; Centro Cultura Popular, 1138; Sporting Clube da Pena, 250; e Sport Clube Maria Pia, 1700.

OBRAS NAS INSTALAÇÕES: Clube Futebol Benfica, 3500; Centro de Atletismo das Galinheiras, 3337; Mirantense Futebol Clube, 50; Clube Desportivo Olivais e Moscavide, 7000; Santana Futebol Clube, 250.

SUBSÍDIO DE EQUIPAMENTO: Carnide Clube, 500 contos.

EQUIPAMENTOS: Chinquilho Cruzeirense, uma mesa de ténis de mesa; Clube Futebol Os Belenenses, 20 patins e 20 fatos de treino.

DESPORTO

Cascais-Alfragide no domingo

Rosa Mota vem correr a Lisboa

Em Conferência de Imprensa que se processou no «Jumbo-Pão de Açúcar», foi apresentada a mova edição da prova de atletismo «25 km», promovida por aquela empresa e a realizar no próximo domingo, com partida pelas 9 horas de Cascais e chegada junto ao hipermercado, em Alfragide.

O professor António Campos (director da corrida) revelou que a estrada marginal (entre Cascais e Algés) vai mudar de feição na manhã de domingo, quando (em vez de automobilistas) circularem por aquela artéria os cerca de 2000 concorrentes que vão tomar parte nos «25 Km Jumbo/Pão de Açúcar», corrida pedestre que ligará a loja de Cascais à de Alfragide.

Rosa Mota falando para os jornalistas Murilio Lopes («O Jogo») e Neves de Sousa («DL»). Foto de Miranda Castela (por gentileza)

Trata-se de uma competição de âmbito popular na linha de outras grandes clássicas internacionais, tais como o «Paris-Versalhes» ou «Os 25 Km de Berlim», que fez a sua estreia no calendário nacional em 1989. Rosa Mota e Manuel Matias (vencedors da 1.ª edição) tornam a ser os grandes animadores da prova deste ano, a que se juntam Joaquim Pinheiro, João Campos, Carlos Patrício, Fernando Reis, Cidálio Caetano e mais um conjunto de duas dezenas de estrangeiros, nomeadamente vindos da Bélgica (Guy Spruyt 2:16.39 na maratona); Estados Unidos da América (Dennis Rinde – 2:12.01 na maratona); Itália (Gianni Pedrini – 1.03.00 na meia-maratona). Marrocos (Mohamed Raddaf, Aziz Draik, Khalid Taikal e Abdebrahim Eddahmani); Polónia (Andrzej Witczak – 2:14.41 na maratona; Wieslaw Perszeke – 28.29 aos 10 mil metros e W. Kaniak – 28.34 também nos 10 quilómetros); União Soviética (Alexandrer Ermatchov – 2:14.16 na maratona e Sergey Krestiannikov – 2:15.15 igualmente na maratona). No sector feminino: Brasil, (Evany de Sousa – vencedora da Maratona de Lisboa de 1989); Grã-Bretanha (Rosemary Ellib – 2:35.00 na maratona); Polónia (Creslawa Menstlewicz – 2:37.19 na maratona); União Soviética (Irina Ruben – 3.ª na Maratona de Estocolmo deste ano e G.A.Baijanova – 15.50 nos 5000 metros).

Em disputa estarão 1500 contos de prémios em senhas de compras, que serão distribuídos pelos dez primeiros homens e oito primeiras senhoras, havendo ainda um bónus de 80 mil escudos para quem conseguir ultrapassar os recordes masculino e feminino da prova, na posse de Manuel Matias e Rosa Mota, com 1.18.13 e 1.25.52, respectivamente.

Os «25 Km Jumbo/Pão de Açúcar», que são considerados desde já como a maior prova do género no nosso país, contam com a organização técnica da Xistarca, o patrocínio dos Cafés Delta, Iogurtes Danone e Água Vitalis, mais a colaboração da Companhia de Seguros Império.

António Campos adiantou ainda:

– Em 1989, tivémos 750 concorrentes: agora, esse número quase triplica. E estamos já a saber que a Maratona de Lisboa (prevista para 27 ou 28 de Outubro) tem, neste momento, mais de 700 inscrições.

O presidente da Federação de Atletismo igualmente usou da palavra. Henrique Melo saudou as empresas privadas que estão apoiando o atletismo, **«que não pode estar confinado à acção do Estado».** Por seu lado, Jorge Leitão (da «Jumbo») declarou que a sua organização vai também promover um torneio quandrangular de hóquei em patins, a 27 e 28 de Abril do próximo ano, com participação do Benfica, Paço de Arcos, Barcelos e Física de Torres Vedras (competição com jornadas nos pavilhões da Luz e «Carlos Lopes» e Rosa Mota (que estava acompanhada por José Pedrosa) contou da sua alegria por mais uma vez ir participar na corrida entre Cascais e Alfragide, **«que pode competir com provas semelhantes que, no estrangeiro, ganharam prestígio. Gosto muito da meia maratona da Nazaré, que cada vez mais se aproxima da prova nova-iorquina, mas também aprecio o esforço com que se reúne tanta gente na corrida do «Jumbo». Quanto ao futuro imediato, penso correr nas 10 milhas de Antuérpia e nos 10 quilómetros de Londres. Ainda uma incógnita: se vou ou não à maratona de Nova Iorque».**

Estavam presentes à Conferência de Imprensa outros nomes do nosso atletismo (Moniz Pereira satisfeito com a recente entrevista de Carlos Lopes para «A Bola», Fonseca e Costa, Arons de Carvalho), gente que, certamente, vai emoldurar os dois milhares de adeptos do atletismo que vão fazer festa à beira mar na manhã de domingo.

N. de S.

ASSIM VAI O totobola

Penalti: 222 111 111 21XX; O Algarve: 222 X11 1X1 121X; Jornal da Beira: 222 1XX 1X1 XX11; O Comércio de Leixões: X2X 11X 111 1111; De Tudo Um Pouco: 222 111 111 X1X1; Correio de Coimbra: 222 11X 1X1 XX11; Correio do Vouga: 222 11X 1X1 122X; A Defesa: X22 11X 111 X121; Defesa de Espinho: 2XX 121 111 11XX; Diário de Coimbra: 22X 1XX 111 11XX; Rádio Jornal do Fundão: X2X 11X 121 X1X2; Diário de Lisboa: XXX 111 111 1X12; Diário de Viseu: 222 1XX 111 XX11; O Distrito de Portalegre: 22X 111 11X 212X; Rádio Nova Antena: X22 X11 121 XX12; Folha do Domingo: 222 1X1 111 11XX; Eu Sei Tudo: 22X X22 121 1XX1; O Jornal de Felgueiras: X2X 11X 1X1 X1X1; Rádio Guarda: 212 121 2X2 21X1; Jornal da Graça: 222 1XX 1X1 X12X; Rádio Totobola: 22X 1X1 111 XXX1: Linhas de Elvas: 222 111 111 X1XX; Litoral: 222 1X2 XX1 1XX1; O Jornal da Lixa: 222 1X1 1X1 X1XX; Maria da Fonte: 222 111 1X1 XX21; No Estúdio e no Estádio: 22X 111 111 1XXX; Notícias do Douro: 222 1X1 X2X 11X2; Notícias de Felgueiras: X2X 11X 1X1 X1X1; Notícias de Gouveia: X2X 111 1X1 X121; Notícias de Viseu: 2X2 111 111 XX11; Quadrante Norte: 222 111 1X1 XXXX; Bom Dia: 221 X11 211 12XX; Estação Orbital Rádio: 121 22X 111 21X2; Notícias de Guimarães: 222 112 1X1 21XX; Resenha Desportiva: 222 1XX 111 1X11; Panorama: X22 111 1XX 2111; RR/Desporto: 222 111 1X1 1121; Bola Branca: 222 1X1 111 X121; Frente Desportiva: X22 11X 121 XX21; Placard Desportivo: 222 1X1 1X1 2X2X; Jornal do Sul: 222 1X1 111 X11X; A Voz do Domingo: 22X 11X 111 X1X1; Voz de Lamego: 222 11X X11 X12X; A Voz dos Ridículos: X2X 111 111 1111; Desporto/Rádio Guarda: 112 121 121 2121; Contacto: 222 121 221 X12X; Meia Tarde: XX1 X2X 11X 1212; Encontro Com a Manhã: 222 XXX 11X 121X; Freguesias do Nosso Distrito: 12X 212 111 XXX1; Primeiro Continente: 222 11X 111 X122; Tarde Desportiva: 22X 11X 1X1 11XX; Livre e Directo: XX2 X11 1XX 2X11; Rádio Viriato: 2X2 1XX 1X1 XXXX; Música e Desporto: X2X 111 111 X1X1; Um Caso Por Semana: 222 11X 11X X121; Foi Notícia: 11X 111 22X 1111; Desporto e Música: 2X2 12X X11 2X11; Cultura e Recreio: 22X 111 1X1 212X; De Tudo Um Pouco: 222 1XX 111 XXX2; Manhãs Informativas: XX1 111 111 1111; Jornal do Almoço: 222 111 111 X1XX; Jornal das 8H30: 221 111 1X1 11X1; Jogo Limpo: 222 111 111 X121; Jornal do Jantar: 22X 111 111 X1XX; As Noites da F: X1X 221 X12 X122; Escape Livre: 222 X11 XXX 1121; Jornal de Gaia: X2X 1XX 1X1 2XX1; Ecos de Cacia: 222 11X 111 X11X; O Almonda: 222 11X 1X1 2XX2; Notícias d'Évora: 22X 111 1X1 1X22; Jornal 1X2: 222 111 1X1 11X1; Notícias de Viana: X22 XXX 1X1 XX1X; Alvo Desportivo: XXX 111 111 1121; Rádio Alvo: 222 11X 111 X1XX; Alvo: 122 112 111 2112; Alvo Suplemento: X22 111 111 X121; Jornal de Sintra: 2XX 111 1X1 11X1.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 39/90 DE 30 DE SETEMBRO

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (°) 1	X	2
1. E. Amadora-Sporting	5	20	52	1	4	7
2. U. Madeira-Porto	13	9	55	2	1	9
3. Belenenses-Benfica	5	25	47	1	4	7
4. Guimarães-Farense	65	9	3	10	1	1
5. Penafiel-G. Vicente	49	19	9	8	3	1
6. Salgueiros-B. Mar	43	29	5	7	4	1
7. Boavista-Marítimo	67	6	4	10	1	1
8. Nacional-Tirsense	40	29	8	6	5	1
9. Setúbal-Chaves	66	9	2	10	1	1
10. Famalicão-Braga	26	37	14	4	6	2
11. Estoril-Aves	48	24	5	7	4	1
12. P. Ferreira-Académica	21	34	22	3	5	4
13. Feirense-Espinho	38	27	12	6	4	2

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
222 111 111 X1X1

DESPORTO

Vela lusa triunfa no mar espanhol

A cidade de Bayona foi palco de uma das maiores manifestações vélicas mundiais: a «Quarter Ton Cup». A organização esteve a cargo do Monte Real Club Yates de Bayona que, ao longo de cinco regatas reuniu 38 embarcações, em representação de 10 países.

Foram competições para todos os gostos. Duas regatas «off-shore», onde a navegação e o conhecimento da região foram factores essenciais a três provas em triângulo olímpico moderno, onde a táctica e o espírito de equipa marcaram a diferença.

Cientes destas dificuldades esteve a tripulação portuguesa do «Vodka Finlândia» que, apesar de não ter material tão competitivo como a grande maioria das embarcações presentes, conseguiu superiorizar-se a si própria, alcançando o título mundial entre os barcos de série.

Este Campeonato do Mundo foi marcado pelo grande investimento, quer na vertente do material (barco, velas, mastro) como na divulgação e publicidade. Enfim: a vitória do «Vodka Finlândia», (em barcos de série) e o 3.º lugar de Portugal por equipas. Segundo diz João Cabeçadas (navegador do «Vodka Finlândia»), **«foi um impulso para que, inclusivamente, em próximas edições ou provas similares, nós passamos a apresentar-nos em melhores condições** (treino e barco), **para assim obtermos bons resultados. Estamos a integrar-nos economicamente na CEE: devemos também integrarmo-nos desportivamente».**

A tripulação do «Vodka Finlândia»: João Cabeçadas, Rui Ramada, José Rosas e Francisco Dinis

O barco triunfante

A tripulação que integrou o «Vodka Finlândia» é de elevado nível técnico e já treina em conjunto há vários anos, ostentando o seguinte palmarés: 1.º classificado na volta ao mundo – Whitbread 1990; 1.º classificado «Vodka Finlândia Cup 1990»; 1.º classificado «I Campeoanto First Class Seagram Portugal 1989». Tripulantes: Rui Ramada Barros, José Rosas, João Cabeçadas (recente vencedor da volta ao mundo «Whitbread») e Francisco Dinis.

Ténis: Nacionais de 1.ª

Favoritos vão impondo a sua lei

Os favoritos impuseram ontem a sua lei nos quartos-de-final dos Campeonatos Nacionais de Primeiras Categorias/Troféus Artur Mantero, que decorrem até ao próximo domingo no Law Tenis Clube da Foz, no Porto.

O domínio dos mais cotados foi mesmo avassalador, e chegou-se ao ponto de os vencedores não terem cedido um único «set».

Na competição maculina — que a partir desta fase se disputa à melhor de cinco partidas — João Cunha e Silva, Nuno Marques, José Nunes e Paulo Coelho (os quatro primeiros «cabeças-de-série») qualificaram-se para as meias-finais. Na competição feminina, a única «cabeça» a rolar foi a de Anabela Casas Novas (4.ª), mas a sua derrota não foi de todo inesperada, uma vez que a sua adversária, Eva Mendonça, tem registado uma nítida subida de rendimento desde Outubro do ano passado.

O encontro mais importante desta terceira jornada após Nuno Marques, o português melhor classificado no «ranking» mundial (188.º), a Bernardo Mota, o vice-canpeão nacional agora destronado.

O tenista portuense ganhou pelos parciais de 6-3, 6-3 e 6-4, mas o atleta do Benfica ofereceu uma réplica muito interessante, como se pode verificar pelo facto de Marques só ter obtido a qualificação ao fim de duas horas e 23 minutos de jogo.

Bernardo Mota parece, asim, regressar à boa forma, depois de uma época particularmente azarenta, em que foi perseguido pelas lesões, primeiro no ombro direito, e depois nos abdominais.

Nas meias-finais Nuno Marques defrontará um conterrâneo, Paulo Coelho, do Clube de Ténis do Porto, que, por sua vez, ultrapassou Alberto Miguel por 6-2, 6-1 e 6-0.

Este confronto também envolvia um ambiente especial, porque Alberto Miguel é o treinador de Paulo Coelho, e no derradeiro embate entre ambos, no torneio de Espinho, fora o mestre o vitorioso, em grande parte devido à «guerra de nervos» que soube mover ao seu pupilo. Desta feita, o seu ténis em habilidade não foi suficiente para levar de vencida o jogo mais poderoso e em força de Paulo Coelho.

Na parte superior do quadro, Cunha e Silva continua a não sentir problemas em defender o seu título nacional, e ultrapassou o último sobrevivente do «qualifying», Pedro Sousa, por claros 6-0, 6-3 e 6-1.

Nas meias-finais, o benfiquista vai medir forças com José Nunes, o número um da série nacional do «ranking» da Federação Portuguesa de Ténis. O tenista do Clube nacional de Ginástica — que tem defendido bem o seu «ranking», pois já conquistou esta época quatro torneios portugueses — bateu com mais facilidade do que se esperava José Mário Silva por 6-2, 6-1 e 6-2.

Outro dos grandes atractivos da jornada de ontem foi a estreia das favoritas na variante de singulares femininos, e nenhuma delas revelou qualquer fraqueza. Sofia Prazeres (364.ª do «ranking» mundial) superiorizou-se a Sónia Andrade, que veio do «qualifying», por 6-3 e 6-2, e encontrará na ronda seguinte a campeã nacional de cadetes, Eva Mendonça, que deu conta da quarta «cabeça-de-série», Anabela Casas Novas, por 6-1 e 6-3.

A campeã em título, Tânia Couto, desembaraçou-se sem problemas da portugense Elisabete Coelho (vice-titular de cadetes e juniores) por 6-0 e 6-3, em apenas 52 minutos. Bem mais difícil será o próximo compromisso, com Joana Pedroso, a segunda «cabeça-de-série» e campeã nacional de juniores, que já a derrotou este ano no torneio de Leiria.

Joana Pedroso — que tal como Nuno Marques é treinada por Pedro Cordeiro — foi a jogadora que sentiu mais dificuldades no apuramento para o quadrado final, mas não nos podemos esquecer que do outro lado da rede se encontrava Patrícia Valadas, a ex-bicampeã nacional, que só cedeu ao cabo de uma maratona de duas horas e 12 minutos, pelos parciais de 6-4 e 7-6 (10/8).

A jornada de hoje será preenchida com o adiantamento das competições de pares, proporcionando uma folga aos semifinalistas de singulares que não estiverem envolvidos nas duplas.

Resultados dos quartos-de-final dos Campeonatos Nacionais de Primeiras categorias/troféu Artur Mantero:

Femininos — Sofia Prazeres (1)-Sónia Andrade (Q), 6-3, 6-2; Eva Menonça-Anabela Casas Novas (4), 6-1, 6-3; Tânia Couto (3)-Elisabete Coelho, 6-0, 6-3; Joana Pedroso (2)-Patrícia Valadas, 6-4, 7-6 (10/8).

Masculinos — Cunha e Silva (1)-Pedro Sousa (Q), 6-0, 6-3, 6-1; Nuno Marques (2)-Bernardo Mota (WC), 6-3, 6-3, 6-4; José Nunes (3)-José Mário Silva (5), 6-2, 6-1, 6-2, Paulo Coelho (4)-Alberto Miguel (6), 6-2, 6-1, 6-0.

Hugo Ribeiro

ASSIM VAI O totobola

Penalti: 212 111 1X1 1211; O Algarve: 21X 111 111 1111; Jornal da Beira: 21X 111 1X1 1111; O Comércio de Leixões: 212 11X 11X 1111; De Tudo Um Pouco: 21X 111 1X1 1111; Correio de Coimbra: 21X 111 1X1 1X11; Correio do Vouga: X12 111 111 11XX; A Defesa: 211 11X 111 111X; Defesa de Espinho: 11X 111 121 1111; Diário de Coimbra: 21X 111 1X1 1111; Rádio Jornal do Fundão: 21X 111 X21 111X; Diário de Lisboa: 21X X11 1X1 1X11; Diário de Viseu: 21X X1X X11 1X11; O Distrito de Portalegre: 212 111 1X1 1211; Folha de Domingo: 211 111 X21 1XX1; Eu Sei Tudo: 111 112 1X2 11X1; O Jornal de Felgueiras: 21X X1X 1X1 11X1; Jornal de Gaia: 21X 111 1X1 1111; Rádio Guarda: 211 122 212 1212; Jornal da Graça: 112 111 X1X 1121; Linhas de Elvas: 21X 11X 1X1 1111: Litoral: 212 111 1X1 1121; O Jornal da Lixa: 21X 111 111 1111; Maria da Fonte: X1X 111 1X1 1111; Notícias do Douro: 21X 21X 12X 1X1X; Notícias de Felgueiras: 21X X1X 1X1 11X1; Notícias de Gouveia: X12 111 11X 11X1; Jornal 1X2: 212 111 1X1 X111; Notícias de Viseu: 212 X11 1X1 1X11; Quadrante Norte: 21X 111 111 1111; Bom Dia: 2X2 112 X11 122X; Resenha Desportiva: 211 112 1X1 1211; RR/Desporto: 212 111 111 1X11; Bola Branca: 21X 111 111 1X1X; Frente Desportiva: 212 X11 1X1 1111; Jornal do Sul: 21X 111 1X1 1111; A Voz do Domingo: 211 11X 1X1 1111; Voz de Lamego: 212 1X1 X21 1211; A Voz dos Ridículos: 11X 111 111 11X1; Desporto/Rádio Guarda: 212 112 121 2121; Contacto: 212 112 121 11X1; Meia Tarde: X1X 11X 1X1 1XX1; Encontro Com a Manhã: 122 122 XX1 XX2X; Freguesias do Nosso Distrito: 2XX XXX X12 X21X; Primeiro Continente: 212 111 1X1 1X11; Rádio Viriato: 212 X11 1X1 1X11; Um Caso Por Semana: X1X 11X 1X1 1211; Foi Notícia: 22X 1XX 111 X1XX; Desporto e Música: 22X 112 121 2X2X; Cultura e Recreio: 21X 111 22X 11XX; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 11X 111 1X1 1X11; Manhãs Informativas: X1X 111 111 1111; Jornal do Almoço: 212 111 111 1X11; Jornal das 8H30: 112 111 111 1111; Jogo Limpo: 212 111 111 1111; Jornal do Jantar: 12X 112 X12 X1X1; As Noites da F: 1X1 1X2 X21 1X2X; Escape Livre: 212 11X X11 X111; Ecos de Cacia: 21X 1X1 112 11X1; O Almonda Desportivo: 21X 1X1 1X1 1X11; Rádio Totobola: 21X X11 111 1111; Notícias de Viana: 22X 11X 121 1111; Alvo Desportivo: 211 1X1 1X1 1211; Rádio Alvo: 21X 111 111 1X11; Alvo: 21X 111 111 X111; Alvo Suplemento: 212 121 1X1 1X11; Jornal de Sintra: X12 111 1X1 1111.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 85/90 DE 4 DE OUTUBRO

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Portadown-Porto	9	7	51	1	1	10
2. S. Moscovo-S. Praga	60	3	4	10	1	1
3. Ujpest-Nápoles	15	30	22	3	5	4
4. Neuchatel-E. Amadora	57	9	1	10	1	1
5. PSV Eindhoven-Montpellier	57	7	3	10	1	1
6. Samdória-Kaisersl.	43	14	10	8	3	1
7. Benfica-Roma	54	11	2	9	2	1
8. Malines-Sporting	26	30	11	5	5	2
9. Guimarães-Fenerbahce	57	5	5	10	1	1
10. Inter-Rapid	59	6	2	10	1	1
11. D. Zagreb-Atalanta	38	20	9	7	4	1
12. E. Francfort-Brondby	47	13	7	8	3	1
13. Mónaco-Roda	54	12	1	9	2	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
21X 11[illegible] 1X1 111[illegible]

I Série N.º 224
Dia 27 de Setembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 51/90:
Ratifica o Protocolo n.º 7 à Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, aprovado, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 22/90, em 13 de Julho de 1990.

Decreto do Presidente da República n.º 52/90:
Ratifica os Estatutos do Grupo Internacional de Estudo do Cobre, aprovados, para aceitação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 23/90, em 13 de Julho de 1990.

Decreto do Presidente da República n.º 53/90:
Ratifica os Estatutos do Grupo Internacional de Estudo do Estanho, aprovados, para aceitação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 24/90, em 13 de Julho de 1990.

Decreto do Presidente da República n.º 54/90:
Ratifica o Segundo Protocolo Adicional ao Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos com vista à Abolição da Pena de Morte, aprovado, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 25/90, em 13 de Julho de 1990.

Decreto do Presidente da República n.º 55/90:
Ratifica o Acordo de Arranjo Monetário entre a República Portuguesa e a República da Guiné-Bissau, aprovado, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 26/90, em 13 de Julho de 1990.

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 22/90:
Aprovação, para ratificação, do Protocolo n.º 7 à Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais.

Resolução da Assembleia da República n.º 23/90:
Aprovação, para aceitação, dos Estatutos do Grupo Internacional de Estudo do Cobre.

Resolução da Assembleia da República n.º 24/90:
Aprovação, para aceitação, dos Estatutos do Grupo Internacional de Estudo do Estanho.

Resolução da Assembleia da República n.º 25/90:
Aprovação, para ratificação, do Segundo Protocolo Adicional ao Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos com vista à Abolição da Pena de Morte.

Resolução da Assembleia da República n.º 26/90:
Aprovação, para ratificação, do Acordo de Arranjo Monetário entre a República Portuguesa e a República da Guiné-Bissau.

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 303/90:
Aprova o regime de fabrico, armazenagem, comércio e uso de artifícios pirotécnicos, luminosos ou fumígenos, destinados a sinalização.

Ministérios das Finanças e da Administração Interna

Portaria n.º 907/90:
Alarga o quadro de pessoal do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 40/90:
Aprova o Protocolo de Cooperação na Área da Dança Artística entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 304/90:
Torna obrigatória a certificação dos materiais cerâmicos de construção, quer de produção nacional, quer importados.

Ministério da Educação

Portaria n.º 908/90:
Reconhece o Instituto Politécnico de Entre Douro e Vouga — ISVOUGA, a funcionar nas instalações que possui em Santa Maria da Feira, como estabelecimento de ensino superior particular, e autoriza o início dos cursos superiores de Comércio, de Gestão das PME's, de Marketing e de Relações Públicas e aprova os respectivos planos de estudo.

Portaria n.º 909/90:
Autoriza o Instituto Erasmus de Ensino Superior a ministrar os cursos de Antropologia, Ciências da Comunicação e Literatura Comparada e aprova os respectivos planos de estudos.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 305/90:
Dispensa de concurso público e limitado as obras a realizar no âmbito da reorganização do perfil transversal do tabuleiro da Ponte da Arrábida até ao limite de 150 000 000$.

Ministério do Comércio e Turismo

Decreto-Lei n.º 306/90:
Altera o regime de autorização de vendas de pesticidas.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente muito nublado. Veno Sueste fraco a moderado. Pequena subida da temperatura.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação sudoestede 2 metros na Costa Ocidental de pequena vaga a cavado com ondulação sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento de Sueste fraco a moderado. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, em especial nas regiões do interior Norte e Centro.

Depois de amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento de Sul fraco a moderado. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, em especial nas regiões do interior Norte e Centro.

MADEIRA

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste moderado a forte e com rajadas. Aguaceiros e trovoadas.

Mar cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e mar grosso a alteroso com ondulação sudoeste de 3 a 4 metros na Costa Sul.

Amanhã

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste forte e com rajadas. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Depois de amanhã

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste moderado e com rajadas. Aguaceiros.

AÇORES

Em todos os grupos: Céu geralmente muito nublado. Vento norte forte a muito forte. Aguaceiros.

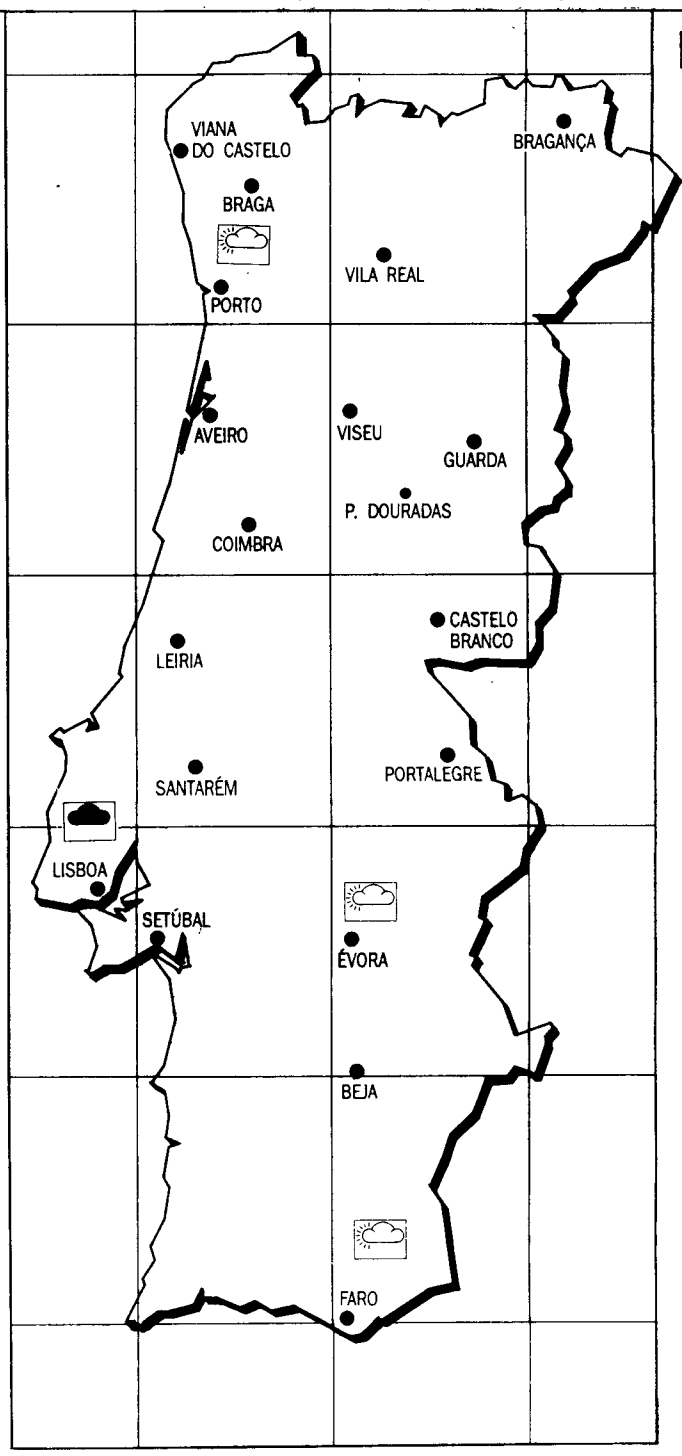
Mar grosso a alteroso com ondulação noroeste de 4 a 6 metros.

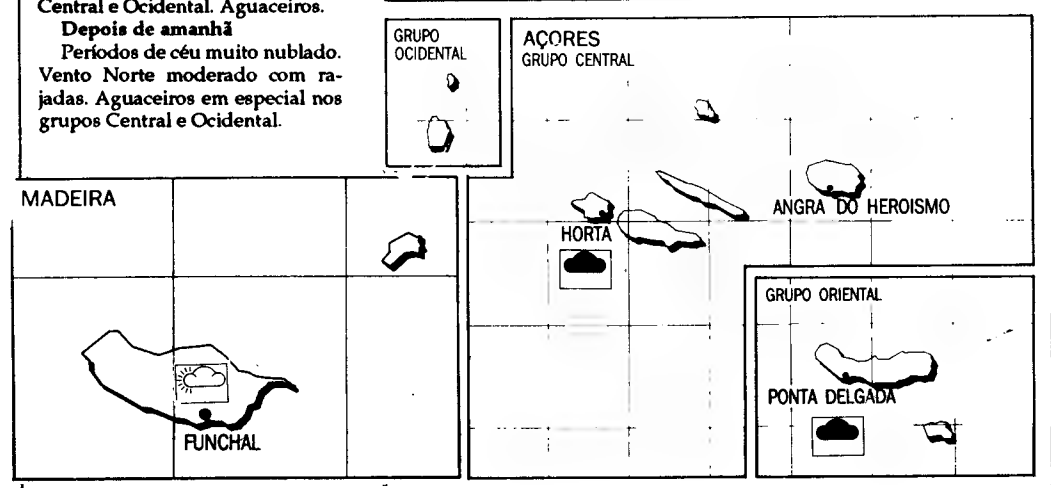
Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento norte moderado no Grupo Oriental soprando forte nos grupos Central e Ocidental. Aguaceiros.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento Norte moderado com rajadas. Aguaceiros em especial nos grupos Central e Ocidental.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.16	2,8m	02.14	1,7m
22.16	2,6m	15.16	1,7m

Amanhã

10.53	2,8m	03.51	1,8m
23.53	2,7m	17.02	1,7m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	10	11	M. nub.
V. Castelo	16	17	M. nub.
Vila Real	15	18	M. nub.
Porto	20	21	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	18	19	M. nub.
C. Carvoeiro	18	19	M. nub.
C. Branco	18	18	M. nub.
Portalegre	20	20	M. nub.
Lisboa	18	19	M. nub.
Évora	19	19	P. nub.
Beja	18	18	P. nub.
Faro	21	22	P. nub.
Sagres	20	20	Encoberto
P. Delgada	16	18	Aguaceiros
Horta	16	20	M. nub.
Funchal	19	22	M. nub.
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 26; Faro, 27; P. Delgada, 22; Funchal, 24.

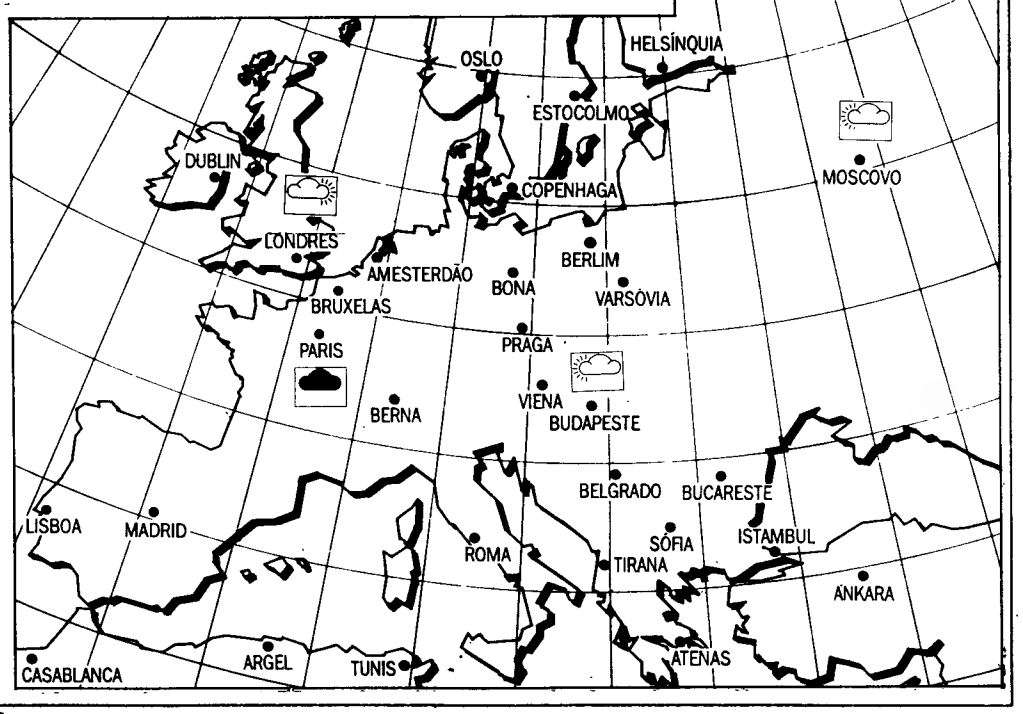
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	13	13	M. nub.
Londres	6	6	Nevoeiro
Paris	6	6	Limpo
Bruxelas	6	7	P. nub.
Amesterdão	6	7	P. nub.
Genebra	7	8	M. nub.
Roma	16	17	Neblina
Oslo	-2	-2	M. nub.
Copenhaga	3	4	M. nub.
Estocolmo	1	2	P. nub.
Berlim	7	8	M. nub.
Viena	8	10	M. nub.
Varsóvia	4	6	M. nub.
Atenas	22	26	Limpo
Moscovo	1	4	Aguaceiros

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	7	19	Limpo
Caracas	20	29	Nublado
Hong Kong	25	29	Limpo
Joanesburgo	8	25	Limpo
Los Angeles	17	28	Nublado
Montreal	13	19	Nublado
Nova Deli	25	33	Nublado
Nova Iorque	10	22	Limpo
Rio de Janeiro	16	24	Limpo
São Francisco	17	22	Nublado
São Paulo	9	15	Limpo
Tóquio	19	23	Chuva

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 882368; **Avenidas - Saldanha:** Império, Rua António Enes, 10, Tel. 548002; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 5440000; **Baixa:** Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 124-126, Tel. 873875; **Benfica - Atrás do «Califa»:** Rebocho, Rua Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lote 221 - Loja 133 Zona 2 - Chelas, Tel. 8593720; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso Baixo, 23-A, Tel. 381136; **Mercado do Chile:** Corvo, Rua Ângela Pinto, 32, B-C, Tel. 549756; **Radiodifusão - Ex. Em. Nacional:** S. Nunes Simões, Rua Quelhas, 1-3, Tel. 3961275; **Brandoa - Amadora,** Correia, Urb, Alfornel - Cel. G - Lote 137 - LJ. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Arco Cego - Estefânia: Palma, Av. Duque D'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56, B-C, Tel. 895370; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 135, Tel. 686640; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388 - Cruz. com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha França - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16, Tel. 880703; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E-36 B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Basto, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 4432039. Permanente; **Oeiras:** Sacoor. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22h; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22h; **Birre:** Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Até às 22 h; **Lemos,** R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22h; **Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente - Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até 22h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22h.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19h; **Costa da Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado. Tel. 2903218. Até às 19h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A. Tel. 2042016. Até às 19h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Telf. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira,** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

O Governo e a A. N. P. apresentaram cumprimentos ao Presidente do Conselho

Eusébio falhou um «penalty»!...

Eusébio falhou um «penalty»!

Uma surpresa estava reservada a todos quantos ontem, à noite, assistiram, no Estádio da Luz, ao encontro antecipado da terceira jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, entre o Benfica e o Boavista. (...) Grande penalidade marcada por Eusébio. Surpresa! Eusébio falhou, sensacionalmente, o «penalty»!

Nixon esta noite em Roma

O presidente Nixon chega a Roma esta noite para uma visita de três dias durante a qual os Estados Unidos farão uma impressionante exibição de poder naval no Mediterrâneo. Dez mil polícias foram destacados para Roma, além da Polícia normal da cidade, para obrigarem a dispersar qualquer eventual manifestação contra o presidente, a Embaixada dos Estados Unidos encontra-se fortemente guardada.

Um morto nas desordens de Belfast

Morreu um homem e ficaram feridos 65 soldados e polícias durante violentos recontros na área de Shankhill Road, em Belfast. O Exército e a Polícia efectuaram 14 prisões.

EFEMÉRIDES

1915

• Morre, em Lisboa, o escritor Ramalho Ortigão.

1968

• Marcelo Caetano toma posse como presidente do Conselho de Ministros, substituindo António Oliveira de Salazar, que se retirara por motivos de saúde (soube-se, posteriormente, que se encontrava gravemente doente).

1975

• São assaltadas as instalações da Embaixada de Espanha em Lisboa no decurso de uma manifestação de protesto contra a condenação à morte, em Espanha, de cinco separatistas bascos.

1985

• É inaugurado nas Amoreiras, em Lisboa, o maior centro comercial do País, com 330 lojas e uma área bruta de 86 000 metros quadrados, cujo custo foi de 3,9 milhões de contos.

1987

• Os combustíveis sofrem novo aumento em Portugal, o 15.º desde Janeiro de 1980.

• O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, inicia uma visita oficial de cinco dias a Portugal, a primeira de um chefe de Estado de Angola 12 anos após a independência.

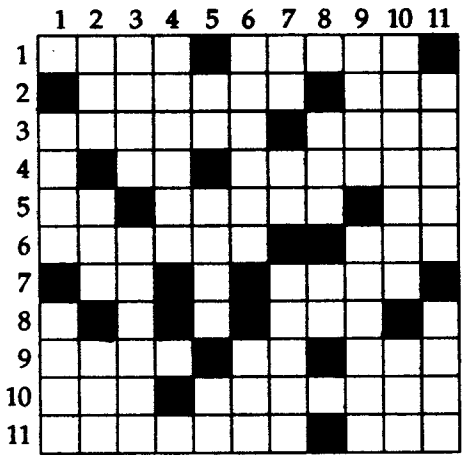
1988

• A Federação Internacional de Atletismo suspende, por dois anos, o atleta canadiano Ben Johnson, «dopado» nos Jogos Olímpicos de Seul.

1989

• A agência Lusa abre uma delegação em Tóquio, concluindo a implantação de uma rede asiática que integra escritórios em Macau, Hong-Kong, Taipé e Pequim.

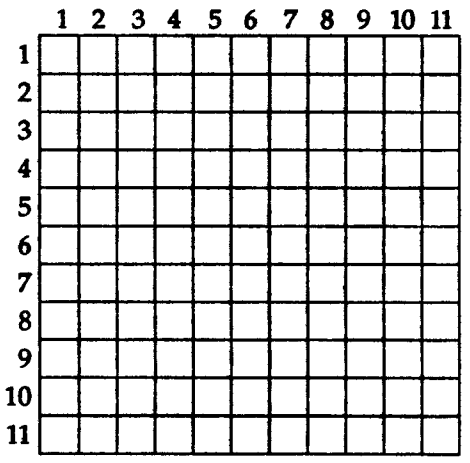
PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18012

HORIZONTAIS:
1 - Aquele que. Expele cuspo.
2 - Aprazíveis. Estima.
3 - Bebedeiras. Lavram.
4 - Em a. Planta herbácea que se emprega para fumar.
5 - Batráquio. Aquele que foi vítima da sua própria ambição. Brisa.
6 - Velhas. Rema para trás.
7 - Prefixo que designa afastamento. Governantes.
8 - Ver.
9 - Nome místico de Baco. Vi. Vão.
10 - Dê mios. Calçado grosseiro (pl.).
11 - Aparecem em lugar alto. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.

VERTICAIS:
1 - Preposição. Cume.
2 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Nome de mulher. Suspiros.
3 - Cidade dos Países Baixos. Obstáculos.
4 - Adoçais com mel.
5 - Em a. Rosto. Centímetro.
6 - Lombo. Pronome pessoal complemento.
7 - Osmio (s.q.). brisa. Combinam.
8 - Nome sueco da cidade finlandesa de Turku. Pronome pessoal.
9 - Um dos Estados do Brasil. Dinheiro (pop.).
10 - Reunis em maço. Macaco pequeno do Brasil.
11 - Freguesia do concelho do Seixal. Nome de flor.



PROBLEMA N.º 16822

HORIZONTAIS:
1 - Prov. meridional da Itália. Juiz e sumo sacerdote dos judeus.
2 - Sacerdote gentílico do Aname. Nome de mulher.
3 - Folha de aço ou de outro metal. Chefe etíope.
4 - Li (inv.). Escavam.
5 - Fanfarrão. Preposição e artigo. (inv.)
6 - Separara de outro. Ente.
7 - Duas consoantes desiguais. Freguesia do concelho de Lousada. Idem.
8 - Autores. Espera Resposta. Nome de jogo.
9 - Abreviatura de Santíssimo. Disparataram.
10 - Aeroplano. Costume.
11 - Carne seca (Bras.). Tira de fígado temperada e frita.

VERTICAIS:
1 - Arquipélago da Malásia, no mar da China.
2 - Mulher de um harém. (pl.).
3 - Governador de cidade em Narsinga, na Índia. Moderato. Entre os Caldeus, o quinto mês.
4 - Suplicava.
5 - Rio da Europa Central, afluente do Danúbio. Rio da Suíça. Nota musical.
6 - Artilharia antiaérea. Ponde por ordem.
7 - Que são do ar.
8 - Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça.
9 - Prendias com elos. Cruel.
10 - Macia. Freguesia do concelho de Coimbra.
11 - Seguia. Administrador por conta de outrem (pl.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 011

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. AMA. AC. 2 - Urias. Afago. 3 - Iate. Afinal. 4 - Natália. Só. 5 - Co. Abatidas. 6 - Oras. Ls. 7 - Segaras. Hó. 8 - Trair. Caos. 9 - Tremeras. 10 - Goa. Comer. 11 - Ás. Me. Aso.
VERTICAIS: 1 - Qui. CASTIGA. 2 - Urano. Er. Os. 3 - Eita. Ágata. 4 - Aeta. Air. 5 - Aborrece. 6 - Alara. Mo. 7 - Mafitas. Ema. 8 - Afiais. Crés. 9 - An. Aaro. 10 - Agasalhos. 11 - Colossos. Bo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 821

HORIZONTAIS: 1 - Atlanta. Zab. 2 - Xaí. Cama. 3 - Imolaras. Ur. 4 - Aa. Aura. Mar. 5 - Crista. Airó. 6 - Aa. Cocada. 7 - Asoto. Zo. 8 - Er. Roi. 9 - Lia. Anila. 10 - Romancear. 11 - Ocos. Arroba.
VERTICAIS: 1 - Axiaca. Xiró. 2 - Tâmaras. Oc. 3 - Lio. Elmo. 4 - Lascarias. 5 - Autos. An. 6 - Terraço. Ca. 7 - Aã. At. Aer. 8 - Cs. Adornar. 9 - Zá. Biá. Oiro. 10 - Amuar. Zil. 11 - Barroco. Aia.

PROVÉRBIO: QUEM AMA CASTIGA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
DICK TRACY
Filme de [illegible]ren Beatty
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Aimy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O DRAGÃO DE FERRO
Filme de Mona Fang
M/13 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
A GUERRA DOS ABISMOS
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
REGRESSO AO FUTURO III
Filme de Michael J. Fox
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DOUTORA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
DIÁRIO DE UM REALIZADOR
Com Federico Fellini, às 18.30
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS
Com Terence Stamp, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/16 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

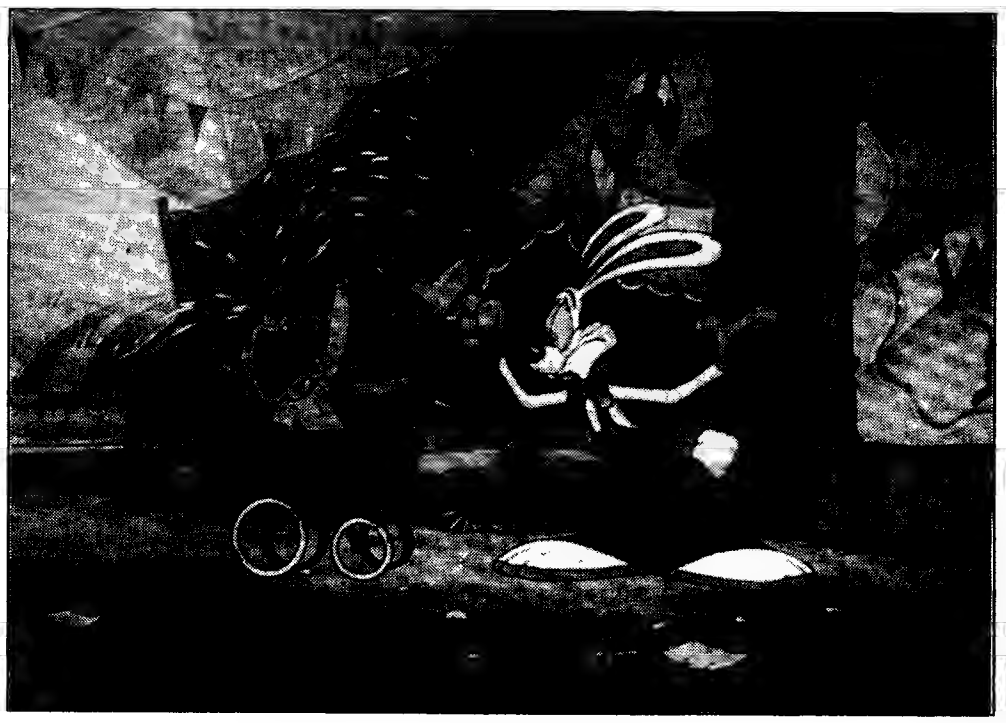
KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
JACKNIFE



«Roger Rabbit na Montanha Russa», desenho animado em complemento de «Dick Tracy»

Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKINFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
JUSTIÇA SANGRENTA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
O DIABO EM MR. HOLMES
Filme porno M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio
T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2906350
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
JACKNIFE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
DICK TRACY
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439769

Sala 1
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ANJO NEGRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
CENAS DE LUTA DE CLASSES
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayner

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona.

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
Sala 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA

GRUPO DRAMÁTICO
RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107
T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3.ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO MARIA MATOS
Av. Fr. Miguel Contreiras,52 - T. 897007
Estreia às 21.30
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3.ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO INFANTIL
TEATRO DA MALA POSTA
R. Angola - Olival Basto - Odivelas
T. 9873299
Às 21.30
A ILHA DO REI SONO
De Norberto de Ávila, pelo Grupo de Teatro Almeida Garrett

TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

ARREDORES

MONTE ESTORIL
TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver também se Aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
17.00: Brahms: sexteto n.º 1 em si bemol maior, com Pablo Casals e Isaac Stern. Haydn: trio para piano, violino e violoncelo em dó maior (hob. XV/27), pelo Trio Borodin; **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Integrais - A Integral das Sonatas para Violino. Solo de Ysaye, por Lydia Mordkovitch; **19.20:** Álbum Musical. Obras de Beethoven, Donizetti, Alexander Zemlinsky, Vivaldi, Handel, Villa-Lobos e William Boyce e Albinoni; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Histórias de Música... e Outras; **21.30:** Sonata n.º 15 em dó maior («Inacabada»), D. 840 de Schubert; **22.00:** Concerto Sinfónico. Obras de Carl Maria von Weber e Brahms; **23.05:** Destaque: Arturo Benedetti Michelangeli.

SNOOPY POR SCHULZ

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm
• LNB com polarizador incorporado
• Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

CARTAZ/TELEVISÃO

No 2º canal às 17.30, «Eterno Feminino», com Teresa Guilherme

HOJE

RTP-1

16.00 - PONTO POR PONTO
16.55 - CIDADES COM METRO
Neste programa, o editor do «The Observer», o jornalista Donald Treford e o escritor Robert Elms interrogam-se sobre se a rede do metro de Londres reflecte ou não a população que a frequenta.
17.20 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super Rato», «Tom e a Traquinas», «O Tempo do Drácula» e Caderno Diário.
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
(9ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA
«UDP e Ass. Nac. Industriais de Recauchutagem de Pneus»
20.20 - RODA DE FOGO
69º Episódio
21.15 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - EURONICO
Programa de humor e música, com destaque para a rúbrica «Crónica Social». Recorde-se que o primeiro programa foi dedicado à Grécia e este será preenchido com várias rúbricas alusivas à França.
22.25 - CELLINI, UMA VIDA VIOLENTA
2º Episódio
00.05 - 24 HORAS
00.35 - O TEMPO
00.40 - REMATE

«Euronico», no 1º canal às 21.25

RTP-2

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AVENTURA
2º Episódio
16.20 - LICEU DEGRASSI
22º Episódio
16.45 - BRINCA BRINCANDO
Com «Paulus o Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
17.30 - ETERNO FEMININO
9º Programa
18.30 - O MENINO DOUTOR
14º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
29º Episódio
19.20 - CIRCO
19.35 - VIA RÁPIDA
19.45 - REGIÕES - MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
9º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O FOSSO E O PENDULO
Este programa inicia a série de ficção portuguesa que quinzenalmente ocupará um espaço de 30 minutos.
21.55 - ACERTO DE CONTAS
22.45 - CINECLUBE
«Laurel e Hardy a Ferros» (Pardon Us) E.U.A. (1931): trata-se de uma adaptação ao sonoro de uma das suas comédias mudas de duas partes e que é para todos os efeitos a sua primeira longa metragem. Apesar de se sentir ainda o choque da transição do mudo para o sonoro no que diz respeito a alguns gags e naturalmente à forma como algumas cenas estão resolvidas o espantoso talento de Laurel e Hardy salva muito do que nesta comédia sobre constantes entradas e saídas da prisão parece menos adequado ao seu estilo, à sua inimitável pantomina e ao seu timing de fazer rir de que a cena dois a tentar dormir no mesmo beliche da cela é um dos melhores exemplos.

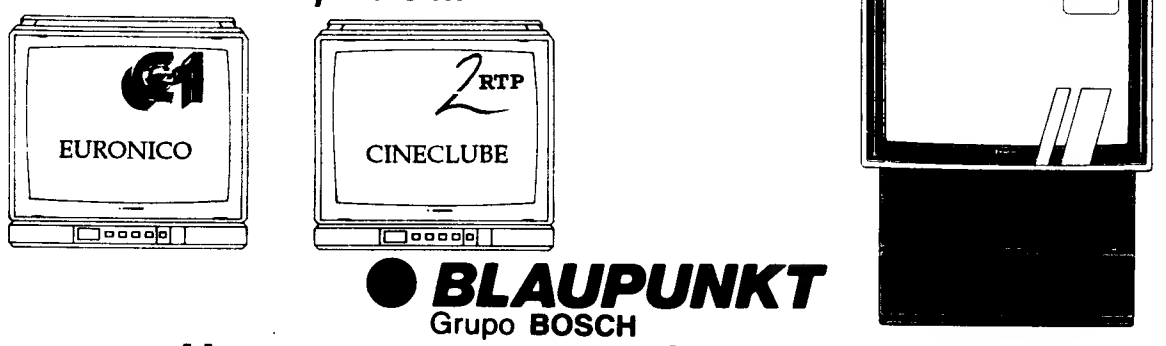
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - O TEMPO
13.35 - SEM LEGANDAS
14.15 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.20 - PRIMEIRA MATINÉE
«Júlia»
16.15 - PONTO POR PONTO
16.50 - OS GRANDES SENHORES
17.15 - BRINCA BRINCANDO
18.10 - RUA SÉSAMO
18.35 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.40 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
20.25 - RODA DE FOGO
21.20 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.35 - SESSÃO DA NOITE
«Vidas em Jogo»
23.55 - CHEFE, MAS POUCO...
00.25 - 24 HORAS
00.55 - O TEMPO
01.00 - REMATE
01.25 - PELA NOITE DENTRO - «SEXTA-FEIRA 13»
2º Episódio

RTP-2

12.02 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - ARMAÇÃO ILIMITADA
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - A GRANDE FENDA
16.45 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - CHARLOT
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.30 - VIA RÁPIDA
19.40 - NUNCA MAIS É SÁBDO
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - A TENDA DOS MILAGRES
21.55 - ROTAÇÕES
23.15 - POP-OFF
23.45 - UM ESPIÃO PERFEITO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...


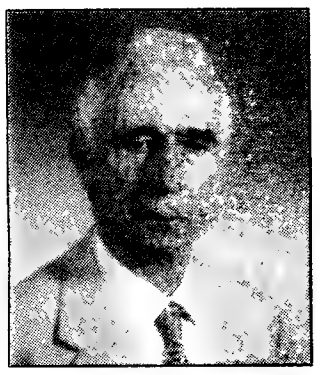
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS » RÁPIDO
» ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS
ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«Voto em Branco ou nulo com Mário Soares»

Santos Ferreira (PDC), Tempo, 27 Set. 90

A PERGUNTA DO DIA



Rui Caldas de Vasconcelos presidente da direcção do Clube do Cão de Água Português

A actual expansão do cão de água português está a ser acompanhada por uma recuperação das suas características de trabalho, designadamente de natação?

O Clube do Cão de Água Português tem tentado manter e melhorar as características, quer morfológicas quer funcionais do nosso cão de água. Assim, tem promovido exposições em que são apreciadas e valorizadas as qualidades do cão relativas às suas funções ancestrais. Estamos, portanto, seguros que, a curto prazo, conseguiremos em Portugal exemplares de grande categoria, recuperando ao mesmo tempo as suas características de beleza e de trabalho. O cão de água, além dos aspectos já referidos, tem um temperamento que cativa os seus possuidores. Daí, talvez, o grande interesse que desperta não só em Portugal, mas também no estrangeiro, nomeadamente nos Estados Unidos, França e países nórdicos. Esta característica é também por nós bastante desenvolvida e tida em conta no melhoramento desta raça.

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

A "rentrée" política em Grande Angular

Tina Turner a 24 horas do concerto em Alvalade

"Delgado e a farsa indecorosa" por F.Piteira Santos

"Entreténs de Arquitectura" por P. Vieira de Almeida

ENTREVISTA

José Freire Antunes, jornalista e historiador, lançou ontem o seu nono livro dedicado à história recente de Portugal. A obra intitula-se «O Factor Africano - 1890-1990» e pretende explicar a importância de África na vida nacional

Entre a História e o jornalismo

«DL» - Qual o conteúdo de «O Factor Africano 1890-1990»?

Freire Antunes - O livro traduz os 100 anos que medeiam entre o «Ultimato» e 1990, perfazendo-se, portanto 100 anos. Considero 1890 como a data da introdução do factor africano como um factor nacional, isto é, a data em que África passou a preocupar, para além das elites críticas, também uma parte da população mobilizada pela humilhação imposta pela Inglaterra, através do «Ultimato».

«DL» - O que pretende explicar com o livro?

F.A. - O que eu fiz foi um esforço para tentar, de maneira sintética, entender a importância de África na vida nacional: como é que África, ao longo das várias épocas da História, com mais ou menos intensidade, influiu no nosso destino nacional. Dou-lhe um exemplo concreto, que é o da época que se segue à descolonização que foi um período traumático e após o qual África ficou como que escondida: escondida do imaginário nacional, escondida da vontade dos políticos, escondida da população. Mas, anos depois, África volta, porque foi importante demais ao longo dos séculos para ser esquecida. E eis-nos em 1990, outra vez, com um papel dinâmico, com um papel diferente. Não já como um país colonialista, com as responsabilidades que lhe são inerentes, mas como um país que é independente, que respeita a independência dos países que colonizou e que, entretanto, também se tornaram independentes. Portugal está neste momento, de uma forma muito activa (à escala das suas possibilidades), mas também de uma forma muito inteligente, a contribuir para os processos de paz, sobretudo, em Angola e Moçambique. Está a prestar um serviço inestimável a África que, de acordo com a mentalidade de muitas pessoas, era um continente condenado a viver sem democracia. Eu digo no fim do livro que a iniciativa está a partir de África porque, neste momento, com as mudanças a leste e noutras partes do globo, África está a sentir o receio de periferização. Os apoios do ocidente estão a ser deslocados para outras zonas. A iniciativa, isto é, o desejo de entendimento e cooperação, com países como Portugal está a partir de África.

José Freire Antunes

«DL» - Freire Antunes é historiador, mas também jornalista. Quais os pontos de contacto, ou de divergência, entre estas duas actividades no âmbito da história contemporânea?

F.A. - Se existe algum lugar onde eu gosto de me colocar - independentemente das caracterizações que façam do meu trabalho - é num ponto intermédio, num ponto de encontro, num ponto simbiótico, se quiser, entre o jornalismo de investigação e a historiografia. Eu penso que é aí o terreno onde me situo: primeiro, devido à minha formação profissional como jornalista (que sou desde os 17 anos) que me vocaciona para entrevistar pessoas, recolher testemunhos orais; depois, porque fui muito estimulado pela escola da «Oral History», que existe na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, desde 1948. Depois ainda por outro tipo de investigação que tem a ver com as fontes escritas. Digamos que eu tendo a articular, nos meus trabalhos os diversos tipos de fontes, desde a história oral à história escrita, propriamente dita. O meu trabalho reflecte, até onde eu sou capaz, aquilo que há de complementar entre a historiografia e o jornalismo de investigação.

«DL» - Quais os seus projectos?

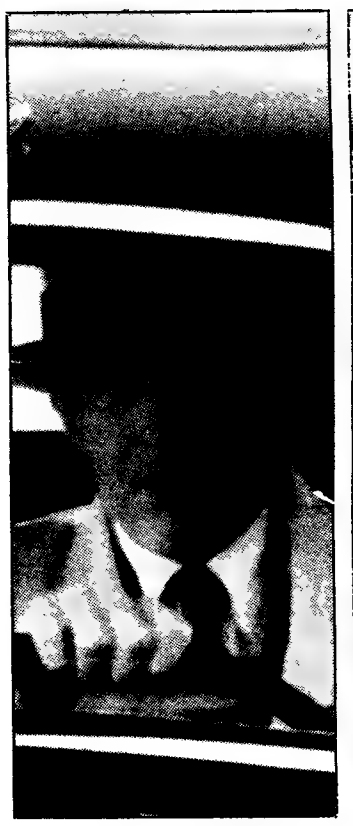
F.A. - O meu projecto actual é terminar a série «Os Americanos e Portugal», da qual já está publicada o primeiro volume que abrange o período da presidência de Richard Nixon, que medeia entre 1969 e 1974. O segundo trabalho está já em fase de finalização.

«DL» - Quantos volumes constituirão a obra?

F.A. - Três volumes.

Mário Rocha

CRÓNICA



Matadores de amarelo

Ambos vestiam de amarelo vivo. Warren Beaty de sobretudo, Mário Coelho com o seu «fato de luces». São duas personagens do espectáculo. Uma que acaba de dizer adios à *aficion*, outra que chega às fitas para ficar.

Entre uma arena onde escorre sangue de boi e um *écran* onde se matam vilões, existe um mundo de sonho e de apoteose. Trata-se, sem dúvida, de banda desenhada. Ambos são matadores e elegantes, cheios de donaire, efectuando uma faena de vida e de morte.

Com uma diferença: Mário Coelho foi o personagem de si mesmo, há dias no Campo Pequeno, enquanto Warren Beaty faz de Dick Tracy. Ambos sobrevivem como por encanto. O Kid da história de Tracy salva-lhe a vida, depois de o seguir, pendurado atrás de um carro e de se esconder dos *gangsters* dentro de um caixote de lixo. O Kid de Coelho entra na arena para lhe cortar a coleta, salvando o pai, quem sabe, de uma morte certa, tal como a de Paquirri nos pitons de Avispado ou a de Manolete nos de Islero.

Ambos matam ou mataram. Mário Coelho, o diestro, espetando touros mais ou menos nobres, meio FN deuses, meio demónios, com ferros, depois de os templar debaixo de ovações e de música. Dick Tracy, o herói de Chester Gould, despejando chumbo nos mafiosos que de deuses nada têm, enquanto Breathless Mahoney, a Madonna, canta e dança como a diva que quer ser.

São dois episódios de fim de Setembro. É a *rentrée* em panavision, cor de nêspera, para uso do espectador. São duas histórias da ficção dos homens, de uma certa barbaridade que não acaba nunca. São, afinal de contas, dois espectáculos inesquecíveis. Como disse Vittorio Storaro, director de fotografia de Dick Tracy, o amarelo de Warren é da «cor do sol». O mesmo se diria do diestro.

O matador, ao vivo, em faena, já ninguém o verá mais. Acabou em ombros, como os triunfadores de arena. Mas não percam o Dick Tracy - dou-lhe quatro estrelas - nem que seja para ver o puto que apenas se quis chamar Kid e o Big Boy Caprice, um Al Pacino em grande forma, a fazer inveja a qualquer Mickey Rourke ou Mel Gibson de trazer por casa.

A *rentrée* é assim, como uma árvore de ilusões a que não se pode escapar. Todos os anos se diz que a árvore está seca, mas acaba-se sempre por descobrir um fruto maduro.

Rui Ferreira e Sousa

A.M.A. Auto Monumental da Areeiro SA

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 27 SETEMBRO DE 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Postais rasgados, de Fernando Guerreiro, e homenagem a Raúl de Carvalho, nas pág. 2 e 3 ; Acabados de chegar e Leituras e Ideias na pág. 4

«Crónica do Tempo», Maria Isabel Barreno

FUGA À OBSERVAÇÃO NEUTRA

Em «Crónica do Tempo», de Maria Isabel Barreno, romance agora publicado, uma personagem nos surge, página a página, que nos guia pelos muitos itinerários do espaço quotidiano das nossas vidas (ou, então, das vidas que, como observadores, vamos contemplando no seu decurso breve e longo). Que personagem é essa...? É, precisamente, o Tempo, essa dimensão física indiferente, sempre fluindo, embrulhando tudo, tudo desdobrando, e tornando real o que, muitas vezes, vozes fátuas apenas consideram como meros acasos, considerandos fora de qualquer contexto, insinuações, pequenos episódios, um caso a mais, um caso a menos. Mas a realidade nunca é aquilo que julgamos, vemos e tocamos - e sim algo de muito mais complexo, não raro impossível de ser contado em linhas escorreitas e pormenores límpidos.

A romancista que é Maria Isabel Barreno: «Talvez (pág. 34) a realidade esteja bastante para além daquilo que enxergamos. Só vislumbramos uns primeiros sinais, que nos chamam para uma visão mais total, mas raramente a ela chegamos porque teimamos em nos manter afastados das nossas responsabilidades mais imediatas. Não existe observação neutra, são os nossos sentimentos que fazem a realidade.» É partindo destes pressupostos que, de uma maneira exemplar, todo o primeiro capítulo de «Crónica do Tempo» nos dá a impossibilidade de comunicação entre uma jornalista, «mulher de olhos amarelos», e um octogenário que, partindo de uma origem humilíssima, cresceu em fortuna por terras africanas - Angola, Zambézia, Moçambique. E comunicação impossível porquê...?

Pelo simples facto de a jornalista, Ângela, se encontrar frente ao milionário, Jorge, não como um ser que pergunta no âmbito da decência e ouve sem uma pedra na mão, mas como investigadora e polícia própria de um tempo que tenta preencher-se com o **bem** e o **mal** (o que são o mal e o bem?) para entretenimento e gáudio de eventuais leitores. Ou por outras palavras: a jornalista, porque arrumada em determinado espectro político, só tem um objectivo na sua tarefa - o de descobrir, tim-tim por tim-tim, os meios que tão rico tornaram o entrevistado. Quando Jorge, por exemplo, se imiscui nos pormenores da sua verdadeira vida (a infância, os pais, a educação, mulheres, amizades, jornada africana, contactos comerciais, paisagens exóticas, adolescência, maturidade, velhice...), ela tudo isso menospreza, abre a boca de sono, ignorando (ou tal querendo ignorar) que a vida suplanta todos esses pontos, esses passos, esses degraus tortuosos ou não.

Maria Isabel Barreno

Ora acontece que a vida é sempre um acto privado, subjectivo, individual - e «Ângela (pág. 14) é dos que acreditam que os muitos ricos e os muitos famosos não têm direito à privacidade. É o preço. Devem-no a todos os outros, de onde extraem a sua fama e o seu proveito. Devem ser desnudados na praça pública, esfolados...» Daí, por consequência, a falta de comunicação dessa entrevista que abre o romance - e tudo quanto o leitor vai apurando sobre Jorge deve-se à fuga da «observação neutra» da escrita de Maria Isabel Barreno. Até porque (pág. 16) «independentemente das ideologias de esquerda ou de direita, todos temos uma herança colonial. Falo da herança antes da guerra. Faz parte do nosso passado, das nossas infâncias. Um tio, um avô, um primo, um vizinho que andou pelas Áfricas...» Mas como teria ele, Jorge, feito fortuna...? Jorge conta diversos itinerários, apresenta uma ou outra figura, estende um ou outro mapa. E Ângela (pág. 44): «É esse então o seu segredo?» De novo a fuga à «observação neutra», mesma página: «São muitos os segredos. Não há uma fonte, um ponto, uma mina. Isso talvez para os que ganham na lotaria. O caminho normal para a riqueza é o estabelecimento de um grande número de pequenos investimentos. Não só de dinheiro: de força, de energia, de insistência...» Ângela, neste primeiro capítulo, despede-se, pura e simplesmente - e nunca terá apreendido a crónica de todo um tempo visceral, um tempo que começa por Jorge e muitos dos que a ele estiveram ligados, «nas quatro ou cinco primeiras décadas deste século, e continua noutras eras com as vozes da geração de seus filhos, até aos netos.»

Rico, deveramente rico, este romance de Maria Isabel Barreno: dir-se-ia que os capítulos, secos de prosa, claros de observação, se transformam em largas tapeçarias que, batidas pelos olhos de quem as lê, largam uma poeira de coisas mil, dando-nos a vida em todos os seus redemoínhos, em todas as suas linhas cruzadas, em todas as culpas que, afinal, nunca nos culpam, muito embora, de quando em quando, murmuremos um *Mea Culpa* no silêncio dos nossos dias grandes, solitários e pleno de cadeiras vazias, mesmo que nessas cadeiras se encontrem muitas pessoas sentadas. Que já nos falaram - e não nos falam agora.

Pedro Alvim

(«Crónica do Tempo», Maria Isabel Barreno, Caminho, Colecção O Campo da Palavra, capa de Mário Caeiro, 1990)

Postais rasgados

CENAS PUNITIVAS

A questão que me interessa colocar é a seguinte: em que medida uma obra se pode constituir para designar um «segredo» e, uma vez este *designado*, derrapar, *fugir* da revelação da «verdade» que aí se oculta?!

O motivo próximo desta nota são dois filmes recentemente estreados de William Friedkin: *O Anjo das Sombras* (The Guardian) (1989) e *O dedo da Justiça* (Rampage) (1988).

Independentemente disto, e para que fique dito, Friedkin constitui para mim um dos nomes grandes do cinema actual americano (da sua *história-B*, mais secreta e oculta). Apenas 3 filmes, no meu entender, decisivos: *To Live and Die at L.A.*, *Cruising e Sorcerer* (filmes que coloco ao lado de *Mean Streets e Taxi Driver*, de M. Scorcese, *Badlands*, de T. Malick, *Christine*, de J. Carpenter, *The Warriors* e *Streets of Fire*, de W. Hill ou *Body Double* de Brian de Palma, etc.).

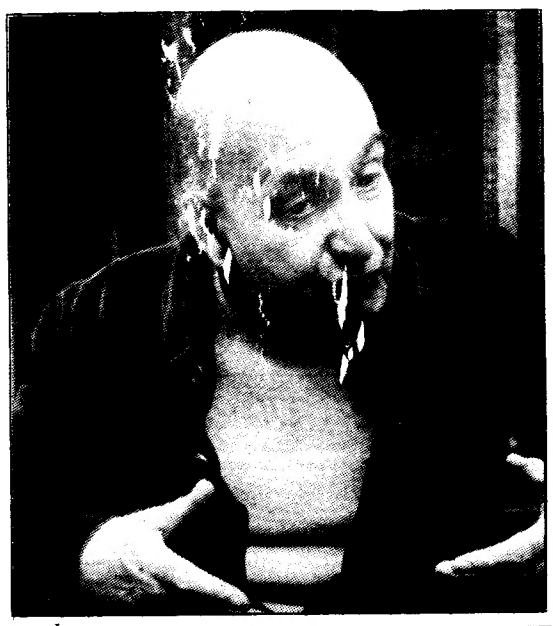
O que têm de comum, a uma primeira leitura, tanto *The Guardian (Foto 2)* como *Rampage (Foto 1)* é o facto de se centrarem na *questão das «origens»*. Mais obviamente no caso do primeiro, já que o *objecto do(s) desejo(s)* que nele circulam é um *recém-nascido*.

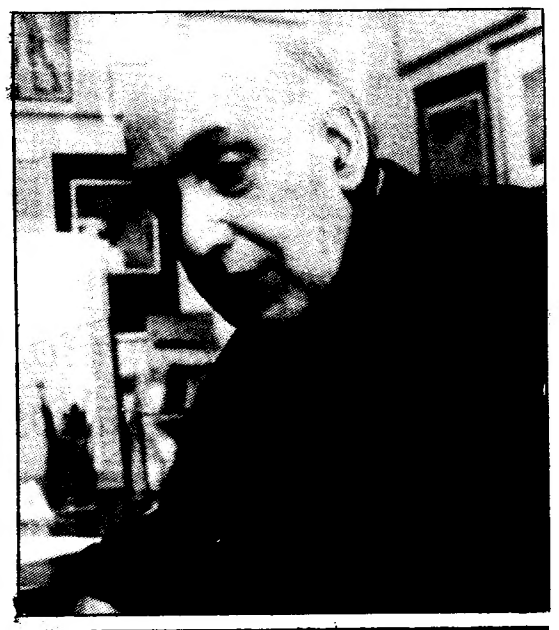
Mas também no segundo: aí, há crianças que morrem (uma violentamente, outra por «ausência»-distração/descuido), que descobrem corpos mutilados (Andy) ou que resistem dentro dos personagens (dificultando a sua «normalização», passagem a «adulto»: Charles, o assassino).

Problemática portanto das *origens*, em qualquer dos casos. Em relação à «infância» (ao «nascimento») mani-

continua na pág.2

literário





EM MEMÓRIA DE RAÚL DE CARVALHO

1920/1984

Na véspera do seu 64.º aniversário, morreu há seis anos o poeta Raul de Carvalho. Tivemos o privilégio da sua amizade e, quando as circunstâncias o exigiram fomos também seus médicos.

Presente na memória dos seus amigos, daqueles a quem dedicava «o doce mel da companhia» em vida, que são poucos mas bons; parece contudo reinante um silêncio preocupante nos meios culturais e oficiais, acerca da personalidade e da obra de um Grande Poeta contemporâneo.

Os discursos solenes sobre a campa do Raul em Alvito, naquela quente e triste tarde de Setembro de 1984, esfumaram-se, diluíram-se, na espuma dos dias. Onde estão as promessas solenemente assumidas da reedição das obras de Raul? Escrevem-se recentes antologias (ou estudos) sobre a Poesia Portuguesa Contemporânea e em vão nelas procuramos o nome de Raul de Carvalho. Isto diz tudo!

É porque não queremos ser coniventes com *esta conspiração do silêncio* que nos dispusemos escrever estas linhas no único jornal — «*O Diário de Lisboa*» — que na sua sintética rubrica «Efemérides», não se esqueceu de assinalar a morte do Poeta a 4-9-84, como aliás o temos feito nestes últimos anos, sempre que ecos simpáticos nos surgem, de quem não tem a memória curta. Estendemos a mão em solidariedade, então, e também, para dizer que não basta! Não podemos deixar enterrar a obra com o Poeta!

Como cidadãos temos aliás o direito de perguntar aos poderes públicos, culturais e autárquicos que se comprometeram a honrar a memória do poeta perante a sua mortalha: E então? Que é feito das vossas promessas? E então? Onde está a vossa responsabilidade?

Estas mesmas questões se podem colocar com pertinência aos órgãos de Comunicação Social, aos vários suplementos e revistas literárias, às editoras, aos mecenos de todos os quadrantes, e sobretudo aos responsáveis pelas Casas Editoriais do Estado e às várias personalidades que têm ocupado o Ministério ou Secretaria da Cultura nos diversos governos.

Lembramo-nos de em várias oportunidades termos comentado com o Raul a crónica conspiração do silêncio com que esta Pátria madrasta envolve os seus maiores poetas. Certa vez até, numa sessão de poesia em Évora, na altura da morte de outro alvo desse silêncio: o grande Jorge de Sena.

O Raul não tinha ilusões a esse respeito. Defrontava-a com a sua verticalidade e com grande coragem e sacrifício: a maior parte dos seus livros foram publicados em Edições do Autor. Via nisso, orgulhosamente, um sinal da sua independência. Numa ocasião, em conversa a esse propósito, e para sossegar a nossa indignação perante tal injustiça, confidenciou-nos que Jorge de Sena lhe escrevera de St.ª Bárbara (USA) para o Hospital de Santa Maria, quando aí estava internado, dizendo-lhe para manter a serenidade pois que, «quando a poeira do século assentasse, eles (o Raúl e o Sena), permaneceriam».

No seu poema «ÁCAROS», a menos de um ano da sua morte, escrevia em memória do seu amigo Mário Botas, com profunda lucidez:

«Não acredites Mário
As taciturnas
Conversas genuflexórias
Querem-te na mão depois de morto.»

A grande qualidade da obra de Raul de Carvalho não oferece dúvidas, nem contestação. Perante ela, os mecenas apenas se calam como fariseus, tentando fazê-la esquecer. Mas desses mecenas — poeira do século — não haverá memória em breve. E o Raul, com Jorge de Sena, Zeca Afonso, Nuno Bragança e tantos outros, aí ficará com a força e a perenidade das colunas e das estátuas gregas da nossa cultura e da nossa poesia.

João Gaspar Simões escrevia em 1981 («D. Notícias», 22/10/81), sobre a poesia de Raul de Carvalho:

«Não tenho dúvidas em sustentar que com este seu livro de versos escritos em 1977 («ELSINORE») o autor da «MESA DA SOLIDÃO» se situa entre os mais ponderadamente *desponderados de quantos poetas em língua portuguesa cantaram o que* extinguiram *ou o que* auto-sacrificaram *da sua própria humana personalidade. De dia para dia se avoluma mais em nós a ideia de que por mais* desumana *que a poesia — e a arte em geral — aspire ser, só a arte humana se intemporaliza. A poesia de Camões altamente o testemunha.»*

A terminar estas linhas em memória do nosso amigo, citamos um dos poemas, que ele muito gostava de recitar tanto em público como em privado; data de 1972 e integra o seu livro «DE NOME INOMINADO». Para um de nós, foi o primeiro que lhe ouvimos em sua casa há já muitos anos. E é pertinente agora, quando o 6.º aniversário do seu desaparecimento se junta ao próximo 23.º aniversário do assassinato desse Cristo Guerrilheiro, cuja fotografia iluminava o seu próprio quarto e que o Raul tanto admirava:

Gracinda de Sousa
António Alves Gomes

CANTO EM COMUM

Porque razão misturo o Che
Guevara com o Cruzeiro Seixas?
Até porque não sei o que vou
escrever,
até porque me sinto molemente
inclinado na cama,
até porque o dia hoje foi extremamente fatigante, apaixonado,
até porque comecei — pela primeira vez — a duvidar de que
tenha amor,
até porque tudo me parece ainda
inacabado ou inprincipiado — já
que o futuro nos não pertence,
até porque ainda não olhei —
como costumo todas as noites,
deitado, antes de adormecer —
olhar de frente o teu olhar de
Cristo, iluminado, Che!,
até porque morreste com 39 anos
e eu tenho mais e desconfio...
— por tudo isso não me apetece ou
não escrever esta memória exausta
mas por enquanto viva
— em que misturo torres inexpugnáveis quais as montanhas de
Sierra Maestra, quais os abúlicos
sinais da morte sexual,
— e esse signo Maior! esse fálico
deus ensaguentado! esse núbil
púbis adolescente e marinheiro!
esse esquife de rodas onde as
andas se alteiam como ondas, se
espraiam pela terra no man's land!
esse cárcere contínuo dos sexos
imóveis! esse dúplice olhar
camuflado! essa armadura que
conduz (não conduz) ao *Castello!*
esse enorme desejo moribundo
acordado às quatro horas da manhã
para fazer um quadro! esse amor
que tu tens — meu inteligente e
dramático e fértil e feroz e frustrado
Pintor que a Rosa escalda e vibra!
que o Mar acorda e vomita, violento!, para as camas dos homens
— Homem, tu, Che Guevara dos
Andes, das políticas claras! da
anunciadamente percorrida escalada para a morte! do sonho
vitorioso após a bala! do coração
que pulsa junto ao cérebro! da
espontaneidade poética e valente!
do ódio que nutrias, *Che!*, às mesas
com amanuenses da revolução!
dos filhos que fizeste sem saberes!
das lágrimas comuns de trezentos
milhões de esfomeados! dos teus
amores ocultos a Mozart, à boa
literatura, *a que os homens percebem* que amadurece igual às cores,
aos sons, aos violinos da esperança agrilhoada! à tua espingarda,
Che!, eu ergo um grito! um grito de
amor, de verdadeiro amor pelos
teus olhos que *deitam cá para fora*
tudo o que tu foste em vida: «Deus
me perdoe: parece Cristo»
— à glória de ambos vós, meus
amigos que guardo no melhor de
mim, na *fábula* de mim, no que
penso que ficará na lembrança de
mim: o amor que tive à beleza e à
força nobre do coração

— que: NENHUM PODER
NENHUM ASSASSINO
NENHUMA CAVALGADURA
NENHUM MARICAS
— poderá JAMAIS! fazer desaparecer de ao de cimo da Terra!

Raul de Carvalho

POST

continuação da pág. 1

festa-se uma «curiosidade», mesmo uma «inveja», dir-se-ia que «absolutas».

«The Nancy» de *The Guardian* deseja-as e rapta-as, avidamente; em *Rampage* não só uma criança é «raptada» (por Charles), como o «investigador» se encontra «preso», «siderado», por uma imagem de «infância» (neste caso a da sua «filha» que, pensa, deixou «morrer»).

Sinal (mais do que «signo» — o que pressuporia sempre uma articulação e integração numa ficção / história familiar / discurso), a «criança» constitui o lugar de uma *interrogação* (sobre o mistério / enigma das origens), assim como de um *desejo* alucinado, vampírico, absoluto.

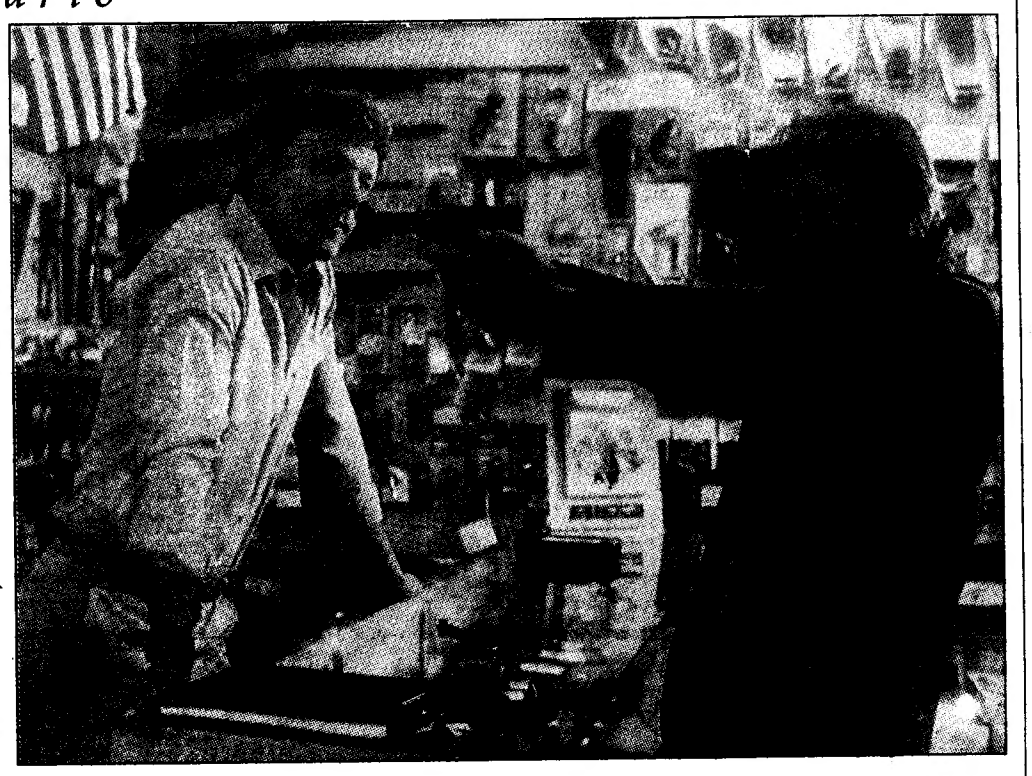
É esse, mesmo, o 2.º motivo comum ao modo como se coloca a problemática da(s) origem(s) nos dois filmes: o do *sangue*.

Em *The Guardian* o bebé é raptado *antes* do ciclo de renovamento do seu sangue se ter concluído: i.e., de modo a ser «salvo» captado na sua «pureza» (referida ao leite materno / à mãe-Natureza), antes ainda que se inicie um ciclo secundário que a remeta

The Gu

literário

STAIS RASGADOS



Rampage

riosi- «in- abso-

The apta- *Ram-* nça é rles), r» se «sid- gem aso a ensa,

que upo- lação ficção dis- nsti- inter- rio /), as- *desejo* rico,

o 2.º modo a a da(s) lmes:

bebé lo de san- : i.e., lvo» reza» terno antes n cido emeta

definitivamente para a sociedade e a cultura.

Charles, o personagem de *Rampage*, «mata» também para *se renovar* com o sangue das suas vítimas, já que se sente contaminado pela sociedade, que o «envenenou», tornando-o para sempre um organismo instável, insuficiente e inseguro.

Charles, assim, é como que um bebé (de *The Guardian)* que tivesse «crescido». A *plétora* sanguínea perfeita do bebé (mal) acabado de nascer, Charles contrapõe-se com um personagem em situação de *derrame:* a sua «falha» original (e também de identificação) constitui a sua situação de «perdição» (de «perda») e de *hemorragia* narcísica.

A questão da *casa* (a discussão das suas estruturas: arquitectura), assim como as da «família» ou da «sociedade» (da justiça da «pena» / da pena «justa») amplificam estruturalmente esta questão da «origem»: daí também as *falhas* (sísmicas: emocionais) que, de tanto insistirem, acabam por rasgá-la e manifestar-se (intersticialmente e à superfície) nas suas estruturas. Crise dos Sujeitos, das famílias (dos pares) e da sociedade — tal como das casas ou da arquitectura.

TheGuardian

Se «falha» a remissão estrutural da «crise original» (a primitiva, a profunda) — o júri da *Rampage* não sabe decidir (e, em última análise, decide mal), as famílias rompem-se, os pares separam-se *(Rampage)*, as casas não resistem à invasão (animal ou vegetal) da selvagem Natura *(The Guardian)* —, contrapondo-se a essa (im)possível hipótese de «sutura», reveste-se de um alucinatório volume, em ambos os filmes, a dimensão (recalcada e não controlada) do imaginário que constitui, afinal, a «grande-falha» (sísmica) de qualquer estrutura.

Imaginário dado em estado bruto, enquanto surto de violência (carnificina ou rapto: *rampage)*, que, na própria medida em que se torna matéria de comportamentos e de discursos, se «fantasmiza» e *figura.* Imaginário da «infância» (ainda que invertido) em *The Guardian* (que tem a sua tridimensionalização alucinada na construção-livro da «árvore» que ilustra o conto dos irmãos Grimm, Hansel e Gretel) ou o seu correspondente «adulto» (as referências eucarísticas, nazis e porno/sado-masoquistas) em *Rampage* (aqui, estes discursos surgem simultaneamente como «mediadores» e factores de uma sempre possível *reconversão* à infância: tanto para Charles como para Andy — a criança sobrevivente que encontra no «brinquedo» ou nos «jogos» o seu duplo).

Seja. *Perturbação originária* que apaga / baralha os caminhos da «infância» (aqueles que deviam conduzir à integração na sociedade e na idade adulta).

Mas também, num efeito de retroacção, a colocação em «crise» — numa *situação-limite* que é a do confronto com os cenários primitivos e a da possibilidade da regressão (compulsiva) à «origem» — dos personagens ou das estruturas correspondentes à idade (sociedade) adulta.

Simplificando, a questão que aqui se põe, para já, é a da *família* como unidade de reconversão dessas falhas (crises) originais do Sujeito.

E as famílias — como os personagens — *falham.*

Muito visivelmente em *Rampage:* Tony (o «inquiridor»: aquele que regressa à origem através das suas obsessivas perguntas), perde a «filha» por ausência precisamente na altura (6 meses antes do *climax/hybris* dos acontecimentos) em que Charles sai do hospício. *Troca,* portanto, *de lugares* mas, também, uma *dupla permuta:* Tony não só se projecta em Charles (embora enquanto Tony procura proceder ao «trabalho de luto» em relação a esse seu «crime» imaginário, Charles, *no real,* o venha descobrir: desoculta-o), como Charles vem *no lugar* da «filha» («encarna», à letra, o seu suposto fantasma punitivo).

No entanto, algo de semelhante sucede em *The Guardian.* Aqui permitindo a singularização de um traço compulsivo da obra de W. Friedkin. Com efeito, tanto em *The Guardian* como em *Rampage* verifica-se uma «questionação» e uma tentativa de *(re)distribuição* dos lugares» no triângulo familiar. E a questão, aqui, é a do *Pai.* Marcado como lugar do «desejo» (da Mãe/Natureza) em *The Guardian* sucessivamente marcado como lugar «falhado» (fraco: Tony, o procurador), mas também como o lugar problemático (numa 1.ª versão, o pai de Charles) de ums redefinição possível que passará pela sua *feminização:* ou seja, pela constituição de uma espécie de *Pai-Mãe* que devido à incapacidade revelada por este discurso em articular o lugar do «feminino» a não ser, negativamente, como «encruzilhada barrada» (a mãe — e as vítimas — de Charles) ou, de uma forma positiva, mas «alucinada» (o Anjo, agora diabólico, de *The Guardian)* — leva à constituição de uma célula homossexual e geminada *Pai/filho* (o «par» final de *Rampage* que vem no lugar de todas as outras «falhas»: ruptura do jovem casal, crise pessoal do procurador/Tony, suicídio — com a complacência materna — de Charles, sucessão de juízos errados ou equívocos).

E aqui basta apontar para outros filmes de Freidkin (desde *The Boys in the Band* e *The Exorcist)* que têm vindo a trabalhar a latência deste motivo: *Sorcerer,* mais visivelmente *Cruising,* exemplarmente *To Live and Die at L.A.* (filme, também ele, um constante jogo de projecções invertidas e de não-correspondidas/falhadas «permutas»).

Voltemos, então, à questão do início.

Porque *falham,* também elas, estas duas obras?

Deixemos de lado as questões de «contexto» e a da própria eventualidade de haver (ou de interessar sequer conhecê-la) uma resposta convincente para esta pergunta.

Não se trata disso. O que nos interessa é precisamente detectar os *efeitos* dessa inibição/paralisia. Na descida dos Infernos que se reencontrou: que estranha Medusa?

De facto, diferentemente do que sucedia em filmes como *Sorcerer, Crusing* ou *To Live and Die,* nestas duas obras Friedkin centra-se na própria questão das «origens»: da «legitimidade» (inaginária) da célula-familiar ou da «identidade» (com o que isso implica sempre de problemas de Identificação) do Sujeito.

A propósito de *The Guardian* podemos afirmar que a obra se dá em aberto, *irresolvida,* entre, por um lado, aquilo que designaremos como uma tendência (compulsão: repressiva) para a *camuflagem* (a figura feminina faz corpo / procura passar para a «árvore» / a Natureza, de acordo aliás com processos de «maquilhagem» natural — o «tropo» aqui é o da «Figura escondida» — utilizados recentemente em fotografia sobre o corpo do modelo Veruska) e, por outro lado, uma *explosão* imaginária e figurativa que parece querer «romper» o ecrã e *transmutar* violentamente («metamorfoseando-a») a imagem, levando-a a passar (tal como sucede com a «árvore-construção» do livro) da planitude das duas dimensões da película para uma 3.ª *dimensão (3-D)* que (ir)realizaria essa vontade (plena, sacrílega) de «presença»/«absoluto».

No caso de *Rampage,* esta insolubilidade formal e estética situa-se entre a *trivialização dinâmica* (em acto) da violência (como «passagem à acção»/«encenação» do Fantasma) — deste ponto de vista, a abertura e as cenas de violência de *Rampage* possuem a precisão maníaca (de «fazer») de *To Live an Die at L.A.* — e, por outro lado, momentos *ultra-saturados* da imagem (p. ex., a descoberta da cave de Charles) que se prolongam e segmentam em curtos *flashes* (repressivos: quer em relação a Tony, quer a Charles) que, contudo, a partir de certa altura (fase da interrogação/descida) não conseguem ir *mais-aquém* e como que «patinam» nessa situação de inibição (momento, também, do *desvio da vista)* e de paralesia.

Sobre essas *rupturas íntimas* vêm ou o discurso (filme) da «banalidade» (em que a máquina parece correr ao lado, noutro filme / bobine: *The Guardian,* a «intriga» familiar ou «policiesca» propriamente dita) ou então o «empastelar» (ruminante, repetitivo) de uma «fala» tagarela e inarticulada (toda a discussão sobre o diagnóstico psiquiátrico ou a legitimidade da aplicação da «pena capital» em geral e ao caso).

Ou seja, *The Guardian* apresenta-se como um filme *sem intriga* (ou que dela devia ter prescindido), enquanto *Rampage* constitui um filme *sem moral* (melhor, *amoral* — poupando-se, deste modo, a atabalhoada inversão de «valores» final).

Filme(s) *sem moral* e *sem intriga:* ampliações ou descargas energéticas de imagens fixas primárias e absolutas (afinal, o «segredo original» dos melhores filmes de Friedkin).

E contudo, constatada esta primeira *decepção* (formal/fílmica), levanta-se uma talvez muito mais interessante pergunta: e se essa «decepção» constituísse o «preço» a pagar, o *custo,* dessa tentativa (ainda que «falhada» — já que não vence todas as resistências) de uma *regressão* originária mais profunda e absoluta)?

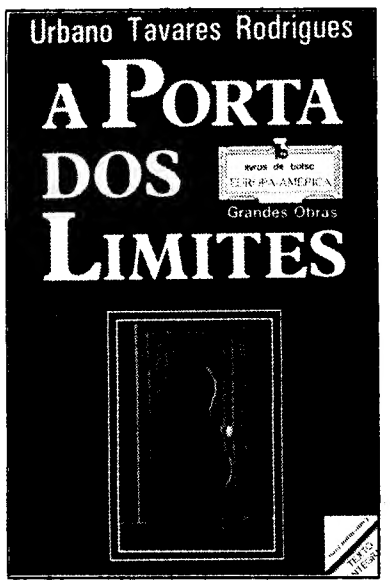
E então lembramo-nos de uma sensação de *indisposição* semelhante provocada por alguns dos últimos filmes de Hitchcock: *Marnie,* claro, mas também *The Family Plot* e sobretudo *Frenzy,* esse filme in-tocável e in-dizível...

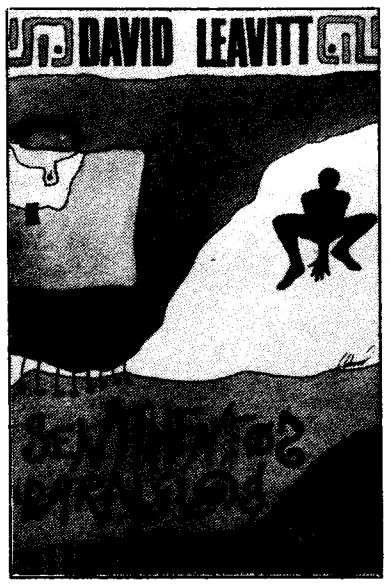
Sintoma, talvez, do nosso próprio dilaceramento (a «meio-caminho», seja) com estes filmes...

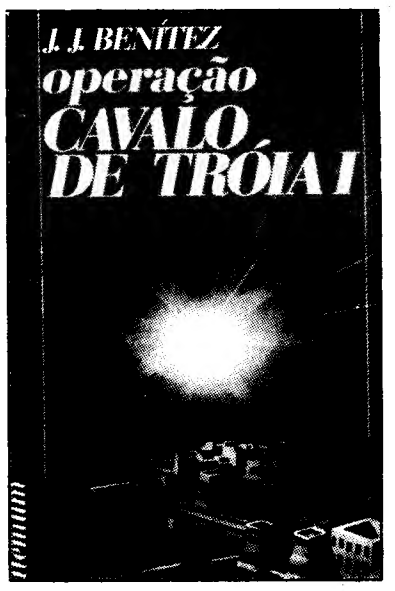
Fernando Guerreiro

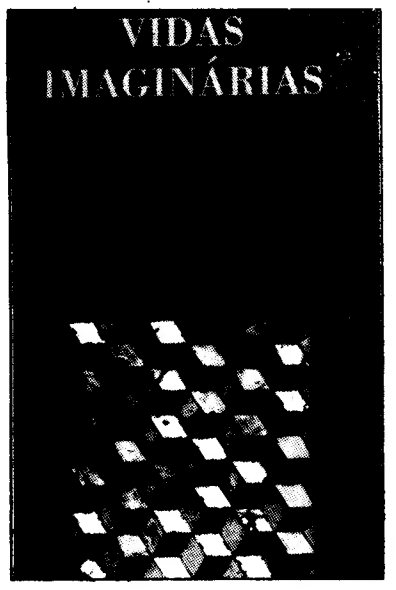
(*) Friedkin é um autor sempre muito cuidadoso com as «bandas sonoras» dos seus filmes: Tangerine Dream para Sorcerer, Wang Chung para To Live an Die at L.A., Willy de Ville (entre muitos grupos punk e alternativos escolhidos por Jack Nietszche) em Cruising . Em The Guardian, na rádio, antes de um abalo sísmico, anuncia-se «Wide Open Road» dos australianos Triffids. Quanto a Charles, afirma agir por «vagas musicais» emitidas por uma qualquer Estação do Inferno. Laurie Anderson, no seu último álbum (Strange Angels), tem uma canção com o título «Hansel and Gretel» (dedicada a Walter Benjamin). Nela, a certa altura, pode-se ouvir: «And he says: Gretel, you cant really be a bitch/He says: I've wasted my life on our stupid legend/ When my one and only love was the wicked witch».

literário









ACABADOS DE CHEGAR

A Porta dos Limites
Urbano Tavares Rodrigues
Publiações Europa-América

«Urbano Tavares Rodrigues é não só uma das personalidades mais dotadas e significativas da geração de 50 como de toda a literatura portuguesa actual. Situado na charneira entre o realismo e o existencialismo, que tanto poderia ser um lugar de permutas como de rompimentos, seduzido pela aura da literatura reivindicativa e fraternizadora, que punha na comunicabilidade um dos seus esteios, mas não menos atraído por um vanguardismo pesquisador (...)» - assim se expressa em 1974, sobre este título de UTR (agora em quinta edição), Fernando Namora, através de um prefácio que, naquele ano, foi uma comunicação apresentada, quando da saída da quarta edição, na Academia das Ciências de Lisboa. «A Porta dos Limites» é constituído por quinze histórias, ou contos, elaborados dentro daquele saber de síntese literária a que Urbano há muito nos habituou. Qualquer dos contos nos proporciona ambientes diversos, e sempre impregnados daquelas qualidades que Namora bem soube acentuar. Para os estudiosos de Literatura, mencioné-se também o prefácio de Armando Ventura Ferreira, saído quando da terceira edição, e neste volume incluído.

Sentimentos Paralelos
David Leavitt
Bertrand Editora

Saga humana de uma mulher doente em luta com os efeitos destrutivos da sua enfermidade e também em luta com o afastamento do marido e a ausência dos filhos - isto o que afirma a editora. Agora - que se leia o livro... - Tradução de Filomena Andrade e Sousa e capa de Clementina Cabral.

Djunga
Teixeira de Sousa
Publicações Europa-América

«Djunga», além de ser um romance da contemporaneidade, foge da etnografia para se aventurar no terreno psicológico e universal - lê-se em nota da editora. Recorde-se que Teixeira de Sousa foi já distinguido com os Prémios Fialho de Almeida, Claridade e Jorge Barbosa, o primeiro e o último atribuídos ao romance «Capitão de Mar e Terra», respectivamente pela Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (1986) e pelo Ministério de Cultura, Informação e Desporto da República de Cabo Verde (1988), e o segundo atribuído ao romance «Ilhéu de Contenda», pelo mesmo departamento cabo-verdiano (1988). Com «Djunga», Teixeira de Sousa alarga os horizontes da literatura cabo-verdiana, em consonância, aliás, com as mudanças ocorridas ao longo da independência do país. Em suma: um escritor cabo-verdiano que se insere também nos países africanos de língua portuguesa. - Colecção Século XX.

Operação Cavalo de Tróia I
J. J. Benítez
Difusão Cultural

Baseando-se em informações confidenciais, o autor deste livro, considerado um best-seller internacional, «revela dados novos e surpreendentes sobra a figura e a obra de Jesus de Nazaré.» Trata-se daqueles títulos que levam as editoras a escrever, por exemplo, na contracapa: «Existirão fronteiras intransponíveis entre o passado, o presente e o futuro? Um assombroso projecto norte-americano revela novos dados sobre a a figura de Jesus de Nazaré. Uma obra perturbante. Um best-seller mundial» - etc., etc., etc. E ainda: «Nas palavras do autor, «só o futuro, à semelhança do que se passou com Júlio Verne, poderá comprovar se este relato foi ou não verídico». - Tradução de Franco de Sousa e capa de António Diogo sobre ilustração de Zé Paulo.

Vidas Imaginárias
Marcel Schwob
Teorema

Em colecção designada por Teorema Breve, eis um livro que se lê de um fôlego. Diremos já porquê. Antes, porém, algumas referências sobre o autor (1867-1905): mestre da prosa simbolista com «Coeur double» (1891), fama com «Le Livre de Monelle» (1894) e com, precisamente, estas «Vidas Imaginárias»; merecedor da admiração de Mallarmé, Valéry, André Gide e Oscar Wilde. Agora, algumas considerações sobre o presente livro. Em «Vidas Imaginárias», Schwob inventou um género literário - a história-ficção - no qual combina uma prosa de virtuoso e uma enorme erudição, cuja osmose torna verosímil o relato histórico-imaginário. Que vidas...? Empédocles, Eróstrato, Cráteo, Septima, Lucrécio, Clodia, Petrónio, Sufrah, Frate Dolcino, Cecco Angiolieri, Paolo Uccello, Nicolas Loyselleur, Catarina a Rendilheira, Alin Le Gentil, Gabriel Spenser, Pocahontas, Cyril Tourneur, William Phips, Capitão Kid, Walter Kennedy, Major Stede Bonnet e M. Burke e M. Hare. - Tradução de Telma Costa e capa de marta Figueiredo.

Leituras e ideias

A RAZÃO QUE AS RAZÕES DESCONHECEM

«Guia-me só a razão.
Não me deram mais guia.
Alumia-me em vão?
Só ela me alumia.»

Fernando Pessoa

Foi recentemente editado entre nós um pequeno livro de um grande autor. Mais propriamente, de um autor que é uma espécie de Da Vinci moderno — Herbert Simon. Psicólogo de formação, Prémio Nobel da Economia em 1978, inventor da primeira linguagem de programação de alta abstracção (a Information Processing Language) e do primeiro programa de computador (o Logic Theorist), ambos em colaboração com Alan Newell, Simon participou na fundação de pelo menos quatro disciplinas científicas fundamentais: a Inteligência Artificial, A Psicologia Cognitiva, a Teoria Comportamental da Decisão e a Cognição Social.

Neste pequeno livro, resultante de um conjunto de conferências proferidas em Stanford, Simon debruça-se sobre um tema que lhe é caro e que, aliás, lhe valeu o Nobel — a crítica à pressuposição de uma racionalidade humana imaculada e perfeita. Essa pressuposição subjaz às aplicações descritivas da ubíqua Teoria da Utilidade Subjectiva Esperada.

Esta teoria dedica-se, basicamente, a prescrever o que um agente económico racional deveria fazer para tomar as melhores decisões económicas possíveis. Um agente económico deveria, segundo esta teoria, ser capaz de conhecer todas as alternativas de acção que uma dada situação permite, ser capaz de atribuir probabilidades às várias consequências possíveis das suas acções, ser capaz de ordenar as suas preferências por essas consequências e ser finalmente capaz de encontrar uma estratégia de acção que maximize os seus lucros (ou dizendo melhor: a sua utilidade subjectiva). Para se ter uma pequena ideia da complexidade deste conjunto de exigências, bastará lembrar que não existe nenhum computador capaz de aplicar rigorosamente esta teoria a um qualquer problema interessante do mundo real (ou até a um jogo, o xadrez, por exemplo). Até aqui, nada há a criticar — é importante saber o que deveria ser feito, mesmo que se não saiba como fazê-lo. O que preocupa Simon é que, em análise económica, se aceite esta teoria eminentemente prescritiva, como uma descrição válida do comportamento dos agentes económicos concretos.

E porquê, fazê-lo? Bom, segundo a perspectiva económica clássica existiriam, pelo menos três razões: a) A racionalidade substantiva dos agentes económicos é assegurada pelas condições objectivas do mercado. Agentes económicos não-racionais tendem, pelas leis da concorrência à extinção. b) Se a primeira razão é plausível, então a Economia pode prever o comportamento dos agentes económicos, apenas a partir de uma definição das condições em que estes se encontram e da dedução de estratégias de maximização da Utilidade Subjectiva. c) Se a segunda razão é aceitável, então a Economia pode descrever, prever e explicar o comportamento dos agentes económicos prescindindo da elucidação dos mecanismos psicológicos que regem esse comportamento.

A questão é que a investigação sobre os processos de tomada de decisão tem vindo a demonstrar que as capacidades pressupostas pela aplicação da Teoria da Utilidade Subjectiva Esperada, e acima descritas, estão muito longe de serem realizadas pelos agentes económicos concretos. Quer dizer, tipicamente, as nossas decisões enquanto agentes económicos baseiam-se numa pequeníssima parcela da informação disponível, não consideramos senão um reduzido número de alternativas para as nossas acções, agimos com um limitadíssimo conhecimento das consequências das nossas acções e, por último, as nossas preferências são amiúde inconsistentes.

Por isso, foi indispensável a Simon re-examinar as razões acima apresentadas para a utilização da Teoria da Utilidade Subjectiva Esperada como uma válida descrição do que nós, agentes económicos concretos, fazemos nas decisões económicas que tomamos no dia a dia.

E é assim que este livro é, fundamentalmente, uma discussão da pergunta: *«será que as sacrossantas leis do mercado nos obrigam a aceder a esse Olimpo intelectual aonde a nossa humilde condição humana nos não permite chegar?* Ou numa variação desta pergunta: *«e se não forem as leis do mercado a fazer-nos racionais, não poderá esse papel ser atribuído à não menos solene teoria Dawiniana da Selecção Natural?»*

Se quiser conhecer a resposta a estas intrigantes perguntas, caro leitor, só lhe resta ler o livro. O que tem a Razão de mais característico do que almejar discutir-se?

Algumas notas quanto à tradução. O espectro da tradução não-especializada continua a pairar nas nossas edições. Caso contrário, como compreender a tradução de «short-term memory» por «memória curta», a omissão da tradução portuguesa citadíssima ao longo do texto, do livro «Sciences of the Artificial» **As Ciências do Artificial,** Herbert Simon, Arménio Amado, Coimbra ,1981) ou de traduções como a de *«[...] we should henceforth speak of the survival of the fitter rather than the survival of the fitteste.»* (p. 49 do original) por *«[...] deveríamos, daqui em diante, falar da sobrevivência do mais adaptado e não da sobrevivência do melhor adaptado»* (p. 62 da edição portuguesa).

(Herbert Simon, **A Razão nas Coisas Humanas,** Lisboa, Gradiva, 1989, 127 págs., tradução de Maria Georgina Segurado)

Leonel Garcia Marques